



Tarso Cabral Violin

BOLSONARISMO

o Fascismo-Neoliberal Brasileiro do Século XXI



A presente obra **Bolsonarismo: o Fascismo-Neoliberal Brasileiro do Século XXI** de Tarso Cabral Violin é fruto da pesquisa de Pós-Doutorado em Direito do Estado no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo, supervisionada pelo Professor Titular Enrique Ricardo Lewandowski, que também é Ministro do Supremo Tribunal Federal, na área de concentração em Direito do Estado e Teoria Geral do Estado, na Linha de Pesquisa "Tendências do Estado Contemporâneo". O livro é essencial para estudiosos do Direito, em disciplinas como Teoria do Estado, Direito Constitucional e Ciência Política, e demais interessados no Direito Público e em temas relacionados com a Democracia. Neste livro o autor trata de forma aprofundada do fascismo, se utilizando de autores do período entreguerras até os atuais, e ainda do integralismo - o fascismo brasileiro do século XX, do neoliberalismo e do bolsonarismo - considerado o fascismo brasileiro do século XXI.

Tarso Cabral Violin é advogado em Curitiba, Professor Titular em Direito Administrativo, Direito Constitucional e Teoria do Estado, é Mestre e Doutor pela Universidade Federal do Paraná, com Pós-Doutorado em Direito do Estado no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo (USP), Vice-Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Direito do Terceiro Setor e Políticas Públicas do Programa de Pós-Graduação da UFPR, apresentador do Programa Estado e Administração Pública em Debate pela TV do Instituto Edésio Passos, e autor dos livros Terceiro Setor e as Parcerias com a Administração Pública: uma análise crítica (3ª ed. em 2015), Gestão de Serviços Públicos (2016), Democratização dos Meios de Comunicação: Estado, Direito e Políticas Públicas (2020) e **Bolsonarismo: o Fascismo-Neoliberal Brasileiro do Século XXI** (2022).



editora *fi*.org



BOLSONARISMO

BOLSONARISMO

O FASCISMO-NEOLIBERAL BRASILEIRO DO SÉCULO XXI

Tarso Cabral Violin



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Margoni

Fotografia de Capa: Paulo Whitaker/Reuters



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

VIOLIN, Tarso Cabral

Bolsonarismo: o Fascismo-Neoliberal Brasileiro do Século XXI [recurso eletrônico] / Tarso Cabral
Violin -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

159 p.

ISBN: 978-65-5917-534-5

DOI: 10.22350/9786559175345

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Política; 2. Teoria do Estado; 3. Direito Público; 4. Democracia; I. Título.

CDD: 320

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciência política 320

Dedico esse livro à minha filha amada, Rafaela Taborda Violin, e à minha mamãe querida, Roseni Cabral Violin.

Agradeço, por tudo, aos meus irmãos, familiares, amigos e ao povo brasileiro, que pagou meus estudos no mestrado, doutorado e pós-doutorado e, em especial, aos Professores Enrique Ricardo Lewandowski, Celso Antônio Bandeira de Mello, Romeu Felipe Bacellar Filho e Georghio Alessandro Tomelin.

Agradeço, ainda, aos(às) seguintes patrocinadores(as) da presente obra:

Roseni Cabral Violin, Carla Cabral Violin, Fernando Cabral Violin, Vera Karam de Chueiri, Rogério Bueno da Silva, Tatyana Scheila Friedrich, André Passos, João Luiz Costa Lopes, Alberto Emiliano de Oliveira Neto, Rafael Garcia Rodrigues, Juliano Locatelli Santos, Rodrigo de Souza Filho, Franciele Farias Coito, Thaita Thaisi Zago, Camila Kulik Pereira, Edson Ribeiro Baeta, Conceição Lemes, Jaime Iantas, Juliana Martins Pereira, Marcão Motovlog, Felipe Klein Gussoli, Silvio Cesar Machado dos Santos, Thiago Fernando Cardoso Nalesso, Leandro da Costa Zdradek, Paulo Calmon Nogueira da Gama, Fabio Augusto Mello Peres, Allana Caroline Solovi, Camila Silva Dias Crucinsky, Olindo de Oliveira, Paulo Fernando da Silva Moraes, Eyrimar Fabiano Bortot, Leonardo Carneiro Assumpcao Vieira, Maria Cecilia Ferreira, Rafaela Gonçalves de Farias, Regina Estela Venancio Borges, Wellen Pereira Augusto, Itagir Brondani Filho, Andre de Souza Vieira, Fabiana Fernandes da Silva e Vana Nogueira da Rocha.

“Democracia hoje significa lutar pela concretização dos direitos humanos”.

Enrique Ricardo Lewandowski¹

“O fascista é o segundo sargento do exército gigantesco da nossa civilização industrial gravemente doente. Não é impunemente que o circo da alta política se apresenta para o zé-ninguém: na música marcial, no passo do ganso, no comandar e no obedecer, no medo das ideias, na diplomacia, na estratégia e na tática, nos uniformes e nas paradas, nos enfeites e nas condecorações. Um imperador Guilherme foi em tudo isto simples ‘amador’, se comparado com um Hitler, filho de um pobre funcionário público. Quando um general ‘proletário’ enche o peito de medalhas, trata-se do zé-ninguém que não quer ‘ficar atrás’ do ‘verdadeiro’ general”.

Wilhelm Reich²

“Há desafios intrínsecos à própria ideia de Democracia, que é o desafio de como conciliar valores próprios da Democracia tais como tolerância, pluralismo, respeito à oposição minoritária no regime em que prevalece a maioria, como conciliar todos esses valores, com dar um tratamento que acolha eventualmente forças antidemocráticas e que se valem da Democracia para, uma vez chegando ao poder, destruir, ou pretender destruir, o próprio sistema, qual o limite da Democracia na sua própria defesa?”

Fernando Dias Menezes de Almeida³

“O fascismo implica numa exaltação dos sentidos que não ajudam o raciocínio”.

Jorge Luis Borges⁴

“Bolsonaro tem um caráter fascista.”

Ciro Nogueira (em 2017, se tornou Ministro da Casa Civil de Bolsonaro em 2021)⁵

¹ LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. A ideia de democracia na atualidade. Palestra na UFBA em 14.06.2019. Youtube do Jornal Grande Bahia. Acessado em 23.09.2020.

² REICH, Wilhelm. Psicologia de massas do fascismo, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. XVII, XIX e XX.

³ ALMEIDA, Fernando Dias Menezes de. As vulnerabilidades da Democracia brasileira. Painel 3 do XXVIII Encontro Nacional de Direito Constitucional, na faculdade de Direito de Ribeirão Preto (FDRP USP), em 19.09.2019. In: <https://youtu.be/jrFwC2qnCSU>. Acesso em 02.12.2020.

⁴ Segundo FINCHELSTEIN, Federico. Uma breve história das mentiras fascistas. São Paulo: Vestígio, 2020, p. 82.

⁵ Segundo BARRETTO JR, Walter. Bolsonaro e seus seguidores: 1.560 frases. São Paulo: Geração: 2021.

Bella Ciao⁶

Una mattina mi sono alzato
Bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao
Una mattina mi sono azalto
Ho trovato l'invasor
O partigiano, portami via
Bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao
O partigiano, portami via
Ché mi sento di morir
E se io muoio da partigiano
Bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao
E se io muoio da partigiano
Tu mi devi seppellir
E seppellire lassù in montagna
Bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao
E seppellire lassù in montagna
Sotto l'ombra di un bel fior
Tutte le genti che passeranno
Bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao
Tutte le genti che passeranno
Mi diranno: Che bel fior
E quest'è il fiore del partigiano
Bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao
E quest'è il fiore del partigiano
Morto per la libertà
E quest'è il fiore del partigiano
Morto per la libertà
Morto per la libertà
Morto per la libertà

⁶ BELLA CIAO. Canção popular italiana de autor desconhecido.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
INTRODUÇÃO	19
I	21
O FASCISMO	
I.1. DEMOCRACIA E O AUTORITARISMO PARA STEVEN LEVITSKY E DANIEL ZIBLATT.....	25
I.2. A HISTÓRIA DO FASCISMO.....	27
I.3. O QUE É O FASCISMO?.....	35
I.4. FASCISMO PARA EVGUIÉNI B. PACHUKANIS.....	45
I.5. O FASCISMO PARA UMBERTO ECO.....	53
I.6. O FASCISMO PARA MICHAEL MANN.....	56
I.7. O FASCISMO PARA JASON STANLEY.....	61
I.8. O NEOFASCISMO PARA MARIA JOSÉ FARIÑAS DULCE E MARCELO JOSÉ FERLIN D'AMBROSO.....	71
II	73
O NEOLIBERALISMO	
III	89
O FASCISMO NO BRASIL, DO INTEGRALISMO AO BOLSONARISMO	
III.1. FASCISMO E BOLSONARISMO PARA ANTONIO NEGRI.....	97
III.2. BOLSONARISMO COMO O FASCISMO BRASILEIRO DO SÉCULO XXI.....	100
III.3. NACIONAL-POPULISMO, E NÃO FASCISMO, PARA ROGER EATWELL E MATTHEW GOODWIN.....	109
III.4. CIDADES FASCISTAS.....	117
III.5. BOLSONARO E O FASCISMO.....	124
CONCLUSÕES	139
REFERÊNCIAS	146

APRESENTAÇÃO

A presente obra **Bolsonarismo: o Fascismo-Neoliberal Brasileiro do Século XXI** de Tarso Cabral Violin é fruto da pesquisa de Pós-Doutorado em Direito do Estado no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo, supervisionada pelo Professor Titular Enrique Ricardo Lewandowski, que também é Ministro do Supremo Tribunal Federal, na área de concentração em Direito do Estado e Teoria Geral do Estado, na Linha de Pesquisa “Tendências do Estado Contemporâneo”. O livro é essencial para estudiosos do Direito, em disciplinas como Teoria do Estado, Direito Constitucional e Ciência Política, e demais interessados no Direito Público e em temas relacionados com a Democracia.

Neste livro o autor trata de forma aprofundada do fascismo, se utilizando de autores do período entreguerras até os atuais, e ainda do integralismo - o fascismo brasileiro do século XX, do neoliberalismo e do bolsonarismo - considerado o fascismo brasileiro do século XXI.

O Prof. Dr. Tarso Cabral Violin é advogado em Curitiba, Professor Titular em Direito Administrativo, Direito Constitucional e Teoria do Estado, é Mestre e Doutor pela Universidade Federal do Paraná, com Pós-Doutorado em Direito do Estado no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo (USP), Vice-Coordenador do Núcleo de

Pesquisa em Direito do Terceiro Setor e Políticas Públicas do Programa de Pós-Graduação da UFPR, apresentador do Programa Estado e Administração Pública em Debate pela TV do Instituto Edésio Passos, e autor dos livros Terceiro Setor e as Parcerias com a Administração Pública: uma análise crítica (3ª ed. em 2015), Gestão de Serviços Públicos (2016), Democratização dos Meios de Comunicação: Estado, Direito e Políticas Públicas (2020) e Bolsonarismo: o Fascismo-Neoliberal Brasileiro do Século XXI (2022).

INTRODUÇÃO

Em pleno Século XXI, no pêndulo da política mundial e brasileira, há períodos democráticos, autoritários e momentos em que há riscos para a democracia. Na atualidade há movimentos autoritários e reacionários que vêm adquirindo força e adeptos, e muitas vezes são chamados de movimentos fascistas que defenderiam a institucionalização de um Estado Fascista. Entretanto, o termo “fascismo” pode ser utilizado no sentido amplo, como ideário antidemocrático, e em sentido mais estrito, com características mais específicas, como o ideário reacionário, totalitário, de Estado máximo, com a defesa de um militarismo sem críticas, armamentismo, guerra ao inimigo interno e externo, ataque à política e aos políticos, ataque às instituições democráticas, como os Parlamentos, o Poder Judiciário e à imprensa, entre outras características. E essa confusão entre os sentidos amplo e estrito ocorrem entre os doutrinadores mais clássicos, do período do início do fascismo italiano entre os anos 1920 e 1950, até entre os pensadores mais recentes. Fascismo é apenas o que ocorreu na Itália de Benito Mussolini? Ou também o que ocorreu na Alemanha Nazista e outros países europeus e no mundo? E o integralismo brasileiro? Qualquer aumento do Estado pode nos levar ao fascismo? É possível barrar o fascismo no capitalismo? No neoliberalismo há traços fascistas? E, por fim, no Brasil atual, há traços ou chances de caminharmos para o fascismo, ou pelo menos um “protofascismo”? O Bolsonarismo é fascismo, neointegralismo, neofascismo, protofascismo, ultraneoliberalismo reacionário?

Várias são as características do fascismo europeu e do integralismo brasileiro do Século XX que estão sendo replicadas no Brasil e em outros países ocidentais, o que em nosso país fere a Constituição Social e Democrática de Direito de 1988; fenômeno que já pode ser denominado de “protofascismo”, com chances de culminarmos com um fascismo do Século XXI. O presente estudo pretende subsidiar o debate brasileiro sobre o tema, sob o ponto de vista da Teoria do Estado, e analisar as contribuições da doutrina clássica e atual sobre o tema, e analisar o momento atual brasileiro, basicamente por meio de análise bibliográfica. Foram várias as questões para investigação, como Fascismo e Estado fascista são termos amplos, os quais podem englobar ideologias, governos e modelos de Estado autoritário e totalitários em geral? Ou os conceitos de Fascismo e Estado Fascista apenas devem ser utilizados para situações mais específicas? Qualquer estatismo, inclusive o socialista e o Estado de Bem-Estar Social da socialdemocracia podem levar ao fascismo? É possível barrar o fascismo no capitalismo? O Neoliberalismo contém traços fascistas? O Integralismo foi o fascismo brasileiro? Vivemos no Brasil sob um Estado Fascista, ou sob o risco de estarmos caminhando para um governo e um Estado Fascista, ou pelo menos “protofascista”? Seria uma ditadura comissária, com poderes excepcionais, transitória, com poderes limitados, que apenas suspende a Constituição, ou uma ditadura soberana, que transforma a Constituição, com poderes ilimitados e permanentes do ditador? O Bolsonarismo é fascismo ou protofascismo?

O FASCISMO

Na Teoria Geral do Estado¹ quando se estuda os regimes de governo, há os democráticos e os totalitários/ditatoriais. Os regimes não democráticos, antes denominados de despóticos, tirânicos ou absolutistas, no século XX são chamados de Estados totalitários ou ditatoriais, entre eles os governos de direita da Alemanha nazista de Hitler e da Itália fascista de Mussolini, o stalinismo soviético ou as ditaduras do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-45) e civil-militar pós-golpe de 1964 no Brasil.² Nina Ranieri entende que o totalitarismo se opõe ao

¹ Sobre Teoria do Estado é essencial o estudo de PLATÃO. A República. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973. ARISTÓTELES. A Política. Bauru: Edipro, 1995. AGOSTINHO, Santo. A cidade de Deus. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014. TOMÁS DE AQUINO, Santo. Suma Teológica. São Paulo: Edições Loyola, 2004. LUTERO, Martinho. Sobre a autoridade secular. São Paulo: Martins Fontes, 2005. MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. São Paulo: Abril, 1973. BODIN, Jean. Os seis livros da República. São Paulo: Ícone, 2011. HOBBS, Thomas. Leviatã. São Paulo: Abril, 1974. LOCKE, John. Segundo tratado sobre o governo. São Paulo: Abril, 1973. MONTESQUIEU. Do espírito das leis. São Paulo: Abril, 1973. ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do contrato social. São Paulo: Abril, 1973. HAMILTON, Alexander. O federalista. Brasília: Universidade de Brasília, 1984. TOCQUEVILLE, Alexis de. A democracia na América. São Paulo: Abril, 1973. MILL, John Stuart. O governo representativo. Brasília: Universidade de Brasília, 1981. KANT, Emmanuel. Doutrina do Direito. São Paulo: Ícone. BURKE, Edmund. Reflexões sobre a revolução em França. Brasília: Universidade de Brasília, 1982. HEGEL. Princípios da Filosofia do Direito, 2ª ed. Martins Fontes, 1976. KROPOTKIN, Piotr. A anarquia: sua filosofia, seu ideal. São Paulo: Imaginário, 2001. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. LENIN, Vladimir Ilitch. O Estado e a Revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2007. WEBER, Max. Duas Vocações. São Paulo: Martin Claret, 2004. ARENDT, Hannah. O que é política? Rio de Janeiro: Bertrand, 2018. BERLIN, Isaiah. Uma mensagem para o século XXI. POPPER, Karl. A sociedade aberta e os seus inimigos. Lisboa: Almedina, 2019. HAYEK, F. A. Direito, legislação e liberdade: uma nova formulação dos princípios liberais de justiça e economia política. São Paulo: Visão, 1985. FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder, 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. BOBBIO, Norberto. O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

² CALDAS, Camilo Onoda. Teoria Geral do Estado. São Paulo: Ideias & Letras, 2018, p. 85-90. BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política, 12ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2004. STRECK, Lenio Luiz; MORAIS, José Luis Bolzan de. Ciência Política e Teoria Geral do Estado, 8ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2014. DALLARI, Dalmo de Abreu. Elementos de Teoria Geral do Estado, 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1998. BONAVIDES, Paulo. Ciência Política, 23ª ed. São Paulo: Malheiros, 2016. SILVA, José Afonso

liberalismo pois é a expansão ilimitada do poder político, no qual a sociedade e o Estado, como organismos éticos, são superiores ao indivíduo. Para ela o conceito de Estado totalitário não coincide com os de Estado autoritário ou autocrático, embora possam ser combinados entre si, pois no Estado totalitário o poder estatal se subtrai à vontade da maioria, enquanto que no autoritário o domínio do poder é realizado em nome próprio.³ Citando Hannah Arendt, informa que ao contrário dos despotismos anteriores, os indivíduos são desunidos e formam a “sociedade de massas”, em que a preocupação com o interesse de um grupo ou de uma classe é substituído pelo interesse de cada um, sem interesses comuns e não se filiam a partidos políticos ou outros coletivos.⁴ Lembre-se que para Carl Schmitt, em seu livro *A Ditadura*, existe o conceito de ditadura comissária, da Roma antiga, uma ditadura com poderes excepcionais, transitória, com poderes limitados, que apenas suspende a Constituição, e a ditadura soberana, que transforma a Constituição, com poderes ilimitados e permanentes do ditador.⁵

da. Curso de Direito Constitucional Positivo, 25ª ed. São Paulo: Malheiros, 2005. FIGUEIREDO, Marcelo. Teoria Geral do Estado, 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2001. Carlos Marighella entendeu que o AI-5 durante a ditadura militar foi fascista. MAGALHÃES, Mário. Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 415.

³ Falcon disserta os vários entendimentos sobre totalitarismo, desde que os entendem que apenas fascismo é totalitarismo, e não o stalinismo, e outros que o nazismo foi totalitário, mas o fascismo italiano não. FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo – novas e antigas ideias. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

⁴ RANIERI, Nina. Teoria do Estado: do Estado de Direito ao Estado Democrático de Direito, 2ª ed. Barueri: Manole, 2019, pp. 41-44. Ver ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Para Arendt “os métodos do domínio total não são apenas mais drásticos” e “o totalitarismo difere essencialmente de outras formas de opressão política que conhecemos, como o despotismo, a tirania e a ditadura. Sempre que galgou o poder, o totalitarismo criou instituições políticas inteiramente novas e destruiu todas as tradições sociais, legais e políticas do país”. (p. 611).

⁵ SCHMITT, Carl. La Dictadura. Desde los comienzos del pensamiento moderno de la soberanía hasta la lucha de classes proletária. Alianza Editorial Textos, Madrid, 2009. Sobre Carl Schmitt ver BUENO, Roberto. Introdução ao pensamento e à obra de Carl Schmitt. Youtube do Sistema de Justiça e Estado de Exceção, Grupo de pesquisa Sistema de Justiça e Estado de Exceção da PUC/SP, do professor responsável Pedro Serrano. 10.08.2020. Bueno entende que fascismo, de forma mais ampla, é a organização para matar, deixar morrer e contemplar a morte em escala gigante. Sobre ditadura e

Enrique Ricardo Lewandowski entende que poder é a capacidade que algo ou alguém tem de produzir efeitos no universo físico ou no mundo social, sendo o poder social a capacidade de moldar a conduta das pessoas, numa relação entre pessoas, existindo vários tipos de poder, com o comportamento moldado por vontades distintas, que agem com maior ou menor eficácia segundo o modo com que são exercitadas, com coação, recompensa ou persuasão, e esse poder social atua com maior abrangências na política, o poder político.⁶ Lewandowski lembra que os antigos gregos denominavam de *arete* a virtude de uma pessoa a um só tempo corajosa, valorosa e honrada, com conhecimento racional do bem, e que qualquer riqueza ou coisa útil às pessoas, deriva dessa virtude, que se transforma em virtude cívica, com um alargamento da cidadania e da participação popular na gestão das *polis*. Valores transmitidos às futuras gerações por meio da *paideia*, técnica pedagógica que oferecia o conhecimento necessário para a vida em harmonia consigo mesmo e com os demais integrantes da comunidade política, ensinando a mandar e obedecer, sobre o fundamento da justiça.⁷ O fascismo e os fascistas, ao serem contrários ao iluminismo, como veremos, podem ser considerados como anti-*arete* e anti-*paideia*.

Note-se que quando se trata de Democracia, é o regime democrático explicitado por Enrique Ricardo Lewandowski, não apenas no

totalitarismo, ver também FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo – novas e antigas ideias. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

⁶ LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. Globalização, regionalização e soberania. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2004, p. 197 e 198. Max Weber entende que existem três razões que justificam a dominação, a tradicional, a carismática e a racional-legal. WEBER, Max. Economia e sociedade, 4ª ed. Brasília: UnB, 2000, p. 142-147. WEBER, Max. A política como vocação. In: WEBER, Max. Ciência e Política: duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 60. Analisamos o tema em VIOLIN, Tarso Cabral. Terceiro Setor e as Parcerias com a Administração Pública: uma análise crítica, 3ª ed. Belo Horizonte: Fórum, 2015, p. 73.

⁷ LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. Apresentação. In: LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo (Coord.). A influência de Dalmo Dallari nas decisões dos tribunais. São Paulo: Saraiva, 2011, p. 9-14.

sentido formal, mas compreende a participação do povo no poder, o sufrágio universal, o império da lei, a separação dos poderes, a garantia das liberdades públicas, o governo da maioria, a expressão das minorias, o direito de oposição, com o bem-estar público e a justiça social, não sendo atingida a democracia sem o preenchimento de certos requisitos prévios de ordem econômica e social, sem privilégios, sem iniquidade social.⁸ E para Fernando Dias Menezes de Almeida:

Há desafios intrínsecos à própria ideia de Democracia, que é o desafio de como conciliar valores próprios da Democracia tais como tolerância, pluralismo, respeito à oposição minoritária no regime em que prevalece a maioria, como conciliar todos esses valores, com dar um tratamento que acolha eventualmente forças antidemocráticas e que se valem da Democracia para, uma vez chegando ao poder, destruir, ou pretender destruir, o próprio sistema, qual o limite da Democracia na sua própria defesa?⁹

Não há dúvida sobre a onda antidemocrática que assola o mundo e o Brasil, mas será analisado se essa onda pode ser denominada de fascismo ou protofascismo. Como o fenômeno no Brasil será estudado, será importante tratar também, oportunamente, do Integralismo, chamado de fascismo brasileiro. Antes de adentrarmos no fascismo propriamente dito, a análise da Democracia e do autoritarismo deve ser realizada.

⁸ LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. Pressupostos materiais e formais da intervenção federal no Brasil, 2ª ED. Belo Horizonte, 2018, p. 126.

⁹ ALMEIDA, Fernando Dias Menezes de. As vulnerabilidades da Democracia brasileira. Painel 3 do XXVIII Encontro Nacional de Direito Constitucional, na faculdade de Direito de Ribeirão Preto (FDRP USP), em 19.09.2019. In: <https://youtu.be/jrFwC2qnCSU>. Acesso em 02.12.2020.

I.1. DEMOCRACIA E O AUTORITARISMO PARA STEVEN LEVITSKY E DANIEL ZIBLATT

Steven Levitsky e Daniel Ziblatt¹⁰ analisam a democracia e o autoritarismo nos Estados Unidos da América e em vários outros países, mostrando que a morte da democracia atualmente quase não se dá nas mãos de homens armados, como em golpes militares rápidos, como no Chile contra Allende, mas com líderes eleitos, com os regimes democráticos decaindo aos poucos, quase de forma imperceptível, como no Peru, Venezuela, Hungria ou Rússia. As Constituições e outras instituições nominalmente continuam vigentes, as pessoas votam, os jornais existem e autocratas eleitos mantêm um verniz de democracia enquanto corroem a sua essência. Informam que os Estados Unidos da América estão nesse caminho, com a eleição de Donald Trump (Partido Republicano) em 2016; e que isolar *outsiders* demagogos extremistas populares exige coragem política, o que não teve o Partido Republicano, por medo, oportunismo ou erro de cálculo, ao trazer um extremista como candidato presidencial, normalizando as eleições. Isso gerou um perigo para a democracia, quando os partidos políticos devem ser os guardiões dela, pois são a verdadeira proteção contra autoritários. Entendem que para a identificação de políticos antidemocráticos, há quatro sinais de alerta como os que: (a) rejeitam, em palavras ou ações, as regras do jogo democrático. Rejeitam a Constituição ou querem violá-la, aumento de número de magistrados na Corte Constitucional para domínio político, proibição de organizações, restrição de direitos civis/políticos básicos, golpes militares, restrição do direito de voto de minorias, protestos de

¹⁰ LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

massa destinados a forçar mudanças no governo, tentam silenciar figuras culturais e tentam minar a legitimidade das eleições; (b) negam a legitimidade dos oponentes. Descrevem seus rivais como subversivos ou opostos à ordem constitucional, rivais são ameaças à segurança nacional ou modo de vida predominante, ou são criminosos ou agentes estrangeiros; (c) toleram e encorajam a violência. Laços com gangues ou milícias, estimulam ataques a oponentes, e sem punição a apoiadores, e elogiam atos de violência do passado ou em outros países; e (d) dão indicações de disposição para restringir liberdades civis de oponentes, inclusive a mídia. Apoiam leis que restrinjam protestos ou críticas, ameaças contra rivais e elogios a medidas repressivas no passado ou em outros lugares no mundo.

Levitsky e Ziblatt informam que nenhum candidato preencheu nenhum dos quatro critérios no último século, nem mesmo Richard Nixon, mas apenas Trump.¹¹ Defendem que as salvaguardas constitucionais não

¹¹ O Chefe do Poder Executivo federal no Brasil atual parece se enquadrar em todas essas opções, pois já se manifestou contra a democracia, é contrário aos direitos humanos/fundamentais constitucionais, defendeu aumento de cadeiras no STF para poder dominá-lo politicamente, quer cortar dinheiro para ONGs ambientais contrárias às suas políticas de destruição do meio ambiente, defende o golpe militar de 1964, atacou dinheiro para a cultura para artistas adversários políticos, questionou a legitimidade das urnas eleitorais, negou a legitimidade do ex-presidente Lula de ser seu concorrente nas eleições de 2018, e entende que qualquer adversário político é subversivo ou corrupto, diz que movimentos sociais são terroristas ou contrários à segurança nacional, entende que qualquer proposta mais progressista ou liberal política é contrária à vida predominante das maiorias, entende que os médicos cubanos são agentes estrangeiros, encoraja que seus seguidores hajam com violência contra seus adversários políticos, tem ligações com as milícias do Rio de Janeiro, defende a não punição de apoiadores e familiares, elogia a ação de torturadores da ditadura militar, faz ataques sistemáticos contra as mídias que não sejam de extrema-direita e apoia aplicação de lei de terrorismo contra adversários. Ainda, Bolsonaro foi beneficiado por decisão do STF que cancelou milhões de títulos eleitorais por falta de biometria, principalmente no Nordeste, onde o então candidato tinha menos votos. Bolsonaro ainda foi beneficiado por um ataque a faca durante a campanha, o que posteriormente o nominou como ataque terrorista contra ele, o que acabou ajudando na divulgação de seu nome como uma vítima de um inimigo político. Levitsky e Ziblatt ainda informam como foi a eleição e o governo de Alberto Fujimori no Peru (com o que nos parece com muitas semelhanças com Bolsonaro), pois Fujimori não conseguiu que nenhum partido grande o indicasse, os peruanos se mostravam enojados com os partidos estabelecidos e não viam nele alguém íntimo das elites, discurso populista que capitalizava esse ódio, na posse disse que o país enfrentava a mais profunda crise de sua história republicana, à beira do colapso, com corrupção e terrorismo, era outsider, só tinha uma vaga ideia do que fazer no governo,

são suficientes para garantir a democracia, mas sim as regras não escritas, informais, que são a tolerância mútua e a reserva institucional (evitar ações que violam o espírito das leis), e essas regras começaram a ser quebradas pelos republicanos, gerando a posterior eleição de Trump. Por fim, defendem uma frente única de democratas, da esquerda a centro-direita, para que barrem os inimigos da democracia, com políticas universalistas voltadas para a desigualdade econômica, evitando políticas que apenas beneficiem minorias, para evitar estigmas raciais e ressentimentos.¹²

Mas não é qualquer autoritarismo ou ditadura que pode ser caracterizada ou denominada como fascismo, como defende Francisco José Calazans Falcon¹³ e, por isso, a importância de se estudar o tema para uma devida delimitação.

I.2. A HISTÓRIA DO FASCISMO

O fascismo surge na Itália, influenciado pela *Action Française*, idealizada por Charles Maurras, que era um monarquista neoabsolutista, capitalista, contrarrevolucionário e defendia um nacionalismo integral. A história inicial do fascismo italiano se confunde com a própria

poucos amigos entre os caciques políticos, eleito, descobriu que aqueles que havia atacado e derrotado ainda controlavam muitas alavancas do poder. Começou de forma turbulenta, com o Congresso não aprovando leis, preferia governar sozinho, a partir de seu laptop, optou por governar por decreto, xingando parlamentares e juízes, acabou dissolvendo o Congresso e virando um tirano.

¹² Rubens R. R. Casara entende que “o fascismo é cinza, monótono, enquanto a democracia é multicolorida e em constante movimento”. CASARA, Rubens R. R. Apresentação. In: TIBURI, Marcia. Como conversar com um fascista, 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016, p. 11-15.

¹³ Falcon informa que o historiador Fernando Rosas defende que regimes autoritários e fascistas são sinônimos, sendo o fascismo um fenômeno reacionário advindo da crise do capitalismo concorrencial e do Estado liberal, advindo de derrotas do movimento operário. FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo – novas e antigas ideias. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

história de Benito Mussolini - cujo pai era um socialista ateu - e inicialmente fazia parte do comitê central do Partido Socialista Italiano (PSI), mas perdeu votação interna ao defender a entrada da Itália na Aliança com o Império Alemão e Império Austro-Húngaro, renunciou ao cargo de editor-chefe do jornal oficial do partido, o *Avanti!* e fundou em 1914 seu jornal *Il Popolo d'Italia* e foi expulso do partido.¹⁴

Il Popolo d'Italia fazia parte de um movimento de esquerda de socialistas nacionalistas pró-guerra contra o Império Austro-Húngaro recém formado em 1914, o *Fascio Rivoluzionario d'Azione Interventista* (Liga Revolucionária de Ação Intervencionista), com apoio de empresários interessados nos lucros da guerra (Fiat, a fabricante de armas Ansaldo). *Fascio* (um feixe de varas, sendo que feixe é o conjunto de objetos unidos) não era um termo novo na esquerda italiana ou europeia e remete à *fasces* latina, uma ferramenta simbólica, uma lâmina de machado atada a um conjunto de varas que era carregada à frente dos magistrados romanos, um símbolo de força que nasce da união, e essa união para os romanos representava o Estado, e para a esquerda do séc. XIX representava a união do povo.¹⁵ Marianne, a mulher ícone da revolução francesa, foi retratada várias vezes com a *fasces* à mão, união solidária do povo contra a aristocracia e o clero, e grupos de italianos se

¹⁴ Seus companheiros de partido o acusaram de traidor e que ele teria recebido suborno francês para mudar de opinião (o PSI defendia neutralidade) e erguer seu próprio jornal. Mas há a depoimento de colega de Mussolini de que tenha sido apenas instinto político, e não suborno ou convicção ideológica. Sobre o tema é essencial a consulta à obra de DORIA, Pedro. *Fascismo à brasileira - como o integralismo*, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o Bolsonarismo. São Paulo: Planeta, 2020, p. 16-58.

¹⁵ Segundo Falcon os feixes foram um dos símbolos dos jacobinos franceses durante a revolução de 1789 e foram também usados durante o Risorgimento italiano; em 1890 os camponeses sicilianos formaram associações agrário-revolucionárias autodenominadas *fasci rivoluzionari* e, em 1917, surgiu o *Fascio Parlamentare*, de tendência racional radical. FALCON, Francisco José Calazans. *Fascismo - novas e antigas ideias*. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

organizavam em conjuntos chamados *fasci*, plural de *fascio*. Enquanto os austríacos ofereceram Trieste e Trentino para que a Itália ficasse neutra, a Tríplice Entente ofereceu Triste, Trentino, assim como a península da Ístria, as ilhas Dodecaneso e influência sobre a Albânia, acordado no Tratado de Londres, nunca cumprido. Saldo com três anos e meio de guerra, 600 mil mortos, um milhão de soldados feridos (22 mil incapacitados), com a perda de 7% da mão de obra masculina. Em 1919 foi assinado o Tratado de Versalhes, nos termos determinados pelo presidente estadunidense Woodrow Wilson, humilhando os derrotados e alguns vencedores, como a Itália, que ficou apenas com Triste e Trentino, o que já havia sido garantido mesmo se ela não entrasse na guerra, o que tornou o país numa nação dividida e ressentida. O final da guerra aflorou a identidade italiana, unificada há menos de 50 anos, a economia não ia bem, os latifundiários liberais dominavam o parlamento, a cisão entre esquerda nacionalista e os marxistas internacionalistas (financiados pelo governo alemão) aumentou, com aumento da insatisfação nas ruas, inclusive pessoas com ensino superior empobrecidas contrárias ao liberalismo e socialismo. Jovens voltavam da guerra sem empregos e pobres, sem moradia, com incapacidade para entrar no serviço público, concorrência com o trabalho feminino, acostumados com a hierarquia, disciplina e lealdade militar, com uma luta de classes ao contrário – nas palavras de Michels – um desejo das camadas médias de retornar à antiga e mais segura posição, a superioridade sobre o proletariado.¹⁶

O poeta Gabriele d’Annunzio juntou dois mil veteranos de guerra e partiu para Fiume (península da Ístria), que era do Império Austro-

¹⁶ Além de Doria, sobre o tema é essencial o livro de PACHUKANIS, Evguiéni B. Para uma caracterização da ditadura fascista. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 25-55 e 57-61; e ALBRIGHT, Madeleine. Fascismo: um alerta, 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2018.

Húngaro, mas que o presidente estadunidense, ao invés de ceder para a Itália, queria repassar para o novo país Iugoslávia. As tropas aliadas foram expulsas e o poeta reacionário e saudosista da Roma imperial governou o Estado Livre de Fiume por quinze meses, mas o governo italiano não quis anexar a região ao seu território. A maioria dos seus homens eram os *arditi*, soldados de elite do exército italiano na I Guerra Mundial, com camisas negras, braços inclinados e mão espalmada para baixo, na saudação romana dos tempos do Império. Deram a forma estética do fascismo.¹⁷

Enquanto isso a esquerda socialista e anarquista radicalizava com greves e esperança de uma revolução, e conquistava cadeira no parlamento e conquistas políticas. O primeiro-ministro era um político tradicional de centro. Camisas negras começam a incendiar sindicatos, sem intervenção dos *carabinieri* (polícia).

Em 23 de março de 1919, em Milão, Mussolini criou a primeira *Fascio* e começaram a existir *Fasci di Combattimento*, grupos de camisas negras que atacavam grevistas e jornais de esquerda. Mas era a esquerda que crescia eleitoralmente, com o discurso de que a burguesia foi a culpada pela guerra. Mussolini foi candidato a deputado e não se elegeu, e os socialistas ganharam fácil dos fascistas (160 mil contra 4 mil votos no país). Aos poucos os membros de cada *Fascio* começavam a ser chamados de fascistas. A *Fascio* de Ferrara, sistematizada graças ao seu líder Italo Balbo, criada em 1920, começa a crescer com apoio de grandes latifundiários e classe-média empobrecida e bem educada, queriam uma

¹⁷ Se Doria chama o poeta de reacionário, Pachukanis diz que d'Annunzio era um combinado de diversas matizes, um suposto revolucionário, que ajudou muito o fascismo e abriu caminho para Mussolini, nacionalista, chauvinista, mas que na Constituição da província de Carnaro, composta pelo poeta, encontramos direito ao trabalho, igualdade plena, estabelecimento de salário mínimo, princípio da função social da propriedade privada, conquistas da democracia e do socialismo jurídico.

solução dura contra os grevistas, pela ordem, mesmo que não viesse do governo, com mortes de vários socialistas e poucos fascistas, e terror contra sindicatos, que começaram a perder força para os fascistas. Para Pachukanis “a burguesia industrial está pronta para fazer um acordo com qualquer um que lhe convenha, apenas para estabelecer a ‘ordem’” e “a burguesia, mesmo a mais liberal, está pronta para fechar um acordo com qualquer um que lhe convenha, com qualquer condotiero, bastando que seja capaz de salvar sua sagrada propriedade” e “o fascismo entra em cena no papel desse salvador”. Em 1920 (em maio havia 100 *fasci* e 30 mil membros e dezembro 8 mil *fasci* e 150 mil membros) e 1921, inspirados na *Fascio* de Ferrara, começam as demais *fasci* a se fortalecerem no país, a influenciarem o governo, e começam a ganhar cadeira no parlamento dos socialistas, com a eleição de Mussolini e crescimento de filiados fascistas. Se opunham à burguesia e aos socialistas, esses queriam uma sociedade igualitária e sem classes, os fascistas focavam os interesses de uma nação unida. Em 1921 já deixando de lado qualquer invólucro antiplutocrático e revolucionário, abraçando o capitalismo, com o discurso de Mussolini pela “seleção dos mais valiosos, a igualdade entre os mais capazes e o sentimento desenvolvido de responsabilidade individual” (lembrando que um ano antes defendiam oito horas de trabalho, salário mínimo, seguridade social, aumento dos impostos diretos, confisco de bens de Igreja, confisco de 85% dos lucros de guerra e pesada taxaço sobre o capital), abandonaram também o discurso republicano (agora a monarquia representaria a continuidade histórica da nação) e anticlerical. Em 1922 Mussolini já tinha sob seu comando o maior exército privado do mundo, e seu alvo não eram mais os sindicatos, mas o governo. Foram assumindo a força governos municipais (vários eram

ocupados por socialistas), os socialistas ainda tentaram radicalizar as greves, mas os fascistas encerraram movimentos de esquerda. Pachukanis informa que a greve-geral de agosto de 1922 fracassa com as organizações fascistas com terror e fura-greves, ao ponto de os fascistas darem ao governo 48h para barrar a greve, se não usariam suas próprias forças. Com medo de ter menos policiais e soldados (8 mil) do que os milicianos vindos do Norte (de 60 a 100 mil), receio de não ter o apoio dos militares, que eram simpáticos aos fascistas, e medo de perder a coroa, o rei Vittorio Emanuele III, ao invés de assinar o Estado de Sítio solicitado pelo Primeiro Ministro, derrubou o premiê e convidou Mussolini para o seu lugar, que chegou ao poder e foi o mais jovem Primeiro-Ministro italiano.

Pachukanis informa que inicialmente os burgueses apoiam o golpe, Mussolini não fecha o Parlamento e a burguesia participa do governo, sendo mantida a Constituição liberal e a liberdade de imprensa. Mas Mussolini não dissolve as milícias fascistas, a torna uma instituição pública que presta juramento ao rei, mas subordinada ao líder fascista. Mussolini aprova medidas defendidas pelos burgueses, com a redução do aparelho estatal, aboliu o Ministério do Trabalho, funde o Ministério da Economia e Fazenda, suprime postos de ministros aliados, dissolve a Guarda Real, reduziu o efetivo inflado das estradas de ferro, equilibrou o orçamento, efetivou uma série de desnacionalizações (telefonía, radiotelégrafo e encomendas), aboliu o monopólio do fósforo e o imposto sobre a herança, aboliu a aposentadoria por idade, retirou a jornada de 8 horas e promoveu o aumento de uma hora diária e, com a derrota do movimento operário, permitiu a redução do salário do operário italiano a um dos menores da Europa, com o crescimento da produção e do

mercado capitalista entre os anos de 1924 e 1925, com redução do desemprego e elogio dos banqueiros e da imprensa estadunidense ao regime fascista, mas em 1926 a recessão e desemprego voltam, gerando descontentamentos. Em 1924, com o assassinato de um líder parlamentar socialista moderado após discurso duro contra o governo fascista (os fascistas temiam a publicação de documentos denunciando seus negócios sujos e extorsões de alguns bancos, segundo Pachukanis), parte importante do Parlamento composta por socialistas e liberais renunciaram, pressionando que o rei dissolvesse o Parlamento e convocasse novas eleições, que não o fez. A frágil democracia italiana foi sendo desconstruída, em 1929 os partidos foram abolidos, e o partido fascista começou a se confundir com governo e Estado, um Estado corporativista.

O parlamentarismo foi suprimido, foram extintos governos locais em comunidades com população inferior a 5 mil habitantes, substituídos por oficiais nomeados por Roma, foram proibidas sociedades secretas como a Maçonaria (para agradar o Vaticano), confiscados os bens de imigrantes, legislação que previa o afastamento de servidores públicos que no cumprimento de suas obrigações e na sua vida privada não estivessem de acordo com o governo fascista, legislação que permitia o fechamento de órgãos de imprensa, após uma advertência, e responsabilização material dos editores e tipógrafos; e uma lei de 1926 com o intuito de extinguir os sindicatos e matar definitivamente a influência da Confederação Geral do Trabalho e das associações católicas, e proibição de eleições nas organizações.¹⁸ Uma repressão legalizada e

¹⁸ Em 1925 ocorreu greve dos metalúrgicos e os fascistas foram derrotados nas eleições dos comitês de fábricas, e a legislação de 1926 instituiu o sindicato único para cada ramo de produção, e deviam ser fascistas, contribuição sindical obrigatória para o Estado e prefeituras, mesmo para não sindicalizados,

uma arbitrária, com atividade punitiva dos órgãos oficiais do Estado fascista e o trabalho paralelo dos bandos fascistas. O novo estatuto do partido fascista de 1926 previa que o fascismo “é uma milícia a serviço da nação” com um juramento para os ingressantes de cumprimento das ordens do líder não escolhido e imutável e servir a causa com todas as forças, inclusive com sangue. E os fascistas, ao fecharem toda a imprensa não fascista, expressaram com satisfação que a partir dali “devesse pôr fim na utopia estúpida de acordo com a qual cada um pode pensar com a própria cabeça”, pois “a Itália tem uma única cabeça”, um cérebro, que é o do líder, e “todas as cabeças dos traidores devem ser cortadas sem piedade”, e os traidores podem ser punidos com exclusão do partido e de todas as organizações econômicas.¹⁹

Como se verificou, o fascismo é um movimento iniciado na Itália no período entreguerras mundiais, em período de recessão econômica mundial, que acabou influenciando mudanças políticas em outros países. Falcon alerta que há os que entendem que existiu apenas o fascismo italiano, outros ampliam o fascismo para o nazismo, e existem os que ampliam como regimes fascistas outros autoritários.²⁰ Atualmente se

com proibição de organizações profissionais de militares, trabalhadores dos meios de comunicação e estradas de ferro e de professores, possibilidade da existência de sindicatos não reconhecidos sem poder de negociação e acordos, arbítrio governamental obrigatório e proibição de greves e locautes, com castigos especiais para greves políticas, com todos os conflitos entre capital e trabalho devendo ser decididos pelo Judiciário, proibição de organizações profissionais mistas com empregadores e empregados. Os industriários não queriam a existência de qualquer sindicato de trabalhadores. Pachukanis também analisa o uso de sindicatos pelegos (“amarelos”) e fura-greves pelos fascistas.

¹⁹ PACHUKANIS, Evguiéni B. Para uma caracterização da ditadura fascista. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. *Fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 25-55 e 57-61. DORIA, Pedro. *Fascismo à brasileira - como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o Bolsonarismo*. São Paulo: Planeta, 2020, p. 16-58. ZETKIN, Clara. *Como nasce e morre o fascismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

²⁰ Falcon informa que Stanley Payne e Guillermo O'Donnell não entendem que o salazarismo português foi fascismo, mas sim um autoritarismo burocrático. FALCON, Francisco José Calazans. *Fascismo – novas e antigas ideias*. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

discute se há um retorno a esse ideário no âmbito mundial, em decorrência da ascensão ao poder de governantes de vertente autoritária.²¹ São vários os autores que estudaram o fascismo, desde o seu surgimento.²²

1.3. O QUE É O FASCISMO?

As primeiras análises sobre o fascismo foram realizadas por autores como o marxista **Palmiro Togliatti**, o qual entende que o fascismo é uma disputa inter-imperialista, na qual a esquerda não precisaria se preocupar.²³

Outra autora essencial para entender o início do fascismo é **Clara Zetkin**, que em 1923 retratou o fascismo já como um movimento de massas, que aderiram ao fascismo em decorrência da ruína da economia capitalista, desiludidos, segundo ela, com os movimentos reformistas de esquerda, as camadas médias de funcionários públicos, intelectuais burgueses e os pequenos e médios burgueses, sem qualquer educação teórica, histórica ou política, junto com forças proletárias, “sem vislumbrar um futuro de esperança e luz para além do presente sombrio”, e a massa fascista foi “asilo para todos os desabrigados políticos, os socialmente desenraizados, os destituídos e desiludidos”, unidos numa comunidade, que para os fascistas é a nação, e o instrumento seria um Estado forte e autoritário, acima das diferenças entre partidos e classes.

²¹ Sobre o tema ver HORTA, Fernando. Decifrando o fascismo. Youtube do Ópera Mundi. Aula de 30.06.2020.

²² João Fábio Bertonha tem uma importante obra com vários de seus ensaios sobre o fascismo italiano, seus desdobramentos na América Latina e no Brasil, o antifascismo, os operários italianos em São Paulo, os anarquistas, o integralismo brasileiro de Salgado e Miguel Reale e a realidade na Etiópia. BERTONHA, João Fábio. Fascismo e antifascismo italianos: ensaios. Caxias do Sul: Educs, 2017.

²³ TOGLIATTI, Palmiro. Lições sobre o fascismo. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

Segundo a autora a burguesia dá boas-vindas ao fascismo, pois querem vantagem, empenhada a reconstruir a economia capitalista, estando ciente de que sozinha ela não possui os instrumentos de poder necessários para impor esse destino aos explorados e que “o proletariado agora só pode ser explorado e subjugado através do uso da força”, e como o Estado burguês perde sua capacidade financeira e autoridade moral necessária para manter a subserviência e a lealdade cega de seus escravos, precisam de força extralegal e paramilitar, a turba fascista, para terem liberdade de ação, contrariando o que está ou não inscrito nas leis, nutrindo o fascismo com poder político e dinheiro, e o Ministério Público deixa que tudo isso ocorra sem qualquer preocupação em termos de legalidade e justiça. Zetkin ainda informa que o fascismo italiano prometeu uma política econômica de taxaço do capital, mas na prática atuou em sentido contrário, assim como descumpriu várias promessas.²⁴

Muito baseado em Zetkin, **Leon Trótski** também analisa o fascismo como movimento de massas.²⁵ **Antonio Gramsci** talvez realize a análise mais aprofundada, ao retratar o fascismo não apenas como fenômeno da luta de classes, mas como uma decomposição da sociedade capitalista e democrática, também como fenômeno de características culturais

²⁴ ZETKIN, Clara. Como nasce e morre o fascismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2019, p. 37. Sobre Zetkin e o fascismo ver MATTOS, Marcelo Badaró. Mais que uma analogia: análises clássicas sobre o fascismo histórico e o Brasil de Bolsonaro, p. 17-45. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

²⁵ TRÓTSKI, Leon. Fascismo: o que é e como combatê-lo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. TROTSKY, Leon. Os pactos de Stálin com Hitler. Sobrado Verde, 2013, p. 33. Sobre Trótski e o nazismo ver MATTOS, Marcelo Badaró. Mais que uma analogia: análises clássicas sobre o fascismo histórico e o Brasil de Bolsonaro, p. 17-45. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

italianas, como por exemplo o autoritarismo paterno e dos patrões.²⁶ Também como análise inicial do fascismo devemos estudar o próprio **Benito Mussolini**, que acabou reproduzindo muito os escritos de **Giovanni Gentile**²⁷, retratando o fascismo como uma revolução de terceira via, que se opõem ao socialismo/comunismo e ao liberalismo, aproveitando da organização e arregimentação dos socialistas e a manutenção da propriedade privada liberal.²⁸ Doutrina um pouco menos rasa do que a do líder nazifascista **Adolf Hitler**.²⁹

Além das análises iniciais do fascismo, posteriormente muitos pensadores fizeram estudos sobre o tema, analisando sob a perspectiva da luta de classes, a tentativa de explicação sobre a participação de trabalhadores e sindicalistas nos movimentos fascistas, a análise se aconteceria fascismo sem capitalismo e sem democracia. Entre as explicações não marxistas, há análises psicológicas, filosóficas, culturais e morais.³⁰

Analizando os autores marxistas que estudaram e escreveram sobre o fascismo, fica uma pergunta: o fascismo surge como força radical

²⁶ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Sobre Gramsci e o fascismo ver SEMERARO, Giovanni. Gramsci e a sociedade civil: cultura e educação para a Democracia, 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 33. Sobre Gramsci ver ainda MATTOS, Marcelo Badaró. Mais que uma analogia: análises clássicas sobre o fascismo histórico e o Brasil de Bolsonaro, p. 17-45. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. Ele informa que Gramsci escreveu tanto antes de Trotsky e Zetkin sobre o fascismo quanto depois, e que Gramsci dá destaque para as forças policiais, elementos do judiciário e respaldo da burocracia para a conquista do espaço do fascismo. Sobre Gramsci ver ainda CALIL, Gilberto. Gramsci e o fascismo, p. 47-67. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

²⁷ GENTILE, Giovanni. Origini e dottrina del fascismo. Quaderni dell' Istituto nazionale fascista di cultura. Libreria del Littorio, 1990. Ver também GENTILE, Emilio. Quem é fascista? Guerra & Paz, 2019.

²⁸ MUSSOLINI, Benito. Fascismo: a doutrina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

²⁹ HITLER, Adolf. Minha luta. São Paulo: Centauro, 2001. Sobre Hitler ver ALBRIGHT, Madeleine. Fascismo: um alerta, 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2018; e RANGE, Peter Ross. 1924º ano que criou Hitler. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

³⁰ HORTA, Fernando. Decifrando o fascismo. Youtube do Ópera Mundi. Aula de 30.06.2020.

de extrema-direita contra um radicalismo revolucionário de esquerda; ou na verdade o fascismo mais avançou onde a esquerda era menos radical e mais reformista?

Sob o ponto de vista psicológico, quem melhor analisou o fascismo foi **Wilhelm Reich**, no sentido de que o fascismo é desejo e repressão, a interposição entre os mundos público e privado, quando as massas não conseguem perceber que percepção e realidade são coisas diferentes, enquanto que fascismo diz que são as mesmas coisas. O fascismo como processo de empoderamento psicológico que acontece dentro das casas, com uma família autoritária. Para Mary Higgins, Reich contesta a opinião de que o fascismo é uma ideologia ou modo de agir de um indivíduo ou de uma nacionalidade, ou de qualquer grupo étnico ou político, ou interpretações exclusivamente socioeconômicas dos ideólogos marxistas, pois para a autora, Reich entende que o fascismo é a expressão da estrutura irracional do caráter do homem médio, com necessidades biológicas primárias e impulsos reprimidos há milênios, tendo papel decisivo a família autoritária e a Igreja, e que qualquer forma de misticismismo organizado, com o é o caso do fascismo, se baseia nos anseios orgásticos não satisfeitos das massas.³¹ Para Reich, no nível superficial da sua personalidade, o homem médio é comedido, atencioso, compassivo, responsável e consciencioso. Mas o cerne biológico profundo do indivíduo se apoia no segundo nível de caráter intermediário, constituído por impulsos cruéis, sádicos, lascivos, sanguinários e invejosos, é o inconsciente/reprimido de Freud, os impulsos secundários. Na camada mais profunda, a terceira, o “cerne biológico”, sob condições sociais

³¹ HIGGINS, Mary. Prefácio à edição em língua inglesa. In: REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. XI-XIII.

favoráveis, o homem é um animal racional essencialmente honesto, trabalhador, cooperativo, que ama e, tendo motivos, odeia. Mas ao cair a máscara das boas maneiras, o que primeiro surge não é a sociabilidade natural, mas sim o nível de caráter perverso-sádico. Transportando isso para a esfera social/política, tudo o que é autenticamente revolucionário, toda a autêntica arte e ciência, provém do cerne biológico natural do homem, mas nem o verdadeiro revolucionário, nem o artista ou o cientista, para Reich em 1942, foram até aquela data capazes de conquistar as massas, ou se fizeram, não as manteve por muito tempo. Mas o fascismo, contrário ao liberalismo e à verdadeira revolução, não representa, em sua essência, nem o nível superficial nem o mais profundo do caráter, mas sim o nível intermediário das pulsões secundárias. Para ele fascismo “é a atitude emocional básica do homem oprimido da civilização autoritária da máquina, com sua maneira mística e mecanicista de encarar a vida” e “é o caráter mecanicista e místico do homem moderno que cria os partidos fascistas, e não o contrário”. Segundo o autor o fascismo não é uma característica nacional específica dos alemães ou japoneses, uma ditadura de uma pequena claqué reacionária, mas um “fenômeno internacional que permeia todos os corpos da sociedade humana de todas as nações”, não existindo “um único indivíduo que não seja portador, na sua estrutura, de elementos do pensamento e do sentimento fascista”, sendo o fascismo um movimento político que se distingue “de outros partidos reacionários pelo fato de ser sustentado e defendido por massas humanas”, e se entendemos revolução como uma revolta racional e radical, o fascismo nunca será revolucionário, sendo uma ilusão, pelo medo da verdade, um somatório de reações irracionais do caráter do homem médio, uma expressão máxima do misticismo

religioso, transpondo a religião do campo extraterreno da filosofia do sofrimento para o domínio terreno de assassinio sádico, sendo a mentalidade do “zé-ninguém”, que é subjugado, sedento de autoridade e revoltado, sendo que todos os ditadores fascistas são oriundos do ambiente reacionário do zé-ninguém: “o magnata industrial e o militarista feudal não fazem mais do que aproveitar-se deste fato social para os seus próprios fins, depois de ele se ter desenvolvido no domínio da repressão generalizada dos impulsos vitais”.

Parecendo até prever a existência de Bolsonaro, Reich diz que sob forma de fascismo, a civilização autoritária e mecanicista colhe no zé-ninguém reprimido aquilo semeado nas massas de seres subjugados, por meio do misticismo, militarismo e automatismo em séculos, e o zé-ninguém observou bem o comportamento do grande homem e o reproduz de modo distorcido e grotesco, “o fascista é o segundo sargento do exército gigantesco da nossa civilização industrial gravemente doente. Não é impunemente que o circo da alta política se apresenta para o zé-ninguém: na música marcial, no passo do ganso, no comandar e no obedecer, no medo das ideias, na diplomacia, na estratégia e na tática, nos uniformes e nas paradas, nos enfeites e nas condecorações. Um imperador Guilherme foi em tudo isto simples ‘amador’, se comparado com um Hitler, filho de um pobre funcionário público. Quando um general ‘proletário’ enche o peito de medalhas, trata-se do zé-ninguém que não quer ‘ficar atrás’ do ‘verdadeiro’ general”.³²

Reich conclui com uma concepção mais ampla de fascismo, que seria uma forma muito particular de dirigir e influenciar as massas, um

³² REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. XVII, XIX e XX.

regime autoritário, com sistema de partido único (totalitário), o poder diante dos interesses objetivos, distorção política dos fatos, etc., podendo, para ele, existir judeus fascistas ou até democratas fascistas.³³

No âmbito filosófico **Hannah Arendt**, em “As origens do totalitarismo”, trata da banalização do mal, o processo de desumanização do outro, quando a pessoa não vê mais problema em causar o mal ao outro. O fascismo não é racional, sem consciência de consequência dos seus atos. Poderia ter sido hoje, mas a autora escreveu em 1950: “Nunca antes nosso futuro foi mais imprevisível, nunca dependemos tanto de forças políticas que podem a qualquer instante fugir às regras do bom senso e do interesse próprio – forças que pareceriam insanas se fossem medidas pelos padrões dos séculos anteriores”. Para ela “os movimentos totalitários objetivam e conseguem organizar as massas – e não as classes” e “são possíveis onde quer que existam massas que, por um motivo ou outro, desenvolveram certo gosto pela organização política. As massas não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica articulação de classes que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis. O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder do voto”. Arendt diz “que os movimentos totalitários usam e abusam das liberdades democráticas com o objetivo

³³ REICH, Wilhelm. Psicologia de massas do fascismo, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 199.

de suprimi-las”, que “a sociedade competitiva de consumo criada pela burguesia gerou apatia, e até mesmo hostilidade, em relação à vida pública”, que “somente se tivesse vencido a guerra, a Alemanha teria conhecido um governo totalitário completo” e conclui: “O totalitarismo no poder invariavelmente substitui todo talento, quaisquer que sejam as suas simpatias, pelos loucos e insensatos cuja falta de inteligência e criatividade é ainda a melhor garantia de lealdade”.³⁴

No aspecto cultural, **George Mosse** trata da institucionalização da ideologia, do nacionalismo como antirracionalismo e a construção no século XIX da ideia de pátria. Pátria não como população, não como povo, mas definida pelos poderosos, com emoção pela bandeira do país, mas sem sensibilidade social, a Pátria que acolhe e é acolhida, exige participação, mas te protege.³⁵ No aspecto moral, **Renzo de Felice** elaborou a melhor biografia de Benito Mussolini. Trata do fascismo como movimento, sem criticar negativamente, e como regime, com críticas negativas. Como uma revolução das expectativas de classe média, uma espécie de “Mussolinismo”, como componente moral.³⁶

Há também muitos autores contemporâneos sobre o fascismo. **Karl Polanyi** é essencial ao tratar como funciona o fascismo, uma espécie de religião política, com ruptura definitiva entre o capitalismo e a democracia, sem uma divindade, mas apenas a Pátria e o Estado.³⁷ **Theodor W. Adorno**, em obras como “Ensaio sobre psicologia social e psicanálise” e “Liderança democrática e manipulação de massas” trata

³⁴ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 11, 436-441 e 473.

³⁵ MOSSE, George. *A Crise da Ideologia Alemã: origens intelectuais do Terceiro Reich*.

³⁶ DE FELICE, Renzo. *Explicar o fascismo*. Edições 70, 1976. Outra obra essencial sobre Mussolini é SCURATI, Antonio. *O filho do século*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

³⁷ POLANYI, Karl. *Sobre o fascismo*. Editora Terra sem Amos.

da personalidade autoritária, da criação da escalada fascista, do antissemitismo, do conservadorismo, do autoritarismo, do cinismo, da projeção, da autodestruição e da sexualidade. **Seymour Lipset** (*Political Man: The Social Bases of Politics*) entende que fascismo é sinônimo de extremismo, e pode ser de esquerda ou direita, mas com argumento fraco. **Ernst Nolte** (“Fascismo e comunismo”, junto com François Furet), sobre o fascismo como resistência à transcendência, que toda a estrutura social é fazer com que o ser-humano consiga entender sua posição, que o fascismo é questão menor, do não saber, do conservadorismo, do não mudar, do não fazer, do não querer olhar para trás na caverna do Platão, um fenômeno meta-político.³⁸ **Roger Griffin** (*The Nature of Fascism*) trata o fascismo como um extremismo nacionalista como forma de segmentação e reconstrução da nação após um período de crise, e enfatiza a criação do mito fascista, a Nação para separar, o que acaba gerando minorias políticas que apoiam o nazismo. **Deleuze e Guattari** (*O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*) estudam o fascismo em nós mesmos, os micros fascismos, com uma aproximação com a psicanálise, sobre como as massas podem desejar ser reprimidas e o cuidado que se deve ter para que sociedades aparentemente sãs não virem fascistas. Para eles, sociedades sãs, nas quais as instituições funcionam, há um controle das características fascistas; e o fascismo combinaria com o

³⁸ Horta gosta da análise de Nolte, mas esse foi bastante questionado por historiadores, que o acusam de tentar justificar o fascismo. HORTA, Fernando. Decifrando o fascismo. Youtube do Ópera Mundi. Aula de 30.06.2020. Quem também analisa a obra de Nolte é Falcon, que informa que Nolte entende que o comunismo e o fascismo expõem, de maneira radical, as contradições do liberalismo, pois o extremismo universalista do bolchevismo provoca o extremismo particularista do nazismo, sendo o fascismo antimarxista e o nazismo um fascismo radical. FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo – novas e antigas ideias. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28. Sobre uma crítica a Nolte e a Heidegger, ver FARIAS, Víctor. Heidegger e sua herança: o neonazismo, o neofascismo e o fundamentalismo islâmico. São Paulo: É Realizações, 2017. Farias entende que Nolte é um historiador medíocre e informe que Nolte teria dito, entre outras coisas, que “não posso negar que no nacional-socialismo houve elementos positivos” (p. 42-43).

liberalismo, no qual há esfera pública e privada, e não precisaria entrar na pública, com uma repressão do Estado e psicológica. **Madeleine Albright**, cuja obra é um pouco mais política do que científica, usa o termo fascismo para vários regimes, de forma muito ampla, na esquerda e na direita,³⁹ sendo tudo o que não é capitalismo liberal. Para ela, “o que torna um movimento fascista não é a ideologia, mas a disposição de fazer tudo o que for necessário – inclusive lançar mão de força e atropelar os direitos dos outros – pra obter a vitória e a obediência às ordens”. Preocupada durante o governo Trump, disse que “enxergo o fascismo e as políticas fascistas como ameaças mais violentas à liberdade, à prosperidade e à paz internacionais do que em qualquer outro momento desde a Segunda Guerra Mundial. Mais uma vez, sou levada à minha definição de um fascista como alguém que alega falar em nome de toda uma nação ou um grupo, não tem preocupação alguma com os direitos de terceiros e está disposto a lançar mão de violência e quaisquer outros meios necessários para atingir as metas que porventura tenha”.⁴⁰

George Orwell entende que não existe apenas um fascismo e há bastante confusão no tema, pois nem todo fascismo é belicoso no sentido de resolução dos problemas econômicos por meio de guerras e conquistas, como em Portugal ou nas ditaduras sul-americanas, e em nem todos ocorreu o antissemitismo. Em 1944 ele ainda não conseguia definir o termo de forma satisfatória, sendo contra o uso do termo apenas como um palavrão.⁴¹ Note-se que **Giorgio Agamben** alerta que,

³⁹ Pedro Cardoso também defende que há fascismo de direita e de esquerda. CARDOSO, Pedro. Pedro Cardoso Eu Mesmo: em busca de um diálogo contra o fascismo brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 147 e 106. Para ele “o fascista é um impotente”. Obra citada, p. 147.

⁴⁰ ALBRIGHT, Madeleine. Fascismo: um alerta, 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2018, p. 233 e 247.

⁴¹ ORWELL, George. O que é fascismo? E outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 85-89. Sobre o nazismo, Orwell informa que a esquerda e a direita concordavam na noção de que o

tecnicamente, o fascismo e o nazismo não foram ditaduras, uma vez que tanto Mussolini quanto Hitler foram investidos ou nomeados chefes de governo pelos legítimos chefes de Estado da Itália e Alemanha. Para ele, o que caracteriza tanto o regime fascista quanto o nazista é o fato de terem deixado subsistir as Constituições vigentes, fazendo acompanhar, num Estado Dual, a Constituição legal de uma segunda estrutura, não formalizada juridicamente, que existia ao lado da outra graças ao Estado de Exceção.⁴²

1.4. FASCISMO PARA EVGUIÉNI B. PACHUKANIS

O jurista russo Evguiéni B. Pachukanis, considerado o mais importante teórico marxista do Direito, escreveu entre as décadas de 1920 e 1930 textos essenciais sobre o fascismo, até ser morto pelo regime stalinista, artigos reunidos no Brasil na obra “Fascismo”.⁴³ Entende que o fascismo é uma ideologia que defende o poder forte, a disciplina e a

nacional-socialismo era tão somente uma versão do conservadorismo e que mesmo depois de Hitler no poder a esquerda ainda proclamava que Hitler não tinha importância e que o “fascismo social”/democracia liberal era o verdadeiro inimigo. E que Hitler foi financiado pela indústria pesa para esmagar o socialismo e o comunismo, que ele seria o herói que se autossacrificava para lutar sozinho contra todas as impossibilidades, e que enquanto o socialismo e o capitalismo (mesmo que mais relutante), oferecem uma vida boa, Hitler ofereceu luta, perigo e morte, e mesmo assim a nação se atirou a seus pés. Obra citada, p. 27-35. Lembre-se que o Partido Nazista é criado em 1921, chega ao poder em 1933 e com Hitler como ditador em 1934.

⁴² AGAMBEN, Giorgio. Estado de exceção. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 75 e 76.

⁴³ PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020. PACHUKANIS, Evguiéni B. Para uma caracterização da ditadura fascista. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 25-55. PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 57-61. PACHUKANIS, Evguiéni B. A crise do capitalismo e as teorias fascistas do Estado. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 63-87. Sobre o autor e seus textos sobre fascismo ver MASCARO, Alysson Leandro. Prefácio. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 9-24; MAGALHÃES, Juliana Paula. Orelha. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, orelha; e MASCARO, Alysson; MAGALHÃES, Juliana Paula. Fascismo, de Pachukanis. Youtube da TV Boitempo. 05.11.2011. In: <https://www.youtube.com/watch?v=-aKEXFQiWoc>, acessado em 04.01.2021. ver ainda MAGALHÃES, Juliana Paula. Análise estrutural do fascismo: breves apontamentos. In: https://blogdaboitempo.com.br/2020/11/03/analise-estrutural-do-fascismo-breves-apontamentos/#_ednref12. Acesso em 18.05.2022.

ordem, uma ditadura dos grandes industriais e do capital financeiro (e seus subordinados da pequena burguesia da juventude acadêmica da intelectualidade técnica e de servidores públicos), e não da pequena burguesia de artesãos de lojistas ou dos latifundiários, e nele a dominação de classe não se apresenta apenas como a sujeição de uma parte da população à outra, mas assume a forma de uma dominação estatal oficial. Para ele o fascismo não é uma doutrina intelectual ou filosófica, pois tem natureza primitivista com caráter fragmentado e contraditório, sendo influenciado pelo elitismo, aristocratismo, chauvinismo, nacionalismo, antissemitismo, etc. O fascismo de Mussolini desprezava as doutrinas, os princípios e os programas, tinha propostas práticas, e seguia um caminho negacionista contra a doutrina socialista e democrática e contra a Revolução Francesa, sendo pouco original, pois os reacionários já eram contrários a essa revolução.

Pachukanis tem um conceito mais específico de fascismo, não alargado, com ações de repressão mediante arbitrariedade, perseguições, prisões, mortes, destruições e condenações empreendidas não apenas pelos órgãos oficiais do Estado, **mas também pelos bandos fascistas milicianos**, enquanto que no bonapartismo e em outras ditaduras a repressão é legalizada, como para ele, na época, era a Hungria, Bulgária, Espanha, Lituânia, Polônia, e até a Alemanha no momento pós-primeira guerra, que ainda buscava salvar suas instituições estatais, enquanto que na Itália o poder estava no partido fascista. O fascismo, quando no poder, atua como um **Estado dentro do Estado**, que não se estabiliza com uma burocracia impessoal, mas como uma organização que dita sua vontade ao governo ou simplesmente ocupa lugares nos órgãos estatais

e, por isso, ao contrário da expectativa do grande capital e da burguesia liberal, Mussolini não suprimiu nem dissolveu as milícias fascistas.

Como já informado, para Pachukanis, entre os subordinados apoiadores dessa ditadura do grande capital que é o fascismo, estão os **servidores públicos**. Informa que os teóricos fascistas diziam que se a Burocracia indicaria a queda das ideias feudalistas e medievais de Estado, a burocracia fascista não submetida a uma “desintegração revolucionária” seria a portadora de uma encarnação das ideias do antigo Estado alemão e a ideia de comunidade, o que parece ser algo anti-iluminismo e antirrevoluções burguesas como a Francesa, Inglesa e estadunidense: “essas fantasias reacionárias dos estudiosos burgueses mostram que a burguesia deixou de acreditar nos princípios de livre concorrência que defendia, no parlamentarismo, e que se esforça para vestir o trapo semirreto da ideologia medieval, feudalista”.

Mas quando da implantação do fascismo no Estado e na Administração Pública, o regime não se estabiliza com uma burocracia impessoal de servidores públicos profissionalizados, mas como uma organização miliciana que manda no governo, no Estado e na Administração Pública. Inclusive, é criada lei que prevê o afastamento de servidores públicos que no cumprimento de suas obrigações e na sua vida privada não estivessem de acordo com o governo fascista.

O jurista critica análises de que o fascismo é o enfraquecimento do Estado e de suas instituições em favor das organizações, associações e milícias armadas fascistas, visão que pode levar a luta antifascista a uma volta à defesa do Estado burguês, pois o autor defende a tomada do poder estatal para o fim do próprio Estado. Para ele as milícias fascistas não estão dissociadas das instituições estatais, pois essas não se

enfraquecem, pois há uma majoração do poder estatal, aumentando o aparato para a guerra, a repressão/intimidação, a salvação dos bancos e a dependência da população miserável de assistenciais estatais mínimas (“migalhas miseráveis do serviço social”), citando a até o caso brasileiro de destruição do café, para salvar o capitalismo, enquanto pessoas passam fome. Ele entende, inclusive, que os sociais-democratas se associam com o fascismo, chama aqueles de social-fascismo, assumindo uma leitura stalinista em texto de 1931.⁴⁴ Critica os autores que diferenciam **sociedade** (*Gesellschaft*), advinda de relações artificiais e individualistas, com tensões mútuas e que se orienta por estratégias futuras e pelo lucro; de **comunidade** (*Gemeinschaft*), resultante de vínculos orgânicos coletivos, laços sanguíneos e que se funda nas tradições do passado. O absolutismo, o fascismo e o bolcheviquismo seriam todas ditaduras que valorizariam a comunidade contra a sociedade. Mas para Pachukanis esse conceito de comunidade afasta a possibilidade da luta de classes, amálgama o todo social e impede conflitos na sociedade capitalista.

Para o autor apenas a superestrutura está em questão no fascismo (contra o sistema parlamentar, a democracia, as liberdades e o campo político), sendo que o capitalismo e a exploração burguesa permanecem intocados, sendo substituídos os partidos políticos por organizações terroristas do capital, paramilitares e militares.⁴⁵

Critica os teóricos que tentam relacionar as políticas de extrema direita com o marxismo, com a propalada semelhança na política (Marx

⁴⁴ PACHUKANIS, Evguiéni B. Como os sociais-fascistas falsificaram os soviets na Alemanha. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 89-117.

⁴⁵ Madeleine Albright alerta que “sem apoio milionário, provavelmente nunca teríamos ouvido falar do cabo Mussolini ou do cabo Hitler”. ALBRIGHT, Madeleine. Fascismo: um alerta, 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2018, p. 233.

também criticava a democracia burguesa – apenas não valorizava o Estado) e nos princípios econômicos (capitalismo de Estado reformista).

Para ele o fascismo italiano é uma ditadura de um líder, de dominação pura, enquanto que no nazismo a ideia de domínio parte do princípio da comunidade, da subordinação orgânica da parte ao todo.

Por fim, Pachukanis critica a socialdemocracia (chamada por ele de social-fascismo) que bloqueou a revolução socialista alemã com a República de Weimar, salvou o capitalismo e depois foi destruída pelo Nazismo.

A característica talvez mais marcante do fascismo, para Pachukanis, é o uso da organização de massa, além da organização disciplinada, construída à maneira da guerra. Luta pelo poder, por todos os meios, incluindo os que violam a legalidade existente. Alimentada da luta e conflito constantes entre fascistas e antifascistas, uma ditadura partidária, o que o diferencia de outras ditaduras ou autoritarismos, como o bonapartismo do golpe francês de 1851, calcados no exército.

O fascismo persegue e enfraquece partidos de esquerda na Itália que eram fortes por meio de vários governos municipais e sindicatos ativos em lutas e greves, aglutina o grande capital e latifundiários, quando toma o poder, afasta revoluções e defende um poder forte e a liberdade de circulação do capital, com rebaixamento salarial e crescimento na produção, sem reorganizar a economia em termos de um nacionalismo econômico soberano, permitindo desnacionalizações, com imperialismo internacional em sintonia com o imperialismo inglês a serviço do interesse do capital. Para Pachukanis “a essência do fascismo é a ofensiva aberta contra a classe operária com todos os métodos de coerção e de violência; é a guerra civil contra os

trabalhadores” e as críticas fascistas ao capitalismo não são com relação à exploração e não querem derrubar o poder do capital.

Para o jurista o socialismo não será gestado pelo capitalismo de Estado burguês, pelo Direito ou por instituições, e quando a dominação burguesa for ameaçada, mais ela precisará do Estado de Direito que se transformará em sombra incorpórea até que o agravamento excepcional da luta de classes revele a essência do poder como violência organizada de uma classe sobre as outras, quando o humanismo da burguesia dá lugar ao apelo à severidade, a uma mais ampla aplicação da pena de morte. Segundo o autor o fascismo não é apenas um fenômeno localizado no Estado, mas também no tecido político e social contra a classe trabalhadora, servindo de âncora de salvação dos grandes capitalistas. Para Alysson Leandro Mascaro “é verdade que a burguesia, no limite, teme o poder arbitrário do fascismo, mas os benefícios da quebra dos movimentos dos trabalhadores fazem-na aceitar um governo subordinado a uma hierarquia dirigida pelo líder fascista”.

No entreguerras Pachukanis já deixava claro que o regime de guerra não conseguiria se estabilizar em longo prazo, e para ele a solução do fascismo não é o capitalismo, mas sim o socialismo, mas defende o combate ao fascismo mesmo quando a classe trabalhadora não esteja madura para a revolução proletária.

Se o fascismo, além de anticomunista/socialista, é antiliberal, por que a burguesia apoiou o fascismo? Pachukanis pergunta “se a sociedade burguesa não estava ameaçada por um perigo direto, por que, ainda assim, foi estabelecida uma ditadura fascista?” e informa que a marcha de Roma foi organizada de acordo com os líderes dos partidos

nacionalistas, representantes dos grandes proprietários e dos bancos, com o rei e com o alto-comando militar, sendo que os liberais rapidamente tomaram parte do golpe, com a esperança de que Mussolini rapidamente voltaria aos métodos constitucionais.

O autor critica teóricos liberais que comparam fascismo e bolchevismo, como Kelsen, o qual diz que os dois repousam sobre um único e mesmo princípio: uma minoria eleita que dita a vontade dos demais diferencia fascismo de comunismo. Para Pachukanis, por mais que tanto o comunismo-leninista quanto o fascismo critiquem no conteúdo a democracia burguesa, na forma o comunismo se revela como ditadura de classe do proletariado para estabelecer um novo sistema de relações produtivas, enquanto que a ditadura fascista é totalmente distinta na medida que é uma tentativa de manter as formas sociais capitalistas, buscando retardar seu definhamento: “o fascismo é fruto do estágio imperialista do desenvolvimento capitalista, no qual este último manifesta traços de estagnação, parasitismo e decadência” e “no lugar do entorpecente social-reformista, coloca-se a demagogia fascista como meio de dominação de massas”. Assim, para Mascaro, “não basta a coincidência pontual de alguma crítica para estabelecer uma equivalência”, pois é radical a distinção na forma, “a ação política revolucionária em vista da superação das formas capitalistas *versus* a ação política reativa que busca saltar essas mesmas formas”. E Pachukanis dizia que na Itália fascista não havia forças para fazer cair o fascismo, e “nenhum regime, não importa o peso de seus crimes, quão grandes eles foram, jamais caiu devido a eles”.

Para Pachukanis é uma “insanidade científica” dos teóricos nazistas dizerem que nazismo e comunismo são semelhantes na questão

da ditadura, pois o fascismo, para ele, “tem sua própria posição especial em relação à burguesia, ao Estado burguês, à democracia burguesa”.

Enfim, para Pachukanis a ditadura fascista é diferente de outras ditaduras e a palavra não deve ser banalizada; nem todo movimento de extrema-direita é fascista e a extrema-esquerda é o oposto de extrema-direita.⁴⁶ Analisa como é o fascismo e nazismo no Estado, informa que os revolucionários alemães em 1919 (Rosa Luxemburgo) são dizimados pelos socialdemocratas que estavam no poder, sendo que a centro-esquerda puxou o tapete da esquerda, o que gestou o campo para o surgimento do nazismo. O fascismo é o Estado paralelo por meio das milícias, é uma ditadura do capital, tem natureza primitivista (organização para a guerra, parte da burguesia, burocracia e acadêmicos que se identifica com o fascismo, e depois as massas), é contraditório, pois a burguesia se sente desconfortável; a saída não se dá por meio do Direito, do Estado e das instituições burguesas e não bastaria um retorno aos ideais humanistas.

O autor ainda informa que os fascistas questionam as eleições com votação secreta e a imprensa, e que Hitler teria dito que “trinta centímetros de granada (...) soam mais forte do que mil jornais de judeus sujos”.

O autor também critica o capitalismo de Estado (“regulação pelo Estado burguês do capitalismo”), que é interpretado como um estágio superior de desenvolvimento das forças produtivas, “quando na verdade, na atuação histórica, o capitalismo de Estado não apenas expressa um estágio superior do desenvolvimento das forças de

⁴⁶ Mas claro que fascismo é um movimento de extrema-direita, conforme FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo – novas e antigas ideias. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

produção, mas ainda um estágio superior do agravamento da contradição”, no qual se manifesta de forma vívida a doença, a impotência e a decomposição do capitalismo, critica o reformismo e “qualquer uma das tentativas de intervir nas relações econômicas, de regular o capitalismo, apenas agrava ainda mais todas essas contradições”. Alerta também que o discurso nazista/fascista contra o capitalismo é demagogia e demagogia, pois têm laços estreitos com o capitalismo monopolista.

1.5. O FASCISMO PARA UMBERTO ECO

Umberto Eco alerta que se pensamos nos governos totalitários europeus do período pretérito à segunda grande guerra mundial, “seria muito difícil que, em circunstâncias históricas tão diversas, retornassem sob a mesma forma”, que a direita de hoje tem muito pouco a ver com o velho fascismo e não entende que “o velho nazismo, em sua forma original, esteja ressurgindo como movimento capaz de mobilizar uma nação inteira”, mas que existe outro fantasma rondando o mundo. Para ele “o fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições”, mas era uma confusão estruturada, sob o ponto de vista emocional firmemente articulado a alguns arquétipos, com a prisão e morte de adversários, suspensão da liberdade de imprensa, sindicatos desmantelados, Poder Legislativo como pura ficção, e o Poder Executivo

que controlava o Judiciário⁴⁷ e a mídia e que promulgava diretamente as leis, inclusive com a defesa do Holocausto.⁴⁸

Eco chama de “Ur-Fascismo” ou “fascismo eterno” essa confusão não sistemática, muitas vezes contraditória, quando se apresenta uma das seguintes características: (a) culto da tradição, no sentido de que não pode existir o avanço do saber; (b) tradicionalismo com a recusa da modernidade (irracionalismo), com rejeição à revolução francesa e estadunidense, sendo o iluminismo e a idade da razão vistos como o início da depravação moderna; (c) irracionalismo depende do culto da ação pela ação, com a ação devendo ser realizada antes de e sem nenhuma reflexão. Uso de expressões como “porcos intelectuais”, “cabeças-ocas”, “esnobes radicais”, “universidades são um ninho de comunistas”, com suspeitas em relação ao mundo intelectual, com intelectuais fascistas oficiais empenhados principalmente em acusar a cultura moderna e a Inteligência liberal de abandono dos valores tradicionais; (d) desacordo é traição, pois o espírito crítico opera distinções, e distinguir é um sinal de modernidade. Mas na cultura moderna, a comunidade científica percebe o desacordo como instrumento de avanço dos conhecimentos; (e) busca consenso utilizando e exacerbando o natural medo da diferença (o desacordo é um sinal de diversidade), contra os intrusos, racista por definição; (f) provém da frustração individual ou social, apelo às classes-

⁴⁷ Segundo Georgio Tomelin, hoje existiria um Estado Jurislador, com um Poder Judiciário com função normativa, apontando alguns cuidados para que isso seja democrático e não autoritário. TOMELIN, Georgio. O Estado Jurislador. Belo Horizonte: Fórum, 2018.

⁴⁸ ECO, Humberto. O fascismo eterno. Rio de Janeiro: Record, 2018, p. 22, 23, 32 e 39. Na Itália o art. 21 da Constituição de 1947 prevê a liberdade de expressão, ao garantir a todos o direito de manifestar o próprio pensamento por meio da palavra, da escrita ou qualquer outro meio de difusão, com a preocupação de barrar o controle estatal da imprensa instaurado pelo fascismo. VIOLIN, Tarso Cabral. Democratização dos Meios de Comunicação: Estado, Direito e Políticas Públicas. Porto Alegre: Fi, 2020, p. 196.

médias frustradas (velhos proletários que se transformaram em burguesia), desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão de grupos sociais subalternos; (g) nacionalismo com a obsessão da conspiração internacional, pois o único privilégio é o mais comum de todos, ter nascido em um mesmo país, os únicos que podem fornecer uma identidade às nações são os inimigos, apelo à xenofobia, seguidores se sentem sitiados. Mas conspiração pode vir também do interior, como por exemplo os judeus; (h) adeptos devem se sentir humilhados pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo (ingleses, judeus, etc.), e devem ser convencidos de que podem derrotar o inimigo. Inimigos são ao mesmo tempo fortes demais e fracos demais. Fascismos estão condenados a perder suas guerras, pois incapazes de avaliar com objetividade a força do inimigo; (i) não há luta pela vida, mas antes vida para a luta, pacifismo é conluio do inimigo, é mau, porque a vida é uma guerra permanente. Mas há contradição, pois se inimigos forem derrotados o movimento assumirá o controle do mundo, com paz; (j) elitismo popular/de massa, com desprezo pelos fracos, os membros do partido são os melhores, com líder que conquista o poder pela força, com as massas débeis que merecem um dominador, com hierarquia militar, com líder desprezando seus subalternos; (k) cada um é educado para se tornar herói, com culto da morte, mas sua impaciência provoca com maior frequência a morte dos outros; (l) desdém pelas mulheres (machismo) e condenação intolerante a hábitos sexuais não conformistas (da castidade à homossexualidade), pois guerra permanente e heroísmo são jogos difíceis de jogar, com transferência da sua vontade de poder para questões sexuais. Como sexo também é jogo difícil, o fascista joga com as armas (objeto fálico); (m)

populismo qualitativo, pois os indivíduos enquanto indivíduos não têm direitos, o líder se apresenta como o intérprete da vontade comum do povo, que não age por ter perdido seu poder de delegar. Oposição aos pútridos governos parlamentares; (n) textos pobres e elementares (novilíngua de Orwell).⁴⁹

Muito embora Eco falasse da Itália e de outras realidades, principalmente europeias ou dos países cêntricos, seu texto pode se encaixar no que ocorre no Brasil na atualidade. Pretende-se analisar se o Brasil vive uma escalada para o “fascismo eterno” de Eco, se considerarmos a atuação do governo federal atual e seus apoiadores. Verifica-se uma tendência de posicionamentos contrários aos avanços do saber dos séculos XIX, XX e XXI e um retrocesso aos períodos pré-renascentistas e pré-iluministas da idade das trevas, com um irracionalismo que recusa a modernidade e as revoluções burguesas. Uma batalha surreal contra o que chamam de “depravação moderna”.

1.6. O FASCISMO PARA MICHAEL MANN

Para Michael Mann⁵⁰ o fascismo provavelmente foi a ideologia política mais importante criada durante o século XX e pesquisou o

⁴⁹ ECO, Humberto. O fascismo eterno. Rio de Janeiro: Record, 2018, p. 44-59. Michela Murgia em seu “Instruções para me tornar um fascista” se utiliza de várias características citadas por Eco para, de forma irônica, ensinar como ser fascista, inclusive com um fascistômetro ao final para testar se somos fascistas ou não. Obra italiana, mas totalmente aplicável na realidade brasileira. MURGIA, Michela. Instruções para se tornar um fascista. Belo Horizonte: Ayiné, 2019. Sobre o fascismo e algumas relações com a realidade recente brasileira, ver AB’SÁBER, Tales. Michel Temer e o fascismo comum. São Paulo: Hedra, 2018. Obras essenciais para se entender o fascismo e o nazismo são o livro “A Onda”, que depois virou o filme “A Onda” e a série “Nós somos a onda”. STRASSER, Todd. A onda. São Paulo: Record, 2020. GANSEL, Dennis. A onda. Filme, Alemanha, 2008. GANSEL, Dennis. Nós somos a onda. Série da Netflix, Alemanha, 2020.

⁵⁰ MANN, Michael. A ascensão e a queda do fascismo. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 29-43. Horta, ao analisar a obra Fascistas de Michael Mann, entende que não é suficiente, mas é interessante ao mostrar o fascismo como fenômeno sociológico composto por nacionalismo orgânico, estatismo, negação dos movimentos sociais, pois apenas existiria Pátria e Estado, e paramilitarismo. HORTA, Fernando. Decifrando o fascismo. Youtube do

fascismo na Áustria, Alemanha, Hungria, Itália, Romênia e Espanha. Para ele o fascismo não foi um movimento à parte de outros movimentos modernos, pois abraçou a política de centro, o Estatismo e as suas ideologias e patologias; e as crenças fascistas não devem ser julgadas como insanas, contraditórias ou vagas, pois ela ofereceu soluções plausíveis para os problemas modernos e obteve apoio, dedicação e comprometimento da massa eleitoral e dos militantes, sendo poucos fascistas sádicos ou psicopatas, ou pessoas ignorantes de pouca cultura ou entendimento, influenciados por dogmas ou slogans, mas sim de pessoas iguais a nós, sendo um movimento de ideais elevados capaz de convencer uma parte substancial de duas gerações de jovens de que poderia existir uma ordem social harmoniosa. O autor entende que os fascistas perverteram seus ideais, pois nós temos uma capacidade enorme de cometer crimes em nome do que acreditamos, e pessoas com ideais aparentemente nobres podem cometer atos de extraordinária perversidade e, ao entendermos como ele surgiu, podemos visualizar melhor seu possível retorno e como evitá-lo.

Ópera Mundi. Aula de 30.06.2020. No mesmo livro do artigo de Mann, ver ainda FALASCA-ZAMPONI, Simonetta. Fascismo e estética. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 45-66. SUANZES-CARPEGNA, Joaquín Varela; SARASOLA, Ignacio Fernández. Leis fundamentais e democracia orgânica (aproximação ao ordenamento jurídico-político franquista). In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 67-100. FERREIRA, Bernardo. Sob o véu de fórmulas inalteradas: o conceito de Estado Total em Carl Schmitt. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 101-123. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Cultura operária e resistência antifascista no ocaso da República de Weimar (1919-1933). In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 125-169. SCARRONE, Marcello. Entre a guerra e a paz. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 171-200. MORAES, Luís Edmundo de Souza. O NSDAP no Brasil: problemas de pesquisa. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 201-231. COSTA, Marcelo Timotheo da. Deus é de direita? Alceu Amoroso Lima encontra a Escola de Teologia do Saulchoir. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 233-258. PARADA, Maurício. Das cinzas ao paraíso: o fascismo austríaco e a trajetória de Otto Maria Carpeaux. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 259-269.

Explica que há duas grandes escolas de pensamento entre os estudiosos do fascismo, a escola nacionalista idealista (ênfatizam a ideologia do poder), da qual ele concorda, e a escola da classe materialista (levam em conta o poder econômico). Entende que a divisão de classes e o capitalismo foram importantes, mas tem abordagem mais ampla, pois haveria quatro fontes do poder social nas sociedades, o ideológico, o econômico, o militar e o político, as quais são necessárias para explicar o fascismo, pois para alcançar seus objetivos todos os movimentos sociais exercem combinações de controle do sistema (ideologia), o controle dos meios de produção (econômico), o controle sobre a violência física organizada (militar) e controle da centralização territorial e das instituições de regulação (político), e o fascismo se envolveu em todas elas e apresentou resposta às situações de crise em todas as quatro e, portanto, acrescenta à ideologia e à análise econômica uma maior análise militar e política.

Define o fascismo clássico do período entreguerras como “a procura pelo estadismo transcendental e de limpeza, através do paramilitarismo”. Os fascistas defendiam um **nacionalismo de limpeza**, ou seja, uma nação orgânica e integral, sem diversidade, que seria uma ameaça subversiva à unidade e à pureza da nação, e essa ameaça supostamente causada pelos inimigos estranhos dentro e fora da unidade nacional gerou agressividade, com toques de racismo (o nazismo mais radical com sua limpeza étnica), sendo que o fascismo queria eliminar inimigos políticos como os socialistas e os comunistas. O **estatismo** fascista era baseado no autoritarismo para prover um projeto moral, e elementos corporativistas, sindicalistas e burocráticos foram diminuídos pelo radicalismo fascista, se mostrando mais totalitário em seus

objetivos transformadores do que na real forma de seu regime. O autor denomina de estadismo a combinação entre o nacionalismo de limpeza e o estatismo autoritário, o que poderia **transcender** conflitos sociais. Por mais que teoricamente atacassem o capital e o trabalho e que os interesses privados seriam subordinados ao interesse nacional, com planejamento e bem-estar social impostos, e que os interesses das classes seriam levados para o Estado por meio de sindicatos e instituições corporativistas, na prática essa transcendência não foi atingida e, uma vez no poder, os fascistas se inclinaram ao capitalismo e fizeram acordos com velhos regimes e se alinharam mais à classe alta do que baixa, com conflitos com a esquerda internacionalista, não atacando o capitalismo, mas apenas o capitalismo financeiro, estrangeiro ou judeu, o que foi considerada uma traição fascista por alguns fascistas mais radicais.⁵¹ Para o autor o paramilitarismo fascista violento, quando neutralizava exércitos, atraindo seus soldados, assumiam o poder.

O surgimento do fascismo no entreguerras se deu em duas fases, primeiro com o surgimento progressivo de uma ampla família de autoritários direitistas como tradicionalistas, conservadores e monarquistas, e depois a ascensão do fascismo, e esse surgimento do autoritarismo de direita decorreu da crise econômica, militar, política e ideológica gerada ou intensificada pela Primeira Guerra Mundial, pois antes da guerra a Europa caminhava lentamente para a Democracia, já com a existência de pequenos grupos fascistas de militares e intelectuais, mas sem a I Guerra e suas crises posteriores nenhuma figura autoritária expressiva surgiria (sem Hitler e o Holocausto) e provavelmente sem II Guerra. Essas crises envolvem quatro fontes de poder: (a)

⁵¹ Apenas na Romênia e na Hungria o fascismo era antcapitalista e pró-proletariado.

a crise econômica surgida no final de I Guerra e com a grande depressão de 1929, mas apenas ela não explica diretamente o fascismo, pois ocorreu em países mais e menos desenvolvidos economicamente; a (b) crise militar, por causa das perdas territoriais e soldados dispensados que formaram organizações paramilitares para pressionar por demandas territoriais, sendo que seu militarismo foi doutrinado e levado em direção ao fascismo; a (c) crise ideológica, pois conservadores viam a modernidade como algo desejável mas perigoso, o liberalismo como corrupto e desordeiro, o socialismo como caótico e o secularismo (laicismo) como uma ameaça à moralidade, valores que circulavam entre jovens de classe média, escolas, universidades, academias militares e igrejas cristãs mais conservadoras, mas apenas em parte da Europa em regiões onde as outras crises eram mais graves; e (d) as crises políticas, segundo o autor as mais decisivas, com ataques à democracia.

Não havia no pós-guerra nenhuma grande ameaça às propriedades capitalistas, pois revoluções socialistas foram reprimidas e a URSS estava isolada, mas mesmo assim algumas classes altas buscavam o autoritarismo armado quando nem a propriedade nem os lucros sofriam ameaça real, pois não eram capitalistas modernos, mas proprietários, oficiais e igrejas, com medo de seus inimigos, quando o fascismo se estabelece.

Mann escreveu o texto antes de 2008 e, portanto, sem levar em conta os movimentos e governos dos anos 2010 (com governos e movimentos aparentemente fascistas, conforma analisado na presente obra), se posicionou no sentido de que no século XXI é um abuso impreciso chamar quem não gostamos de fascista, e que apenas alguns lunáticos ignorantes se autodenominam fascistas ou nazistas, sendo que na

Europa estaria morto e talvez enterrado, havendo algum espaço em outros locais, inclusive o que ele chama de fascismo sagrado e, portanto, não descarta o seu reaparecimento com nomes diferentes.

1.7. O FASCISMO PARA JASON STANLEY

O filósofo Jason Stanley elaborou a interessante obra “Como funciona o fascismo: a política dos ‘nós’ e ‘eles’”.⁵² O autor chama de fascismo qualquer tipo de ultranacionalismo ético, religioso ou cultural, no qual a nação é representada na figura de um líder autoritário que fala em seu nome, sendo as estratégias da política fascista o passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público, e lembra que política fascista não conduz necessariamente a um estado explicitamente fascista.

O **passado mítico** fascista é patriarcal, com conquista lideradas por generais patriotas e guerreiros leais, um passado glorioso perdido pela humilhação provocada pela globalização, pelo cosmopolitismo liberal, e pelo respeito por valores universais, como a igualdade, sendo que esses valores enfraquecem a nação diante de desafios reais e ameaçadores para sua existência. Política fascistas abominam os homossexuais, são contrárias a descriminalização do aborto, são machistas e racistas e fazem escolha seletiva do passado com abrandamento sobre eventos históricos negativos como a escravidão ou genocídio dos índios.

O papel da **propaganda** fascista é ocultar os objetivos claramente problemáticos, como guerra ao crime e encarceramento em massa com

⁵² STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2018.

ocultamento da intenção racista e falsas acusações de corrupção enquanto se envolvem em práticas corruptas.⁵³ Corrupção para o fascista é a corrupção da pureza, de usurpação da ordem tradicional, e não da lei. Acusação de que os pobres estavam governando e taxando os ricos, mulheres, negros, judeus, homossexuais ou cosmopolitas alcançando posições de poder político. Vistas grossas com relação à corrupção dos fascistas, sendo que “mascarar a corrupção sob o disfarce de anticorrupção é uma estratégia marcante da propaganda fascista”. Para o autor Estados fascistas querem desarticular o Estado de Direito com duras críticas ao Poder Judiciário independente com acusações de parcialidade, para substituição de juízes “por aqueles que empregarão cinicamente a lei como um meio de proteger os interesses do partido no poder”, como ocorreu na Hungria e Polônia. Os fascistas têm o discurso de proteger a liberdade e as liberdades individuais, mas essas liberdades dependem da opressão de alguns grupos, como escravocratas que fazem o discurso da liberdade, ou fascistas que chegam ao poder por meio de eleições com liberdade de voto e terminam com ela com a vitória. O autor lembra que Hitler dizia que a verdadeira democracia germânica (ditadura exercida por um único indivíduo) era uma democracia genuína, pois tinha legítima responsabilidade individual pelas decisões políticas, e a responsabilidade individual é uma noção liberal por excelência, e lembra que na *A República* de Platão, Sócrates argumenta que as pessoas não são naturalmente levadas ao autogoverno, mas buscam

⁵³ “Divulgar falsas acusações de corrupção enquanto se envolve em práticas corruptas é típico da política fascista, e as campanhas anticorrupção estão frequentemente no centro dos movimentos políticos fascistas. Políticos fascistas geralmente condenam a corrupção no Estado que querem assumir, o que é bizarro, uma vez que os próprios políticos fascistas são invariavelmente muito mais corruptos do que aqueles que eles procuram suplantar ou derrotar”. STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

um líder forte para seguir, e a democracia, ao permitir a liberdade de expressão, abre espaço para que um demagogo explore essa necessidade que o povo tem de um homem forte, esse homem usará essa liberdade para se aproveitar dos ressentimentos e medos das pessoas, e esse homem forte toma o poder e acaba com a democracia, substituindo-a por uma tirania, sendo que a democracia é autodestrutiva cujos ideais levam à sua própria morte, e os fascistas são familiarizados com essa receita, como Joseph Goebbels e hoje com os inimigos da democracia que levam a liberdade de expressão ao seu limite para subverter o discurso dos outros. O fascismo eleva o irracional sobre o racional, a emoção fanática sobre o intelecto, mas faz isso com propaganda, uma rejeição ao Iluminismo, mas justifica que usa a razão contra a realidade.⁵⁴

O **anti-intelectualismo** do fascismo, ao mesmo tempo que desvaloriza a educação, a especialização e a linguagem, usa as universidades para apresentar a cultura dominante e o seu passado mítico. O autor informa que as universidades dos EUA abrigam o território de expressão mais livre de qualquer local de trabalho privado, cuja liberdade de expressão é uma fantasia, pois nesses os trabalhadores são frequentemente submetidos a acordos de confidencialidade e podem ser demitidos por discursos políticos nas redes sociais. Há políticos fascistas que tentam acabar com a estabilidade dos professores universitários permanentes, taxados pelos fascistas de muito politizados e marxistas-feministas que lecionam disciplinas que minam a família tradicional,

⁵⁴ Jorge Luis Borges teria dito que o fascismo implica numa exaltação dos sentidos que não ajudam o raciocínio, e para Freud o fascismo habitava um mundo de fantasia, no qual mitos e líderes governavam sobre o princípio da realidade, segundo FINCHELSTEIN, Federico. Uma breve história das mentiras fascistas. São Paulo: Vestígio, 2020, p. 82. Para Finchelstein, Mussolini e Hitler “não apenas usavam mitos, mas os adotavam como verdades superiores, como fontes para os atos que fabricavam o sentido fascista” (p. 108).

como as sobre gênero e pretendem incluir estudos sobre o terraplanismo, o orgulho nacional e racial ou abertura de espaço para o estudo dos mitos como um fato, e estudos baseados em habilidades (de negócio) em detrimento de assuntos como sociologia e ciências humanas e sociais que ajudam os estudantes a se tornarem melhores cidadãos democráticos, produzindo cidadãos obedientes obrigados a entrar na força de trabalho sem poder de barganha e ideologicamente treinados para pensar que o grupo dominante representa as maiores forças civilizatórias da história (EUA de Trump, Hungria de Orbán e Turquia de Erdoğan). Hitler defendeu em *Mein Kampf* que tudo o que admiramos na terra (ciência, arte, habilidade técnica e invenção) é o produto criativo de apenas um pequeno número de nações, e que é importante empobrecer o discurso público pois “toda propaganda deve ser popular” e “a capacidade receptiva das massas é muito limitada, e sua compreensão é pequena” com “grande poder de esquecer”. Assim, para os fascistas “a oratória não deve convencer o intelecto, mas influenciar a vontade”, com misticismo e emoção, e sem raciocínio, e que a raiva e o medo é que levam as pessoas para as urnas. Tudo isso, para Stanley, degrada os espaços de informação e obliteram a realidade.

Sobre a **irrealidade** fascista, o autor entende que o fascismo coloca em dúvida a realidade, “nós não podemos concordar com a verdade”, o debate fundamentado é substituído pelo medo e pela raiva e, quando o discurso é bem sucedido, o público fica com a sensação de perda e desestabilização, desconfiança e raiva contra os supostos responsáveis pela perda, com mentiras óbvias e repetidas por um único indivíduo ou partido, substituindo a verdade pelo poder, chegando o líder a mentir de forma inconsequente, destruindo os espaços de informação e

quebrando a realidade, com teorias conspiratórias inverídicas como “Os protocolos dos sábios de Sião”, um suposto manual judeu para conquistar o mundo divulgado pelos nazistas e por Henry Ford. Arendt aponta que as massas modernas não acreditam em nada visível, mas apenas na imaginação, e o que as convencem não são os fatos, além de alertar sobre a repetição. O ressentimento é redirecionado contra grupos minoritários, que não compartilham as tradições dominantes, e alguns veem esses grupos, e não o comportamento das elites econômicas, como responsáveis por suas expectativas não atendidas.⁵⁵ Platão, Aristóteles e os teóricos políticos sabem que “a democracia não pode florescer em solo envenenado pela desigualdade” e mesmo aqueles que não se beneficiam das hierarquias podem ser levados a acreditar que conquistaram o privilégio, daí o racismo de pobres brancos que apoiam cortes de impostos para brancos extravagantemente ricos.

Contrário aos ideais da dignidade da pessoa humana e da empatia, o fascismo defende que a natureza impõe **hierarquias** de poder e dominação que contrariam a igualdade de respeito, igualdade essa que é uma negação da lei natural, o que coloca os homens acima das mulheres, os membros da nação fascista acima dos outros grupos, aristocratas acima dos demais, brancos arianos acima dos demais, coisas que o criador fez desiguais, “e os políticos fascistas representamos mitos que legitimam suas hierarquias como fatos imutáveis”. Para os fascistas há os merecedores e os não-merecedores, os trabalhadores e os preguiçosos, enquanto que na democracia liberal todos nós somos igualmente merecedores dos bens básicos da sociedade.

⁵⁵ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Na **vitimização** fascista, salvaguardas mínimas são discriminações contra a maioria. No cerne do fascismo está a lealdade à tribo, à identidade étnica, à religião, à tradição, à nação. Mas lembre-se que o nacionalismo que surge da opressão e que objetiva a igualdade não é de origem fascista.

A retórica fascista de **lei e ordem** faz com que “eles” sejam os criminosos, e “nós” apenas cometemos erros. O autor critica o encarceramento em massa que contribui para o aumento da criminalidade, pois os indivíduos já encarcerados têm dificuldade de arrumar emprego e sua participação cívica diminui.

No fascismo o demagogo é o pai da nação e qualquer ameaça à masculinidade patriarcal e à família tradicional enfraquece a visão fascista de força, ameaças como estupro, agressão e desvio sexual (transgêneros e homossexuais), e a política de **ansiedade sexual** é eficaz quando os papéis masculinos tradicionais, como o provedor da família (os homens são melhores), estão sob ameaça das forças econômicas, mas ao mesmo tempo os fascistas não têm a intenção de abordar as causas básicas das dificuldades econômicas. A propaganda fascista promove o medo de cruzar as raças, de corromper a nação pura, de desvios da família patriarcal, e sexualiza a ameaça do outro, contra negros, judeus, muçulmanos, mexicanos. Pela segurança se ataca a liberdade (identidade de gênero, aborto) e a igualdade (quando concedida às mulheres, o provedor da família fica ameaçado).

Quando trata de **Sodoma e Gomorra**, Stanley informa que Hitler defendia o orgulho nacional e desprezava o cosmopolitismo, as suas produções culturais como o teatro e o cinema, e a mistura de diferentes grupos culturais e raciais, para a Alemanha nazista o campo era puro e

as cidades era o mal, com corrupção racial, doenças e perversão. Para o fascismo os imigrantes são um fardo, e os trabalhadores rurais pagam para ajudar os moradores urbanos preguiçosos. As cidades são plurais, com diversidade étnica, religiosa e de costumes. A vida rural é autossuficiente, o que gera força, com confiança nas próprias habilidades, autossuficiência, as comunidades rurais não dependem do Estado, ao contrário dos parasitas das cidades. Para Stanley “no fascismo, o Estado é um inimigo; ele deve ser substituído pela nação, que consiste em indivíduos autossuficientes que, coletivamente, optam por se sacrificar por um objetivo comum de glorificação étnica ou religiosa”, “superficialmente semelhante ao ideal libertário de autossuficiência e de liberdade em relação ao ‘Estado’”. O fascismo defende altas taxas de natalidade, contra a infertilidade das cidades compostas por velhos degenerados e incapazes, que não podem defender as fronteiras. Cidades são empreendimentos coletivos onde as pessoas confiam na infraestrutura pública, o Estado, para sobrevivência e conforto, seus oradores não caçam nem cultivam sua comida, contra o ideal fascista de autossuficiência agrária rural. Hitler dizia que os arianos antes eram nômades, e os judeus nunca foram nômades, mas sempre parasitas no corpo de outras nações.

No capítulo ***Arbeit Macht Frei***, Stanley explica que no fascismo, em tempos de crise e necessidade, o Estado reserva apoio para os membros da nação escolhida, para “nós”, e não para “eles”, porque eles são preguiçosos, carecem de uma ética de trabalho, não podem ser confiados fundos estatais, são criminosos e só querem viver da generosidade do Estado, e devem ser curados da preguiça e do roubo com trabalho duro, e por isso os portões de Auschwitz e Buchenwald exibiam o slogan *Arbeit*

Macht Frei (o trabalho liberta). Para os eleitores de Trump em casos de furacões estadunidenses devem ser socorridos, mas porto-riquenhos não (Porto Rico faz parte do território dos EUA). Para os nazistas os judeus eram preguiçosos e corruptos e planejavam roubar o dinheiro dos arianos trabalhadores, com facilitação do Estado; e eram contra todos aqueles que não criam valor, que auferem altos lucros sem nenhum trabalho mental ou físico, contra os judeus e demais parasitas do Estado, com boa vida que colhem onde não semearam. Querem desarticular o Estado e substituí-lo pela nação desprovida de mecanismos de bem-estar social, que, segundo Hitler, priva os indivíduos de sua capacidade de independência econômica, pois o Estado representa a redistribuição da riqueza dos cidadãos trabalhadores para minorias que não merecem, fora da comunidade étnica ou religiosa dominante. A oposição ao bem-estar social quer um compromisso com o individualismo, a ética da autossuficiência, de que trabalham duro, e defendem que negros, refugiados e pobres são preguiçosos, mas não sabem que muitos estadunidenses brancos são beneficiários de programas de bem-estar. É a dicotomia trabalho duro versus preguiça, cumpridores da lei versus criminosos, nós versus eles e, segundo Hannah Arendt, a irre realidade fascista é um prelúdio da política fascista. Os fascistas mudam o tema da justiça social (programas de bem-estar e treinamento profissional) para lei e ordem, com medidas agressivas contra o crime das minorias, com punitivismo. Fascismo procura minimizar a importância da luta de classes e desarticula sindicatos pois eles geram empatia intraclasses (brancos e negros trabalhadores, por exemplo): “o sindicato é o principal mecanismo que as sociedades descobriram para vincular pessoas que diferem em vários outros aspectos (...) são fontes de cooperação e de

comunidade e de igualdade salarial, bem como mecanismos para fornecer proteções às vicissitudes do mercado global” e fascistas (incluindo Hitler) defendem que sindicatos devem ser esmagados para que os trabalhadores individuais tenham que se virar sozinhos no mar do capitalismo global e passem a depender de um partido ou líder. Para Hitler os sindicatos “impedem a eficiência nos negócios e na vida de toda a nação” e devem ser adaptados para que sirvam à nação e não aos interesses de classe. Para Arendt o fascismo exige que os indivíduos em uma sociedade sejam atomizados, devem perder a conexão mútua existente entre suas diferenças, pois criam laços mútuos ao longo de linhas de classe e não de raça ou religião.⁵⁶ Além disso a política fascista é mais efetiva sob condições de acentuada desigualdade econômica, sendo que a proliferação de sindicatos é o melhor antídoto contra o desenvolvimento de tais condições, pois muitas sociedades que têm baixos níveis de desigualdade também têm alta participação nos sindicatos de trabalhadores, países com alta densidade sindical têm baixa desigualdade de renda (Dinamarca, Finlândia, Suécia e Islândia) e com alta desigualdade têm baixa densidade sindical (EUA, Chile, México e Turquia), sendo que não há países com alta/alta. Como os sindicatos são uma arma poderosa contra o desenvolvimento de uma esfera econômica desigual, o fascismo prospera em condições de incerteza econômica onde o medo e o ressentimento podem ser mobilizados para colocar os cidadãos uns contra os outros. Nos EUA hoje há leis no sentido de proibir sindicatos de cobrar taxas de funcionários que não desejem pagá-las e obrigação de que mesmo assim representem esses trabalhadores, lei que visa destruir sindicatos. Fascistas reprimem sindicatos e acusam judeus e negros de

⁵⁶ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

preguiçosos e tentam desarticular a unidade de classe porque defende o darwinismo social, defendendo a vida como uma competição pelo poder e a divisão de recursos deve ser deixada para a pura concorrência do livre mercado com ideais de trabalho duro, iniciativa privada e autos-suficiência. Cada um deve ter uma vida digna de valor superando os outros pela luta e pelo mérito, sobrevivendo a uma feroz competição por recursos e aqueles que não competem com sucesso não merecem os bens e recursos da sociedade, numa ideologia que mede valor pela produtividade, com propaganda do grupo externo como preguiçoso e inferior, contra deficientes, sendo que no nazismo aqueles que dependiam do Estado para sua sobrevivência não tinham valor nenhum, com esterilização e assassinato. O fascismo não é anti-individualista, pois Hitler exaltava o indivíduo e a meritocracia e criticava a democracia como sendo contra a individualidade e contra indivíduos uns acima dos outros na luta competitiva: “a visão fascista de liberdade individual é semelhante à noção libertária de direitos individuais: o direito de competir, mas não necessariamente de ter sucesso ou mesmo de sobreviver”. O liberalismo econômico defende mercados livres irrestritos, sem regulamentações, e se o indivíduo acabar sendo o mais fraco na luta, suas perdas são responsabilidade sua, vinculando liberdade e virtude à riqueza, e a pessoa adquire liberdade acumulando riquezas na luta, e quem não ganha não merece e, por mais que o fascismo envolva o compromisso de agrupar hierarquias de valor, o que é incompatível com o verdadeiro liberalismo econômico, que não generaliza além do indivíduo, ambas as filosofias têm um princípio comum pelo qual o valor é medido, sendo o liberalismo econômico um darwinismo social de gala (direita estadunidense com discurso de que interferência do

governo é perda da liberdade e encontra virtude na liderança de um CEO que dá ordens), semelhante ao discurso de Hitler (meritocracia, líder recompensado, fortes governando fracos, líder como o CEO). Hitler ainda dizia que democracia política e esfera econômica autoritária gera instabilidade, porque Estado invade as empresas com regulamentações democraticamente impostas, e que indústria deve apoiar nazismo porque empresas já funcionam de acordo com o princípio do líder. Hitler era contra proteção aos trabalhadores e consumidores e políticas de bem-estar social e contra sindicatos de trabalhadores.

I.8. O NEOFASCISMO PARA MARIA JOSÉ FARIÑAS DULCE E MARCELO JOSÉ FERLIN D'AMBROSO

Em livro recente a professora espanhola Maria José Fariñas Dulce e o Desembargador Marcelo José Ferlin D'Ambroso entendem que o neofascismo é a soma do fascismo com o neoliberalismo, e analisam a realidade atual com o ataque neofascista do capitalismo corporativo se baseando no tripé de manipulação midiática do povo com a construção de falsidades como verdades alternativas (fake-news), controle de pensamento pela religião com a imposição arrogante de uma verdade absoluta (fundamentalismo religioso), militarização do Estado (repressão), *lawfare* e pós-verdade (mentiras emotivas de construção de fatos alternativos), no novo totalitarismo que renova o patriarcado na forma mais primitiva da ideologia do protótipo ideal: varão, proprietário, branco e judeu-cristão (evangélico), homofóbico, racista, machista, aporofóbico e xenófobo, sendo que no Brasil se inicia com as

jornadas de 2013, o golpe de 2016 e a ascensão ao poder de Michel Temer, a operação Lava Jato, a prisão de Lula⁵⁷ e a eleição de Jair Bolsonaro.⁵⁸

⁵⁷ Citam, inclusive, o livro do qual participei como coautor PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; RICOBOM, Gisele; DORNELLES, João R. (Org.). Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula. Bauru: Canal 6 Editora, 2017.

⁵⁸ DULCE, María José Fariñas; D'AMBROSO, Marcelo José Ferlin. Neofascismo e o capitalismo do 1%. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020. Também utiliza o termo neofascismo Carol Proner em PRONER, Carol. Prólogo. DULCE, María José Fariñas; D'AMBROSO, Marcelo José Ferlin. Neofascismo e o capitalismo do 1%. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.



O NEOLIBERALISMO

O neoliberalismo¹ nasceu logo após a II Guerra Mundial, com as ideias de Friedrich Hayek, em seu *O caminho da servidão*, escrito em 1944, contra o Estado do Bem-Estar Social em construção na Europa e o *New Deal* estadunidense.² Começa a ser implementado nos anos 1970 e 1980, com a justificativa de que haveria uma crise do Estado, principalmente na Europa e Estados Unidos da América.³ O neoliberalismo se consolidou com o chamado “Consenso de Washington” e com a

¹ Sobre o tema ver ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir (Org.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. São Paulo: Paz e Terra, 1998; e VIOLIN, Tarso Cabral. Terceiro Setor e as Parcerias com a Administração Pública: uma análise crítica, 3ª ed. Belo Horizonte: Fórum, 2015.

² Hayek é da chamada “escola austríaca”, junto com Ludwig Edles Von Mises, entre outros economistas neoliberais, que segundo Foucault foram intermediários entre o ordoliberalismo alemão e o neoliberalismo americano, que produzirá o anarcoliberalismo da Escola de Chicago. Hayek foi um dos inspiradores do anarcocapitalismo dos Estados Unidos da América. FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008, 143 e 222. Para Lemke, no neoliberalismo americano o governo se torna um tipo de empresa cuja tarefa é universalizar a competição entre indivíduos, grupos e instituições. LEMKE, Thomas (2001). ‘The birth of bio-politics’: Michel Foucault’s lecture at the Collège de France on neo-liberal governmentality’. *Economy and Society*. Volume 30. Number 2. 190-207. Tony Judt entende que a ascensão da cultura empresarial destruiu a atuação universal nos direitos sociais do Estado inglês. JUDT, Tony. O mal ronda a terra: um tratado sobre as insatisfações do presente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 115.

³ O filósofo francês Michel Foucault fez uma interessante análise do neoliberalismo em curso dado no Collège de France em 1979, publicado na obra “Nascimento da Biopolítica”. Foucault analisa a fobia que alguns autores têm do Estado, assim como o neoliberalismo alemão (ordoliberalismo), o neoliberalismo francês e o estadunidense. FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008. O termo “ordoliberalismo” do neoliberalismo alemão antikeynesiano surge com a criação da revista *Ordo* em 1936, influenciada pela chamada “Escola de Friburgo”, que se chocou com a Escola de Frankfurt (obra citada, p. 141-142 e 145). Lemke informa que enquanto para a Escola de Frankfurt existe uma conexão causal entre capitalismo e fascismo, para os ordoliberais (Escola de Freiburg) o nazismo foi o resultado da ausência de liberalismo, e a alternativa crucial não era entre o capitalismo e o socialismo, mas entre liberalismo e diferentes formas de intervencionismo estatal, como o socialismo soviético, o nazismo e o keynesianismo, pois todos, em diferentes graus, ameaçam a liberdade. LEMKE, Thomas (2001). ‘The birth of bio-politics’: Michel Foucault’s lecture at the Collège de France on neo-liberal governmentality’. *Economy and Society*. Volume 30. Number 2. 190-207.

propagação das virtudes da desregulamentação, do Estado mínimo, da redução de impostos, e com a máxima, não confirmada, de que “tudo que o setor público sabia fazer o setor privado sabia fazer melhor”. A Europa abraçou a ideologia de pensamento único pós-queda do muro de Berlim, um pouco abalada desde a crise do capitalismo de 2008.⁴ Segundo Roger Eatwell e Matthew Goodwin, “o cenário estava pronto para o surgimento de uma sabedoria econômica muito diferente em ambos os lados do Atlântico, que mudaria a face do Ocidente e ajudaria a pavimentar o caminho para os nacional-populistas”.⁵

Dois anos após a promulgação da Constituição Social de 1988, em 1990 entra no poder o presidente Fernando Collor de Mello (PRN, 1990-1992), que começa a implementar o neoliberalismo no Brasil, e não o tipo de Estado previsto constitucionalmente. Essa política neoliberal continuou sendo implementada pelo presidente Itamar Franco (PMDB, 1992-1994), que substitui Collor após sua renúncia e Impeachment; foi extremada no governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB, 1995-2002); ainda implementado de forma tímida, em algumas áreas, nos governos Luiz Inácio Lula da Silva (PT, 2003-2010) e Dilma Rousseff (PT, 2011-2016),⁶ e com um retorno mais radical no governo ilegítimo de Michel Temer (2016-2018) e de Jair Bolsonaro (2019-2022).

⁴ JUDT, Tony. Obra citada, p. 19-21. Judt dá uma bronca na esquerda: “Caso queira ser levada a sério outra vez, a esquerda precisa definir seu discurso. Razões para se estar revoltado não faltam: desigualdades crescentes em termos de oportunidades e riqueza; injustiças de classe e casta; exploração econômica interna e internacional; corrupção, dinheiro e privilégios obstruindo as artérias da democracia. Entretanto, não basta mais apontar as deficiências do ‘sistema’ e recuar feito Pilatos, indiferente às consequências. O discurso eloquente e irresponsável das décadas passadas não ajudou a esquerda em nada”. Obra citada, p. 21. ⁴

⁵ EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal. Rio de Janeiro: Record, 2020, p. 198.

⁶ Sobre o golpe de 2016 ver do qual fui coautor PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; TENENBAUM, Marcio; RAMOS FILHO, Wilson (orgs.). A resistência ao golpe de 2016. Bauru: Canal 6, 2016. ROVAI, Renato. Golpe 16. São Paulo: Publisher Brasil, 2016.

As políticas neoliberais geraram uma desigualdade alarmante, principalmente nos que mais aplicaram a ideologia, com colapso na mobilidade geracional (poucas chances dos jovens melhorarem as condições em que nasceram), com os pobres que continuam pobres, com saúde debilitada, falta de oportunidades educacionais, os conhecidos sintomas da depressão como alcoolismo, obesidade, jogatina e contravenções penais, os desempregados e subempregados tornando-se supérfluos para a economia, com estresse, ansiedade, doenças e morte prematura. Enquanto os países nórdicos (Noruega, Finlândia, Dinamarca, Islândia e Suécia) têm grau reduzido de desigualdade, e lideram os índices mundiais de bem-estar, os Estados Unidos, mesmo com toda a riqueza acumulada, apresenta valores baixos, com expectativa de vida abaixo da Bósnia e ligeiramente superior à Albânia.⁷

David Harvey explica que neoliberalismo é “um projeto de classe que surgiu na crise dos anos 1970. Mascarada por muita retórica sobre liberdade individual, autonomia, responsabilidade pessoal e as virtudes da privatização, livre-mercado e livre-comércio, legitimou políticas draconianas destinadas a restaurar e consolidar o poder da classe capitalista. Esse projeto tem sido bem-sucedido, a julgar pela incrível centralização da riqueza e do poder observável em todos os países que tomaram o caminho neoliberal. E não há nenhuma evidência de que ele está morto”.⁸

Contrário ao Estado de Bem-Estar, o neoliberalismo nada mais é do que um novo liberalismo. O discurso neoliberal é de que o Estado é

⁷ JUDT, Tony. Obra citada, p. 25-30.

⁸ HARVEY, David. O enigma do capital: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 16.

necessariamente ineficiente⁹ e corrupto, pregando o Estado mínimo ou apenas regulador, que a desigualdade é um valor positivo, que uma taxa de desemprego é importante para a manutenção de um exército de reserva de trabalho, que os sindicatos de trabalhadores são nefastos para o lucro das empresas¹⁰ e que impostos para grandes fortunas afugentariam investimentos privados. O problema é que enquanto o liberalismo foi revolucionário contra o Estado absolutista, o neoliberalismo é contrário às conquistas sociais do Estado de Bem-Estar Social.¹¹ Sobre o neoliberalismo Zygmunt Bauman aduz que “O discurso neoliberal fica ainda mais “forte” à medida que prossegue a desregulamentação, enfraquecendo as instituições políticas que poderiam em princípio tomar posição contra a liberdade do capital e da movimentação financeira (...) amarra as mãos dos governos nacionais e desamarra as das empresas (...) multinacionais”.¹²

O neoliberalismo defende um Estado **forte** para manter o *status quo*, a ordem, a propriedade privada, diminuir o poder dos sindicatos e garantir o equilíbrio do capital e do sistema financeiro; mas **fraco** nos gastos sociais e na intervenção direta do Estado na economia e no social,

⁹ Tony Judt informa que “o setor privado se mostra no mínimo tão ineficiente quanto o público – repartindo os lucros e transferindo os prejuízos para o Estado. (...) Na Grã-Bretanha, o recém privatizado grupo de hospitais do National Health Service periodicamente dá prejuízo”, e assim como a PPP do metrô londrino, que afundou em 2007, quer que o governo banque o prejuízo, informando sobre exemplos semelhantes na Nova Zelândia e Suécia. JUDT, Tony. Obra citada, p. 109.

¹⁰ Sobre a repulsa aos sindicatos por parte dos neoliberais, sendo que são entidades essenciais para um Estado Social, ver AVELÃS NUNES, Antônio José. Neoliberalismo e direitos humanos. Rio de Janeiro: Renovar, 2003, p. 17 a 28.

¹¹ O neoliberalismo alemão (ordoliberalismo) ainda vai contra o Nazismo, o que é totalmente justificável, mas o neoliberalismo norte-americano é contrário ao Estado de Bem-Estar da política do *New Deal*, do presidente Roosevelt. Sobre o tema ver FOUCAULT, Michel. Obra citada, p. 107. No período pós-guerra o ordoliberalismo influenciou a social-democracia alemã, que de socialista foi se transformando em capitalista-neoliberal (obra citada, p. 120).

¹² BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 36.

com privatizações¹³ e desregulamentações amplas.¹⁴ Ricardo Marcondes Martins entende que os liberais tinham restrição ao Estado, mas não aversão à atuação estatal. O autor enfatiza que a teoria neoliberal é vi-ciada, pois não é uma elaboração teórica sincera, mas sim um plano de ação, com o intuito de lucro para certos agentes econômicos, querem enriquecer seus clientes: “do ponto de vista científico a teoria neoliberal não é séria”, fazendo surgir uma aliança de algumas poucas corporações de grande porte e uma camada de políticos muito ricos.¹⁵ Carlos Marés de Souza Filho alerta que “é curioso imaginar que mais de duzentos anos depois do nascimento do Estado moderno sob o signo da liberdade e da dignidade humana ainda haja espaço para discutir, pensar, denunciar ou mesmo constatar a existência de franjas da sociedade que não só não estão cobertas pelo manto protetor do Estado, como sofrem opressão exatamente por isso”.¹⁶ O autor ainda aduz que “o novo sistema colonial que atende pelo nome de neo-liberalismo não é mais intervencionista,

¹³ Read cita Wendy Brown no sentido de que a privatização no neoliberalismo não é apenas uma forma de lidar com o setor público, mas também uma forma particular de governamentalidade, no qual tudo se torna privado. Os neoliberais pretendem implementar vouchers para a educação para escolas privadas. READ, Jason (2009). “A Genealogy of Homo-Economicus: Neoliberalism and the Production of Subjectivity”. *Foucault Studies*, No 6, pp. 25-36.

¹⁴ Foucault informa que o neoliberalismo americano defende o imposto negativo, que é um benefício social para ser apenas socialmente eficaz, sem ser economicamente perturbador e não deve se apresentar sob a forma de consumo coletivo, sem subsídios, sem saúde e educação para todos, pois os ricos podem pagar por sua própria saúde. Seria um benefício compensatório apenas para idosos, deficientes ou desempregados, abaixo de certo nível de renda, a ser pago um complemento. Com a garantia de certo nível de consumo, mas com motivações/frustrações suficientes para que ainda tenha vontade de trabalhar e seja sempre preferível trabalhar a receber um benefício. Isso vai apenas atenuar os efeitos da pobreza, mas não visa, de forma alguma, ser uma ação que teria por objetivo modificar a causa da pobreza. Essa política evita redistribuição geral de renda, não seria uma política socializante. O único objetivo é a pobreza absoluta, e não a relativa. A política contra a relativa seria uma redistribuição de renda. FOUCAULT, Michel. Obra citada, p. 279-282.

¹⁵ MARTINS, Ricardo Marcondes. Estudos de Direito Administrativo Neoconstitucional. São Paulo: Malheiros, 2015, p. 63-66.

¹⁶ SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. A universalidade parcial dos direitos humanos. Trabalho apresentado originalmente para seminário em Quito, Equador, organizado pelo Instituto Latino-americano de Serviços Legais Alternativos, 1994. Publicado em espanhol na Série Documentos de ILSA, Bogotá. Corrigido para o Seminário Internacional “Ciência, cientistas e tolerância”.

nem menos unicista e ganancioso que os conquistadores medievais nem que os liberais nacionalistas” e que “as empresas multinacionais, que pensam em suceder os Estados, não serão menos desumanas que os Estados burgueses, nem menos repressoras, nem menos ambiciosas. É nova pele para lobo ainda mais feroz”.¹⁷ O neoliberalismo acaba gerando um mundo com o domínio de poucos grupos econômicos oligopolizados, inclusive de mídia, com menos interesse público, menos Democracia, menos República, menos desenvolvimento sustentável, menos Justiça Social, menos humanização, e mais exploração.¹⁸

Na Alemanha pós-guerra surgiu o chamado “ordoliberalismo”, que é o neoliberalismo alemão, um pouco menos radical do que o neoliberalismo estadunidense da Escola de Chicago.¹⁹ Os ordoliberais realizam, segundo Foucault, um “golpe teórico” e conquistaram corações e mentes ao informar que existiriam quatro elementos: economia protegida, socialismo de Estado, economia planificada e intervenções do tipo keynesianas, todos contrários ao liberalismo. Segundo os neoliberais alemães, se algum país adotar um elemento, “não escaparão dos outros três”. Davam a entender que o Plano Beveridge do trabalhismo inglês, União Soviética e *New Deal*, levariam ao nazismo, o que seria um crescimento sem fim de um poder estatal. Na verdade, o ordoliberalismo é ainda mais radical do que o próprio liberalismo, pois esse limita o poder do Estado, e nada provaria que a economia de mercado tenha algum

¹⁷ SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. O renascer dos povos indígenas para o direito. Curitiba: Juruá, 1998, p. 192.

¹⁸ Sobre neoliberalismo ver ainda COBOS, Emilio Pradilla. Los territorios del neoliberalismo en América Latina: compilación de ensayos. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2009; SADER, Emir, GENTILI, Pablo. Pós-neoliberalismo II: que Estado para que democracia?, 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004; DUMÉNIL, Gérard, LÉVY, Dominique. A crise do neoliberalismo. São Paulo: Boitempo, 2014.

¹⁹ Sobre o tema ver LEMKE, Thomas (2001). ‘The birth of bio-politics’: Michel Foucault’s lecture at the Collège de France on neo-liberal governmentality’. *Economy and Society*. Volume 30. Number 2. 190-207.

defeito: “em vez de aceitar uma liberdade de mercado definida pelo Estado e mantida de certo modo sob vigilância estatal” (liberalismo). Os ordoliberais inverteram a fórmula ao defenderem a adoção da liberdade de mercado como princípio organizador e regulador do Estado: “um Estado sob vigilância do mercado em vez de um mercado sob vigilância do Estado”. Outro ponto defendido é que ao contrário do liberalismo, a essência do mercado não está na troca, mas na concorrência, sem buscar uma equivalência, mas sim uma desigualdade, um “jogo formal de desigualdades”. O desafio do neoliberalismo seria, segundo Foucault, “regular o exercício global do poder político com base nos princípios de uma economia de mercado”.²⁰ O ordoliberalismo quer tanto Estado quanto em uma política planificadora, mas com uma natureza diferente.

Por mais que o neoliberalismo leve, com o tempo, a um regime de monopólio, ou oligopólio,²¹ com a concentração de riquezas nas mãos de poucos, o neoliberalismo alemão não se preocupa com isso, desde que a própria economia tenha produzido o monopólio. O que não é possível é que o Estado intervenha para produzir um monopólio. Segundo os “ordos” devem ser banidos instrumentos de planificação como tabelamento de preços, subsídio a um setor do mercado, criação sistemática de empregos ou investimento público. Os neoliberais alemães aceitam apenas a intervenção estatal em assuntos não econômicos, o que eles chamam de “moldura”. Por exemplo, se a população agrícola é numerosa demais, que se possibilite uma migração, se falta uma técnica aos agricultores, que se intervenha na formação dos agricultores, se há problemas de herança, que se altere a legislação de terras. Na área de

²⁰ FOUCAULT, Michel. Obra citada, p. 148-151, 157-163, 181 e 184.

²¹ Schumpeter entende que o capitalismo não pode se dissociar de tendências monopolísticas. FOUCAULT, Michel. Obra citada, p. 243.

políticas sociais, que teria o objetivo de uma relativa repartição do acesso de cada um aos bens de consumo, a política de Bem-Estar seria como contrapeso a processos econômicos selvagens que vão induzir efeitos de desigualdade, destruidores da sociedade, com uma certa socialização de certos elementos de consumo, com o crescimento da política social deve ocorrer quando crescer a economia. Tudo isso atacado pelo ordoliberalismo: “uma política social, para se integrar realmente a uma política econômica, não pode lhe servir de contrapeso e não deve ser definida como o que compensará os efeitos dos processos econômicos”. O ordoliberalismo é contrário à igualização, pregando a diferenciação, a concorrência, “é preciso que haja pessoas que trabalhem e outras que não trabalhem, ou que haja salários altos e salários baixos”. Foucault alerta que para o neoliberalismo alemão qualquer política social de igualização, repartição, transferência de renda, seria antieconômica, “uma política social não pode adotar a igualdade como objetivo. Ao contrário, ela deve deixar a desigualdade agir”. Os ordoliberais são contrários aos programas de transferência de renda, nos quais é tirada da parte da renda que é produtora de poupança e investimentos e dedicá-la ao consumo. Ou seja, limite das transferências sociais, apenas para um mínimo vital, para os que não podem assegurar sua própria existência.²² O bolsa-família brasileiro parcialmente se encaixaria aqui. É um programa para garantir o mínimo vital, sem o intuito de igualização da sociedade, mas não atende ao requisito de não ser retirado dinheiro de poupança ou investimento. Talvez essa seja uma das diferenças entre governos mais sociais ou mais neoliberais, o nível de gasto

²² FOUCAULT, Michel. Obra citada, p. 188-196.

com dinheiro público que iria para poupança ou investimentos, mas que acabam indo para o consumo.²³

O ordoliberalismo também é contrário à socialização do consumo e da renda, o que para Foucault também é uma “privatização”.²⁴ Não se garantirá os indivíduos contra riscos, mas vai-se pedir à sociedade e à economia que todo indivíduo tenha um rendimento suficiente para que possa se garantir, a chamada reserva privada, incentivando a propriedade privada. Foucault alerta que por toda uma série de razões, esse programa drástico de política social definido pelos neoliberais não foi aplicado, de fato, na Alemanha. Outra característica é a do “mínimo de intervencionismo econômico e o máximo de intervencionismo jurídico”. Os ordoliberais se apropriam da ideia de Estado de Direito, do *Rule of law* inglês e o reinado da lei (princípio da legalidade), com prescrições gerais e permanentes do Poder Público, as leis, e as decisões conjunturais, transitórias e locais, a regulamentação. A economia deveria ser um conjunto de atividades reguladas. O Estado prestaria as regras para um jogo econômico em que os únicos agentes seria os indivíduos, as empresas. Um jogo de empresas regulado no interior de uma moldura jurídico-institucional garantida pelo Estado. Foucault informa o que defende Polanyi: “a principal função de um sistema de jurisdição é governar a ordem espontânea da vida econômica”, o que varreria o

²³ Judt informa que o neoliberalismo e seus benefícios seletivos fez reduzir o entusiasmo da classe média pelos serviços sociais, agora considerados benéficos apenas para os pobres. JUDT, Tony. Obra citada, p. 140.

²⁴ Judt critica as privatizações no âmbito da Administração Pública, mas também o que ele chama de “privatização da vida cotidiana”, alertando que as pessoas que vivem em condomínios fechados contribuem ativamente para o enfraquecimento e a corrosão do espaço público e, quando deixamos de valorizar o que é público em benefício do particular, encontraremos com o tempo dificuldade para entender as razões para valorizar a lei, o bem público por excelência, e passaremos a privilegiar a força. E com uma geração de jovens estimulados ao interesse e progresso individuais, sem incentivo ao altruísmo, com redução do engajamento cívico e um déficit democrático. JUDT, Tony. Obra citada, p. 124-126.

protecionismo e economia planificada. E o Judiciário apenas poderia aplicar a lei, mas seriam órgãos da economia, com missões até agora cunhadas às autoridades administrativas.²⁵ Atualmente parece que o neoliberalismo preferiu, para esse papel, ao invés do lento Poder Judiciário, as agências reguladoras, entidades estatais, normalmente do Poder Executivo, mas com independência dos governos, o que acaba gerando uma captura pelos interesses das grandes empresas reguladas.²⁶

Os neoliberais dizem, com sua fobia ao Estado e crítica ao keynesianismo, que há parentesco, de continuidade genética, do Estado administrativo, o Estado-providência, o Estado burocrático, o Estado fascista, o Estado totalitário, como se fossem todos de uma mesma árvore. Foucault é contrário a essa crítica inflacionista do Estado, e sugere “a tese de que o Estado-providência, o Estado de bem-estar não tem nem a mesma origem do Estado totalitário, do Estado nazista, fascista ou stalinista”. Para ele “esse Estado dito totalitário não é, em absoluto, a exaltação do Estado, mas constitui, ao contrário, uma limitação, uma atenuação, uma subordinação da autonomia do Estado, da sua especificidade e do seu funcionamento próprio”. Conclui: “o que está atualmente em questão na nossa realidade não é tanto o crescimento do Estado ou da sua razão de Estado, mas antes o seu decrescimento”.²⁷ Tony Judt também segue essa linha: “governos fracos ou desacreditados demais para agir através de seus cidadãos estão mais propensos a conseguir seus objetivos por outros meios: extorsão, sedução, ameaça e em último caso coerção para fazer com que as pessoas obedeçam. A perda

²⁵ FOUCAULT, Michel. Obra citada, p. 197-198, 230-241.

²⁶ Sobre o tema ver VIOLIN, Tarso Cabral. *As agências reguladoras no direito brasileiro: aspectos gerais, suas licitações e respectivas contratações, e o regime jurídico dos servidores*. Monografia (Especialização em Direito Administrativo) – IBEJ, 2001.

²⁷ FOUCAULT, Michel. Obra citada, p. 263-264.

de propósito social articulado por meio de serviços públicos na verdade aumenta os poderes irrestritos do Estado todo-poderoso”, o que pode reduzir a sociedade ao pó da individualidade, com uma rede de fornecedores particulares, o que parece com a guerra de todos contra todos de Hobbes, na qual a vida de tantas pessoas tornou-se novamente solitária, pobre e muito revoltante.²⁸

Celso Antônio Bandeira de Mello distingue os Estados formalmente democráticos dos Estados substancialmente democráticos, além dos Estados em transição para a democracia. Os Estados formalmente democráticos são aqueles que embora acolhem nominalmente em suas Constituições modelos institucionais, de países mais evoluídos política, econômica e socialmente, neles não aportam. Para o autor, a democracia seria “de fachada”, mesmo que seus governantes sejam investidos em decorrência de eleições; tenham os três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário); acolham, em tese, os princípios da legalidade e da independência dos órgãos jurisdicionais. São Estados onde a população, sem cultura política, é dirigida pelas classes sociais dominantes, que manipulam a comunidade, sendo que a democracia não foi um “resultado de aspirações que hajam genuinamente germinado, crescido e tempestivamente desabrochado no seio da Sociedade”. Aduz o autor que nos Estados formalmente democráticos o jogo espontâneo das forças sociais e econômicas não produz ou não o faz em prazo aceitável as transformações indispensáveis a uma real vivência democrática, e neles os ventos neoliberais de países desenvolvidos não oferecem as soluções, em “nos países que ainda não alcançaram o estágio político cultural requerido para uma prática real da democracia, o Estado tem de ser muito

²⁸ JUDT, Tony. O mal ronda a terra: um tratado sobre as insatisfações do presente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 116.

mais que um árbitro de conflitos de interesses individuais”. O autor alerta que atribuir ao Executivo poderes para disciplinar relações entre Administração e administrados é, nos países de democracia ainda imatura, comportamento que em nada concorreria para formação de uma consciência valorizadora da responsabilidade social de cada qual (cidadania) ou para encarecer a importância de instituições impersonalizadas como instrumento de progresso e bem-estar de todos. Mesmo com a tendência mundial de transferir poderes ao Executivo (como na França) por meio de, segundo o autor, “acrobáticas interpretações dos textos constitucionais”, nos Estados sem uma democracia sólida isso não seria compatível.²⁹ O autor assevera que estamos em direção a um “despotismo esclarecido” e que “os subdesenvolvidos têm sido e são, naturalmente, meros piões no tabuleiro de xadrez da economia e, pois, da política internacional; logo, por definição, sacrificáveis para o cumprimento dos objetivos maiores dos que movem as peças”. Ele ainda aduz que as condições evolutivas para aceder aos valores substancialmente democráticos, como igualdade real e não apenas formal, segurança social, respeito à dignidade humana, valorização do trabalho,

²⁹ Sobre a crise dos instrumentos clássicos da democracia, Celso Antônio Bandeira de Mello diz o seguinte: “Em suma: como decorrência do progresso tecnológico engendrou-se um novo mundo, um novo sistema de vida e de organização social, consentâneos com esta realidade superveniente. Daí que o Estado, em consequência disso, teve que disciplinar os comportamentos individuais e sociais muito mais minuciosamente do que jamais o fizera, passando a imiscuir-se nos mais variados aspectos da vida individual e social. Este agigantamento estatal manifestou-se sobretudo como um agigantamento da Administração, tornada onipresente e beneficiária de uma concentração de poder decisório que desbalanceou, em seu proveito, os termos do anterior relacionamento entre Legislativo e Executivo. Com efeito, este último, por força de sua estrutura monolítica (chefia unipessoal e organização hierarquizada), é muito mais adaptado para responder com presteza às necessidades diuturnas de governo de uma sociedade que vive em ritmo veloz e cuja eficiência máxima depende disto. Ademais, instrumentado por uma legião de técnicos, dispõe dos meios hábeis para enfrentar questões complexas cada vez mais vinculadas a análises desta natureza e que, além disso, precisam ser formuladas com atenção a aspectos particularizados ante a diversidade dos problemas concretos ou de suas implicações polifacéticas, cujas soluções dependem de análises técnicas — e não apenas políticas”. BANDEIRA DE MELLO, Celso Antônio. A democracia e suas dificuldades contemporâneas. *Revista de Direito Administrativo*, n. 212, p. 57-70.

justiça social ficarão cada vez mais distantes na medida em que os governos dos países não-desenvolvidos, em troca de migalhas, se entreguem incondicionalmente à sedução do neoliberalismo e economia global, surdos ao clamor de uma população de miseráveis e desempregados. Bandeira de Mello finaliza dizendo que os idealistas das barbaridades que estão acontecendo no Brasil e no mundo usam nomenclaturas novas encobridoras de experiências velhas, destinadas a consagrar um simples movimento de retorno ao século XIX, antes do Estado social de Direito, com proposições de eliminar conquistas trabalhistas e direitos sociais adquiridos no século XX, por causa de textos como o Manifesto Comunista de 1848, de várias encíclicas papais com visões críticas e renovadoras, da Revolução Comunista na Rússia de 1917, e as Constituições do México de 1917 e Alemã de Weimar de 1919.³⁰

Não se admite mais a concepção, denominada por Dworkin como majoritarista-profilática ou mesmo neoliberal-individualista, na qual a Democracia é simplesmente a coincidência entre a vontade da maioria do povo e a decisão política. Em um Estado Social, Republicano, Desenvolvementista e Democrático de Direito, em uma visão coparticipativa-discriminadora, a vontade da maioria é importante, desde que haja um papel do cidadão iguais como participantes dos embates, com pretensões legítimas de influenciar a formação da opinião dos outros. Não basta mais apenas o voto, mas também a influência legítima na tomada de decisão. A Democracia ficaria comprometida se alguns grupos não

³⁰ BANDEIRA DE MELLO, Celso Antônio. A democracia e suas dificuldades contemporâneas. *Revista de Direito Administrativo*, n. 212, p. 57-70.

tem oportunidade nenhuma, ou mesmo oportunidade reduzida por carência de recursos financeiros.³¹

Alexandre Wagner Nester alerta que com o neoliberalismo “reapareceu o risco de concentração de poder econômico”, “e de modo a evitar que se retornasse a um liberalismo indesejável”, “intensificou-se a atuação regulatória”, “com a criação de entidades reguladoras setoriais independentes”. O autor informa que não se deve negar as conquistas do *Welfare State*, não deve haver retrocesso ao liberalismo: “não se nega que o Estado intervencionista também exercia regulação sob a forma de intervenção, fomento ou polícia”, mas que “a tônica atualmente é outra: a promoção da concorrência entre os agentes de mercado.”³²

A Carta dos Superiores Provinciais da Companhia de Jesus da América Latina publicou "o neoliberalismo na América Latina": "mediante o processo de globalização da economia, esse modo de compreender a pessoa humana penetra nos nossos países, transmitindo conteúdos simbólicos de grande capacidade de sedução. Graças ao domínio sobre os meios de comunicação social, destroem-se as raízes da identidade das culturas locais, que não contam com força suficiente para comunicar a sua própria mensagem. (...) nos últimos anos, esta situação se fundamenta numa forma particular de fazer economia, chamada neoliberalismo, que penetra a política e invade toda a vida social. (...) fazer oposição ao neoliberalismo significa, antes de tudo, afirmar que não existem instituições absolutas, capazes de explicar ou conduzir a

³¹ Ronald Dworkin é quem faz a distinção entre concepção majoritária e coparticipativa. DWORKIN, Ronald. A virtude soberana: a teoria e a prática da igualdade. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 503-512.

³² NESTER, Alexandre Wagner. Regulação e planejamento: a criação do Pro-Reg. In: MOREIRA, Egon Bockmann; MATTOS, Paulo Todescan Lessa. Direito Concorrencial e Regulação Econômica. Belo Horizonte: Fórum, 2010, pp. 467-480, p. 470 a 472.

história humana em toda a sua complexidade. (...) Significa, finalmente, denunciar as ideologias totalitárias, pois elas, quando conseguiram se impor, só apresentaram como resultado, injustiça, exclusão e violência".³³

Entende-se que o modelo de Estado previsto na Constituição de 1988 é o de Estado Social, Desenvolvimentista, Republicano e Democrático de Direito, um tipo de Estado que ainda não foi implementado, de fato, no Brasil, por mais que possamos considerar que muitos avanços nesse sentido ocorreram desde a redemocratização da década de 1980. Um Estado Social que persiga a redução das desigualdades, a igualdade, a liberdade de fato, a Justiça Social, entre outras conquistas fundamentais constitucionais vinculantes, é um contraponto ao liberalismo/neoliberalismo, ou mesmo aos Estados totalitários.

Portanto, políticas públicas no Brasil que venham propiciar o aumento do egoísmo, do individualismo, das desigualdades, das privatizações, dos mercados livres sem restrições, da propriedade privada sem intervenções, de monopólios privados, do setor público precarizado, não poderão prosperar em nosso ordenamento. O Estado Social previsto constitucionalmente não é o Estado que cuida apenas dos cidadãos na condição de miséria, mas que também age positivamente na redução das desigualdades entre ricos e pobres, com políticas sociais universalizantes, com uma intervenção na economia e no social que não seja tímida, que não seja apenas reguladora de uma arena.

Contra o Estado de Bem-Estar Social surgiu o neoliberalismo, com várias correntes, o ordoliberalismo alemão, o neoliberalismo austríaco

³³ O neoliberalismo na América Latina. Carta dos Superiores Provinciais da Companhia de Jesus da América Latina - documento de trabalho. São Paulo, Edições Loyola, 1996, pp. 13, 18 e 19. Citado por STRECK, Lenio Luiz; MORAIS, José Luis Bolzan de. *Ciência Política e Teoria Geral do Estado*, 3ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2003, p. 78.

e o anarcoliberalismo estadunidense. Basicamente pregam um Estado mínimo nos gastos sociais e na intervenção da economia e um Estado forte no enfraquecimento dos sindicatos dos trabalhadores, na garantia de manutenção de desigualdades e da competição livre entre as grandes corporações monopolísticas-oligopolísticas.

No atual grau civilizatório-jurídico brasileiro, a não ser que haja uma revolução, com a implementação de um novo tipo de sociedade, dentro do capitalismo não há outra alternativa humanitária conhecida a não ser a do Estado de Bem-Estar. A globalização, se é irreversível, que seja radical, não apenas com uma globalização econômica, mas também uma globalização de direitos fundamentais, com livre acessos e trabalho em todos os países, um planeta sem muros. Com Estados fortes para garantir os serviços sociais para todos, uma economia voltada para os cidadãos e pequenas empresas ou cooperativas, e não grandes grupos empresariais oligopolistas.

Uma das maiores vitórias do neoliberalismo é a conquista de adeptos entre suas vítimas,³⁴ com um *marketing* poderoso propalado no dia-a-dia pela mídia, financiada pelos beneficiários do neoliberalismo como os bancos e grandes grupos empresariais oligopolistas, e uma Academia cada vez mais submetida aos interesses do grande capital.³⁵

³⁴ Segundo Read, no neoliberalismo os trabalhadores passam a ver a si próprios como empresas individuais que nada têm a ganhar com a organização coletiva, busca transformar a mentalidade dos trabalhadores para que vejam a si mesmos como empresários de si, como seus empregadores e, assim, todos seriam empresários. READ, Jason (2009). "A Genealogy of Homo-Economicus: Neoliberalism and the Production of Subjectivity". *Foucault Studies*, No 6, pp. 25-36.

³⁵ Sobre o tema VIOLIN, Tarso Cabral. Neoliberalismo e a Constituição Social. In: Daniel Wunder Hachem; Emerson Gabardo; Eneida Desiree Salgado. (Org.). *Direito Administrativo e Suas Transformações Atuais*. 1ed. Curitiba: Ithala, 2016, v. 1, p. 227-.



O FASCISMO NO BRASIL, DO INTEGRALISMO AO BOLSONARISMO

O Brasil já contou com uma forte influência do fascismo no período pré-II Guerra Mundial com o integralismo. Por mais que na Constituinte para a Constituição de 1934 já tivesse uma certa influência do fascismo italiano, houve uma radicalização político-ideológica entre 1934 e 1937, provocada pela mobilização de massa oriunda do Integralismo (movimento fascista brasileiro), reforçando tendência autoritária e legitimando o golpe militar em 1937, que dissolveu o Congresso, extinguiu a Constituição de 1934, e preparou a nova Carta, A Polaca, inspirada na Constituição da ditadura polonesa, elaborada por Francisco Campos.¹

No início do século XX no Brasil os italianos moradores no país ainda se sentiam como calabreses, sicilianos, etc., pois a Itália ainda era um país recente. Em 1924 surge a *Fascio* de São Paulo. Enquanto os trabalhadores se identificavam com os movimentos socialistas e anarquistas, no Brasil os sindicatos não abraçaram o fascismo, mas sim os patrões, classe-média e ricos, que cultivaram o sentimento de ser

¹ FERRAZ JÚNIOR, Tércio Sampaio. Constituição Brasileira: modelo de Estado, Estado Democrático de Direito, objetivos e limites jurídicos. In: Constituição Brasileira, p. 63-83. Sobre a influência liberal-democrática paulista na Constituição de 1934, Fernando Dias Menezes de Almeida informa que foi uma “união contra as tendências autoritárias e centralizadoras, tanto rumo ao comunismo como rumo ao fascismo, que caracterizavam fortes correntes apoiadoras dos movimentos de 24 e 30 e que acabaram por dar o tom do Governo Vargas, notadamente a partir de 1937”. A bancada paulista tentou, inclusive, mitigar a repercussão da “orientação socialista” da Constituição de Weimar de 1919 que influenciou a Constituição brasileira de 1934. ALMEIDA, Fernando Dias Menezes de. O corpo de doutrina jurídico da Revolução de 1932 e sua influência sobre o regime constitucional brasileiro de 1934. In: MOTA, Carlos Guilherme; SALINAS, Natasha S. C. (Coord.). Os juristas na formação do Estado-Nação brasileiro (de 1930 aos dias atuais). São Paulo: Saraiva, 2010, p. 159-194.

italiano, e o Brasil segregava menos quem vinha de fora, com misturas, e o sentimento de ser operário pesou mais do que o de ser italiano. O operário italiano tinha mais em comum com o português, japonês e brasileiro, do que com o chefe italiano. Plínio Salgado foi o pai do Integralismo, paulista do interior, político, escritor (chegou a ler poema no Theatro Municipal de São Paulo na Semana de Arte Moderna de 1922) e jornalista. Um filho de elite católica, e com um pouco de sangue indígena, que se encontrou com Mussolini em 1930, era um homem conservador que não via com bons olhos a homossexualidade, achava que o cosmopolitismo ameaçava a identidade nacional, a tradição e o passado, era contra o liberalismo e contra a ideia de luta de classes socialista que desagregava as famílias, um sertanejo descendente de bandeirantes contrário ao urbano. Influenciado por um mundo com a democracia liberal em crise e com muitas desigualdades, com a necessidade de um novo regime político, mais moderno e mais eficiente, em um ambiente com o nascimento do fascismo, com ideias antiliberais, de que os partidos políticos não representavam as correntes de pensamento da sociedade, com uma nação organizada em entidades classistas-corporativistas. O número dois foi o cearense Gustavo Barroso, que presidiu a Academia Brasileira de Letras, e era racista. Número três foi o jurista Miguel Reale, que depois virou apenas um conservador (o movimento teve grande força na Escola Nacional de Direito - RJ e na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco - SP). Foram integralistas Hélder Câmara e Vinicius de Moraes, os quais depois foram para a esquerda. Plínio não queria a ditadura do proletariado comunista e nem a ditadura liberal da burguesia, não queria a eliminação de classes e defendia um ensino não para uma autonomia, mas para uniformizar uma compreensão de país. Era contra o federalismo, em princípio não

era racista, e lança um Manifesto em 1931, defendendo que “a autonomia dos estados deve ser delimitada dentro das possibilidades da Pátria comum” e uma “representação das classes, produzindo um legislativo de técnicos e não de políticos; a delimitação das áreas políticas ao exercício do sufrágio; eleição indireta do presidente da República”. Em período sem dinheiro em 1932, foi réu em processo por jogo fraudulento, em rifa desorganizada em nome da Cruz Vermelha, que não premiou ninguém e o dinheiro sumiu, por ter sido a ponte entre o organizador do evento e a entidade, o que gerou o apelido “Plínio Tômbola” (tômbola é um jogo italiano parecido com o bingo).²

Em 1932 é publicado o manifesto da Ação Integralista Brasileira, com os seguintes trechos:

O homem vale pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da **Família, da Pátria** e da Sociedade.

A Nação Brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz. Para isso precisamos de que todos os brasileiros estejam unidos. Mas o Brasil não pode realizar a união íntima e perfeita de seus filhos, enquanto existirem **Estados dentro do Estado, partidos políticos fracionando a Nação, classes lutando contra classes**, indivíduos isolados, exercendo a ação pessoal nas decisões do governo; enfim todo e qualquer processo de divisão do povo brasileiro. Por isso, a Nação precisa de organizar-se em **classes profissionais**. Cada brasileiro se inscreverá na sua classe. Essas **classes elegem**, cada uma de per si, seus representantes nas Câmaras Municipais, nos Congressos Provinciais e nos Congressos Gerais. Os **eleitos** para as Câmaras Municipais elegem o seu **presidente** e o **prefeito**. Os eleitos para os congressos Provinciais elegem o governador da Província. Os **eleitos**

² Sobre o Integralismo, obras obrigatórias são GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV, 2020; e DORIA, Pedro. Fascismo à brasileira - como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o Bolsonarismo. São Paulo: Planeta, 2020.

para os Congressos Nacionais **eleger o Chefe da Nação**, perante o qual respondem os ministros de sua livre escolha.

Uma Nação, para progredir em paz, para ver frutificar seus esforços, para lograr prestígio no Interior e no Exterior, precisa ter uma perfeita consciência do **Princípio de Autoridade**. Precisamos de Autoridade **capaz de tomar iniciativas em benefício de todos e de cada um; capaz de evitar que os ricos, os poderosos, os estrangeiros, os grupos políticos exerçam influência nas decisões do governo**, prejudicando os interesses fundamentais da Nação. Precisamos de **hierarquia**, de **disciplina**, sem o que só haverá desordem.

O **cosmopolitismo**, isto é, a influência estrangeira, é um **mal de morte para o nosso Nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever**. E isso não quer dizer má vontade para com as Nações amigas, para com os filhos de outros países, que aqui também trabalham objetivando o engrandecimento da Nação Brasileira e cujos descendentes estão integrados em nossa própria vida de povo. Referimo-nos aos **costumes**, que estão enraizados, principalmente em nossa burguesia, embevecida por essa **civilização** que está periclitando na Europa e nos Estados Unidos. Os nossos lares estão impregnados de **estrangeirismos**; as nossas palestras, o nosso modo de encarar a vida, não são mais brasileiros.

E procuram implantar a imoralidade de costumes. Nós somos contra a influência perniciosa dessa pseudo-civilização, que nos quer estandardizar. E somos contra a influência do comunismo.

O nosso ideal não nos permite entrar em combinações com partidos regionais, pois não reconhecemos esses partidos; reconhecemos a Nação.

A nossa Pátria não pode continuar a ser retalhada pelos governadores de Estados, pelos partidos, pelas classes em luta, pelos caudilhos. (...) Por isso, não colaboramos com nenhuma organização partidária, que vise dividir os brasileiros.

Uns tramam contra os outros. E, enquanto isso, o comunismo trama contra todos. (...) Somos pelo Brasil Unido, pela Família, pela Propriedade, (...) pela abolição dos Estados dentro do Estado.

O direito de propriedade é fundamental para nós, considerado no seu caráter natural e pessoal.

O comunismo destrói a família para melhor escravizar o operário ao Estado. Não destruímos a pessoa, como o comunismo; nem a oprimimos, como a liberal-democracia; dignificamo-la.

Pretendemos realizar o **Estado Integralista**, livre de todo e qualquer princípio de divisão: **partidos políticos; estadualismos** em luta pela hegemonia; **lutas de classes**; facções locais; caudilhismos; economia desorganizada; antagonismos de militares e civis; antagonismos entre milícias estaduais e o Exército; entre o governo e o povo; entre o governo e os intelectuais; entre estes e a massa popular. Pretendemos fazer funcionar os poderes clássicos (Executivo, Legislativo e Judiciário), segundo os impositivos da Nação Organizada, com bases nas suas Classes Produtoras, no Município e na **Família**. Pretendemos criar a **suprema autoridade da Nação**. Pretendemos mobilizar todas as capacidades técnicas, todos os cientistas, todos os artistas, todos os profissionais, cada qual agindo na sua esfera, para realizar a grandeza da Nação Brasileira. Pretendemos tomar como base da Grande Nação, o próprio homem da nossa terra, na sua realidade histórica, geográfica, econômica, na sua índole, no seu caráter, nas suas aspirações, estudando-o profundamente, conforme a ciência e a moral. Desse elemento biológico e psicológico, deduziremos as relações sociais, com normas seguras de direito, de pedagogia, de política econômica, de fundamentos jurídicos. Como cúpula desse edifício, realizaremos a ideia suprema, a síntese de nossa civilização: na filosofia, na literatura, nas artes que exprimirão o sentido do nosso espírito nacional e humano. Pretendemos criar, com todos os elementos raciais, segundo os imperativos mesológicos e econômicos, a Nação Brasileira, salvando-a dos erros da civilização capitalista e dos erros da barbárie comunista. Criar numa única expressão o Estado Econômico, o Estado Financeiro, o Estado Representativo e o Estado Cultural. Pretendemos levantar as populações brasileiras, numa união sem precedentes, numa força jamais atingida, numa esperança jamais imaginada. Pretendemos lançar as bases de um **sistema educacional** para garantia da subsistência da Nação no futuro. Pretendemos insuflar energia aos moços, arrancá-los da descrença, da apatia, do ceticismo, da tristeza em que vivem; ensinar-lhes a lição da coragem, inculcando-lhes a certeza do valor que cada um tem dentro de si, como filho do Brasil e da América. Movimentar as massas populares

numa grande afirmação de rejuvenescimento. Sacudir as fibras da Pátria. Erguê-la da sua depressão, do seu desalento, da sua amargura, para que ela caminhe, dando começo à Nova Civilização, que, pela nossa força, pela nossa audácia, pela nossa fé faremos partir do Brasil, incendiar o nosso continente, e influir mesmo no Mundo. Para isso, combateremos os irônicos, os “blasés”, os desiludidos, os descrentes, porque nesta hora juramos não des-cansar um instante, enquanto não morrermos ou vencermos, porque conosco morrerá ou vencerá uma Pátria. (Grifamos.)

Ao invés da suástica nazista alemã, a letra grega sigma (Σ), os integralistas eram chamados de encamisados, de preto na Itália, de cáqui na Alemanha, de verde no Brasil, mas sempre com uniforme para padronização e o fetiche da disciplina militar, e bradavam *Anauê* (“você é meu irmão”). Em 1934 surgem movimentos democráticos que englobavam esquerda e liberais antifascistas. Mas em uma manifestação integralista em São Paulo, alguns antifascistas mais radicais chegam a atirar nos camisas-verdes integralistas, que começam a tirar desesperadamente suas camisas. No dia seguinte, Apparício Torelly, o Barão de Itararé, diz que “um integralista não corre, voa”, e os apelidou de “galinhas-verdes”. Plínio Salgado, que dizia que o Integralismo não era racista, declara guerra contra o “judaísmo organizado” e “intelectuais, covardes e judeus”. Em 1935 ocorre a desorganizada Intentona Comunista de Luís Carlos Prestes e um aumento exagerado de uma “ameaça comunista”, e o governo Vargas vai ficando cada vez mais autoritário, com leis e alterações na Constituição de 1934 e prisão e tortura de esquerdistas e envio de judeus comunistas para a Alemanha nazista. A Ação Integralista Brasileira vai crescendo eleitoralmente, é financiada pelo governo nazista alemão e pretendia indicar Plínio Salgado para a eleição presidencial de 1938. Os integralistas inventam o “Plano Cohen” (inspirado no nome de

Béla Kun, que implementou o segundo governo comunista no mundo em 1919 na Hungria), uma fraude, como se comunistas e judeus tomariam o Brasil com greves, incêndios, sequestros, explosões, ataques ao clero e estupros. Enquanto isso o Ministro da Justiça, Francisco Campos, preparava o texto da Constituição de 1937, baseada nas Constituições fascistas da Polônia e da Itália. Campos também prometia poder dos integralistas no governo Vargas. Os integralistas fazem uma marcha dos 50 mil pelas ruas do Rio de Janeiro (governo Vargas contou 17 mil). Getúlio outorga a Constituição de 1937, com centralização do poder, fim da Federação, e fim das eleições para governadores, e implementa um autogolpe e o Estado Novo. E pela Constituição e decreto-lei extingue partidos políticos, inclusive a AIB, e proíbe bandeiras, escudos, hinos, armas, uniformes, símbolos. Era o fim do Integralismo, que ainda tentou e quase conseguiu matar o presidente em 1938 (levante), em plena residência oficial do presidente, de madrugada. Plínio negou participação direta, chegou a ser preso e partiu em exílio para a Europa. Com a redemocratização foi candidato derrotada à presidência em 1955, virou deputado federal e apoiou o golpe de 1964, e sempre negou que a AIB era fascista. Faleceu em 1975. O Integralismo e seu partido Ação Integralista Brasileira (AIB, de 1933-37) foi o maior movimento fascista do mundo fora da Europa entre os anos 1920 e 1940 e o maior movimento popular de direita da nossa história, pelo menos até o surgimento do Bolsonarismo, sendo que a AIB contou com mais de 1 milhão (1937) de afiliados em um Brasil com 30 milhões de habitantes. Foi a maior ameaça ao primeiro governo de Getúlio Vargas.³

³ DORIA, Pedro. Fascismo à brasileira - como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o Bolsonarismo. São Paulo: Planeta, 2020. Ver ainda GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

E o Brasil de hoje? O Brasil pode estar vivendo hoje em um período pré-iluminista na questão política, no qual conquistas como a Democracia, a República, o Estado Laico, os direitos fundamentais individuais e liberdades em geral, o devido processo legal, e a presunção de inocência, estão sendo questionados por uma onda mundial neoliberal (ou ultra neoliberal) e autoritária (será que fascista ou pelo menos protofascista?).⁴

Para Pedro Doria o Bolsonarismo está incluído em um movimento internacional que inclui Donald Trump (EUA),⁵ Viktor Orbán (Hungria) e Matteo Salvini (Itália), com características como atração por armas de fogo, fetiche e encantamento pelo militar, flerte com a violência física, questionamento do ideal iluminista da tolerância pela diferença, do culto ao debate, e uso da educação como máquina de uniformização do pensamento. Segundo ele, com a total falta de empatia com os mortos pelo COVID-19, o que os freudianos chamam de “pulsão de morte”, uma violenta atração pela destruição da vida e da vida do outro, do diferente, que compreende a liberdade como permissão da violência. Cita Robert Paxton, no sentido de que o fascismo acredita que a sociedade está em declínio, que ele se enxerga humilhado, que se percebe como uma vítima do sistema, contra-ataca com nacionalismo, arma seus militantes, cultua unidade e exige fidelidade, se relaciona com as elites tradicionais, mas com desconforto, respira violência e, no momento que tem força atropela restrições éticas e legais, características do Bolsonarismo. Mas

⁴ VIOLIN, Tarso Cabral; MACHADO, Isabele Amorim. O fim da democracia e a escalada para o fascismo. In: Eduardo Bordas; Edgar Guimarães; Justo Reyna; Emerson Gabardo. (Org.). *A existência digna e a Administração Pública do Século XXI*. 1ed. Curitiba: Ithala, 2019, v. 1, p. 179-191.

⁵ “Por que, a esta altura do século XXI, voltamos a falar de fascismo? Uma das razões, pra dizer francamente, é Donald Trump. Se pensarmos no fascismo como uma ferida do passado que estava quase sarada, colocar Trump na casa Branca foi como arrancar o curativo e futucar a cicatriz”. ALBRIGHT, Madeleine. *Fascismo: um alerta*, 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2018, p. 12albrig.

para ele há diferença entre o fascismo e o Bolsonarismo, pois esse é um movimento sem ambições intelectuais – sendo que Mussolini era um leitor voraz, Salazar um acadêmico, Hitler trouxe para sua proximidade filósofos, cineastas e alguns dos melhores cientistas alemães e o integralismo era formado por artistas e pensadores.⁶

III.1. FASCISMO E BOLSONARISMO PARA ANTONIO NEGRI

Antonio Negri⁷ ao analisar a realidade brasileira após a eleição em 2018 do presidente Jair Bolsonaro, entende que o “estranho” fascismo que ora se aplica nos Estados Unidos da América e no Brasil “está em profunda conjugação com o neoliberalismo”, e “uma nova experiência radical das teorias de Chicago deve encontrar em seu desenvolvimento”. Para o autor “as atuais conversões fascitizantes da classe dirigente capitalista (...) parecem determinadas pela necessidade de apoiar com mais força, por todos os meios estatais, compulsivamente, um desenvolvimento *mais neoliberal* em profunda crise”. Para ele isso é uma deformidade: “a força do autoritarismo é chamada em apoio à crise do *liberalismo*”. Ou seja, o fascismo se apresenta “como a face dura do neoliberalismo”. O autor informa que o fascismo de hoje é reacionário também no campo político, diferente do fascismo dos anos 1920-30, que era relativamente progressista (“pseudo-keynesiano”). Marcia Tiburi alerta que no fascismo “é preciso exterminar a política para que o capitalismo no seu estilo selvagem (tendencialmente, sempre selvagem e

⁶ DORIA, Pedro. Fascismo à brasileira - como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o Bolsonarismo. São Paulo: Planeta, 2020.

⁷ NEGRI, Antonio. Primeiras observações sobre o desastre brasileiro: o caminho democrático para o fascismo. Revista Cult em 29.11.2018. In: <https://revistacult.uol.com.br/home/>. Acesso em 08.02.2019.

bárbaro) se mantenha: poucos muito ricos, muitos explorados, outros tantos cada vez mais afundados na vida da miserabilidade”.⁸

Negri informa que se antes “as constituições democráticas eram inadequadas para bloquear a crise da democracia, na situação atual favorecem a ascensão do fascismo, gerando corrupção”, pois “as modernas constituições democráticas foram organizadas num confronto dinâmico de interesses eventualmente fundidos à direita e à esquerda, entorno de um modelo de inimizade e com padrão de solução pacífica para isto, na hipótese de uma posição equilibrada dos interesses conflitantes”. Para ele, a globalização exigiu uma homogeneização da governança no âmbito global, requerendo para governar inserir nas constituições regras desenvolvidas pelas relações monetárias multinacionais das empresas no mercado global, eliminando substancialmente o confronto, mas esta fase acabou e a acentuação dos conflitos pela globalização leva a uma crise do que ele chama de “formas de *governance* demoliberais”, gerando as rupturas como “*America first, Brexit*” e agora “*Brazil first, Italia first*”, com incidentes que acabam com a democracia progressista e transformam os Estados, ainda mais em momentos de crise econômica.

Negri entende que com o enfraquecimento do poder estadunidense, que dava um certo equilíbrio global, o processo de escalada do fascismo se acelerou, se instalou, e se arma do neoliberalismo como projeto para dominá-lo. O autor diz que o neoliberalismo se encontra numa situação desesperada, tendo deslocado ou rejeitado o antigo equilíbrio constitucional democrático; está agora exposto ao vazio e precisando de algo novo, o encontra em formas de autoritarismo e de fascismo

⁸ TIBURI, Marcia. Como conversar com um fascista, 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016, p. 30.

renovados, recorrendo de instrumentos midiáticos, ideológicos e de difamar e destruir as forças que se opuserem. Antes eram os keynesianos e forças socialdemocratas, agora os chamados de “comunistas” e “bolivarianos”: “este fascismo fundado no vácuo ideológico qualifica-se como um falsificador da memória e restaurador reacionário de identidades passadas. Que seja um passado escravagista como nos EUA, importa; que seja um presente escravocrata, como no Brasil, isto preocupa ainda mais”.⁹

Os neoliberais dizem, com sua fobia ao Estado e crítica ao keynesianismo, que há parentesco, de continuidade genética, do Estado administrativo, o Estado-providência, o Estado burocrático, o Estado fascista, o Estado totalitário, como se fossem todos de uma mesma árvore.¹⁰ Foucault é contrário a essa crítica inflacionista do Estado, e sugere “a tese de que o Estado-providência, o Estado de bem-estar não tem nem a mesma origem do Estado totalitário, do Estado nazista, fascista ou stalinista”. Para ele “esse Estado dito totalitário não é, em absoluto, a exaltação do Estado, mas constitui, ao contrário, uma limitação, uma atenuação, uma subordinação da autonomia do Estado, da sua especificidade e do seu funcionamento próprio”. Conclui: “o que está atualmente em questão na nossa realidade não é tanto o crescimento do

⁹ Lemke informa que enquanto para a Escola de Frankfurt existe uma conexão causal entre capitalismo e fascismo, para os ordoliberalis (Escola de Freiburg) o nazismo foi o resultado da ausência de liberalismo, e a alternativa crucial não era entre o capitalismo e o socialismo, mas entre liberalismo e diferentes formas de intervencionismo estatal, como o socialismo soviético, o nazismo e o keynesianismo, pois todos, em diferentes graus, ameaçam a liberdade. LEMKE, Thomas (2001). ‘The birth of bio-politics’: Michel Foucault’s lecture at the Collège de France on neo-liberal governmentality’. *Economy and Society*. Volume 30. Number 2. 190-207. Ver ainda VALIM, Rafael. Estado de Exceção: a forma jurídica do neoliberalismo. São Paulo: Contracorrente, 2017.

¹⁰ Friedrich August von Hayek entende que “o socialismo, tanto quanto o fascismo ou o comunismo, conduz ao estado totalitário e à destruição da ordem democrática”. HAYEK, Friedrich August von. Direito, legislação e liberdade: uma nova formulação dos princípios liberais de justiça e economia política. São Paulo: Visão, 1985, p. 157.

Estado ou da sua razão de Estado, mas antes o seu decrescimento”.¹¹ Tony Judt também segue essa linha: “governos fracos ou desacreditados demais para agir através de seus cidadãos estão mais propensos a conseguir seus objetivos por outros meios: extorsão, sedução, ameaça e em último caso coerção para fazer com que as pessoas obedeçam. A perda de propósito social articulado por meio de serviços públicos na verdade aumenta os poderes irrestritos do Estado todo-poderoso”, o que pode reduzir a sociedade ao pó da individualidade, com uma rede de fornecedores particulares, o que parece com a guerra de todos contra todos de Hobbes, na qual a vida de tantas pessoas tornou-se novamente solitária, pobre e muito revoltante.¹²

III.2. BOLSONARISMO COMO O FASCISMO BRASILEIRO DO SÉCULO XXI

“Toda era tem o seu próprio fascismo”.

Primo Levi¹³

“Não pode haver qualquer hesitação, nenhum recuo. Precisamos tomar a luta contra o fascismo com vigor desde o primeiro momento.”

Clara Zetkin¹⁴

Se pensarmos no fascismo com as características do tradicionalismo, irracionalismo, recusa da modernidade, rejeição ao iluminismo, culto da ação sem reflexão ou crítica, guerra contra o inimigo e a diversidade, apelo às frustrações de uma sociedade despolitizada e com

¹¹ FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 263-264.

¹² JUDT, Tony. O mal ronda a terra: um tratado sobre as insatisfações do presente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 116.

¹³ ALBRIGHT, Madeleine. Fascismo: um alerta, 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2018, p. 5.

¹⁴ ZETKIN, Clara. Como nasce e morre o fascismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2019, p. 90.

medo, apoio acrítico à hierarquia militar e ao líder que representa os anseios do povo sem intermediários, desdém pelas minorias políticas como os pobres, mulheres, negros, índios e homossexuais, defesa do povo armado, criminalização da política e dos políticos, e comunicação por meio de textos pobres em redes sociais sem a necessidade da imprensa, podemos estar vivendo uma escalada fascista no Brasil e diversas outras regiões do planeta.

Marcia Tiburi parece não entender que estamos apenas num protofascismo ou mesmo num movimento fascista, mas “já podemos falar de um fascismo de Estado”, ou o que ela chama de turbotecnomachonazifascismo, e claro, um extremismo de direita.¹⁵

Maria Lygia Quartim de Moraes, ao prefaciar obra de Clara Zetkin sobre o fascismo, informa que “a crise do capitalismo, o desemprego e o desamparo de grandes camadas da população deixaram as portas abertas para a manipulação política do fascismo, que se apoiou num nacionalismo rasteiro, colocando a pátria acima de tudo, lema hoje utilizado pelo atual presidente brasileiro, Jair Messias Bolsonaro” e entende que “frente ao nacionalismo reacionário e tacanha que domina a política em várias partes do mundo”, Zetkin pode “inspirar políticas para derrotar essa grande ameaça internacional que é o fascismo”.¹⁶ Na introdução da mesma obra Mike Taber e John Riddell alertam que no século 21 “o capitalismo entrou em um período de crise social, marcada por uma escalada de ataques aos direitos e condições de vida da população trabalhadora e oprimida, ao lado do recrudescimento da

¹⁵ TIBURI, Marcia. Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo ou seja lá o nome que se queira dar ao mal que devemos superar. Rio de Janeiro: Record, 2020, p. 13 e 14.

¹⁶ MORAES, Maria Lygia Quartim de. Prefácio. In: ZETKIN, Clara. Como nasce e morre o fascismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2019, p. 11 e 12.

polarização social”, e a eleição de Trump em 2016 “após uma campanha de direita desavergonhada e de apelos claramente racistas” foi um reflexo e um aprofundamento dessa crise, e como Zetkin previu, isso pode emergir movimentos fascistas, que “reconhecem a crise social, mas tentam retirar a responsabilidade do sistema capitalista, procurando antes bodes expiatórios: imigrantes, negros, judeus, mulheres autoconfiantes e independentes, LGBT’s, ciganos e outros”.¹⁷

Os historiadores Leandro Pereira Gonçalves e Odilon Caldeira Neto informam que durante a primeira campanha de Dilma Rousseff em 2010, grupos neonazistas convocaram uma manifestação em apoio ao então deputado Jair Messias Bolsonaro, em ato que tinha como propósito defender a liberdade de expressão de Bolsonaro, que segundo eles era o único deputado que batia de frente com esses “libertinos comunistas” e que defendia a família brasileira.¹⁸ Já no segundo turno de 2018, por mais que segundo os autores Bolsonaro tivesse uma atuação tímida e quase nula no Congresso Nacional, grupos neointegralistas contrários ao STF e partidos políticos, e em defesa da ditadura e tortura, mas que curiosamente rejeitava a vinculação do integralismo ao fascismo ou nazismo, declararam apoio a Bolsonaro, pois Haddad e o PT seriam antibrasil, com o lema “Deus, pátria e família”, e praticavam atos como a queima de faixas antifascistas, combate aos homossexuais militantes, fazendo saudações fascistas, e ataque terrorista à sede do Porta dos Fundos (já durante o governo em 2019), enquanto Bolsonaro legitimava suas atuações com falas como “vamos metralhar os petralhas” e ataques

¹⁷ TABER, Mike; RIDDELL, John. Introdução. In: ZETKIN, Clara. Como nasce e morre o fascismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2019, p. 27.

¹⁸ GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

a imprensa e defesa de prisão política dos adversários. Vários integralistas fazem parte do governo Bolsonaro em cargos de confiança. E o lema do partido que Bolsonaro tentou criar, Aliança pelo Brasil, tem o mesmo lema integralista “Deus, pátria e família”. Para os autores, “alguns traços unem o governo Bolsonaro e o fascismo histórico: o conservadorismo, o anticomunismo, o uso de teorias de conspirações e a visão de mundo baseada na diferenciação entre amigos e inimigos”.¹⁹

Acácio Augusto e Matheus Marestoni entendem que Bolsonaro expressa questões comuns que são características exemplares da sociedade brasileira média, a misoginia, o racismo dissimulado e o nacionalismo ridículo submisso à influência dos Estados Unidos e é um (neo)fascista.²⁰

Federico Finchelstein compara Trump com Bolsonaro e diz que a ideia de culpar as minorias possui precedentes fascistas, têm ímpetos totalitários e são negacionistas com relação ao COVID. Informa que “não menos hostil foi o de Bolsonaro negando diretamente a doença, contestando a autoridade dos especialistas da OMS (organização que, segundo o ‘capitão’, se dedica a fomentar a masturbação e a homossexualidade nas crianças), fabricando realidades alternativas e associando as posições contra a quarentena à necessidade de fechar o Congresso”. Para ele,

¹⁹ GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV, 2020, p. 180-200.

²⁰ AUGUSTO, Acácio; MARESTONI, Matheus. Bater onde dói... e com força. Prefácio à edição brasileira. In: BRAY, Mark. Antifa: o manual antifascista. São Paulo: Autonomia Literária, 2019, p. 20. Esse prefácio é da interessante obra de Mark Bray, que além de analisar os movimentos antifascistas e a questão da liberdade de expressão, ainda alerta que as revoluções fascistas nunca foram bem-sucedidas, sendo que os fascistas alcançaram o poder legalmente; que muitos líderes e teóricos antifascistas do período entre guerras não levaram o fascismo verdadeiramente a sério, até que fosse tarde demais; que por razões ideológicas e organizativas, a liderança socialista e comunista demorou mais que sua base para avaliar com precisão a ameaça do fascismo; que o fascismo rouba da ideologia, da estratégia, da cultura e do imaginário de esquerda; e que não é preciso um grande número de fascistas para conceber o fascismo. BRAY, Mark. Antifa: o manual antifascista. São Paulo: Autonomia Literária, 2019, p. 249-266.

EUA e Brasil estarem no pódio dos que mais tiveram mortes pela COVID não é mera casualidade, pois é explicado por eles serem governados por Trump e Bolsonaro, a partir de uma “ideologia autoritária que nega a ciência e enaltece a mentira”. Segundo o autor, “no Brasil, uma ideologia com propagandas golpistas, muito próxima do fascismo, tem se intercalado com o nacionalismo e o messianismo mais extremo a fim de ignorar a pandemia e o bem-estar da população. O pior de tudo é que, em vez de se antecipar à tormenta, o presidente brasileiro dedicou-se a promove-la”.²¹ Finchelstein ainda chama Bolsonaro de “Trump dos Trópicos”, pois ele demoniza jornalistas e tem apoiado falsificações como ocorre com as mentiras fascistas, negando que haja aumento exponencial do desflorestamento da Amazônia em seu governo. Diz que Bolsonaro está reescrevendo a história, não só com os nazistas, mas com a história de seu próprio país, escondendo o passado ditatorial do país, celebrando oficialmente o golpe de 1964, “que se tornou a mais assassina ditadura militar da história do Brasil”, e equivocadamente que essa ditadura não foi ditadura e havia estabelecido a democracia no Brasil, igual faziam os fascistas, informando isso até para Viktor Orban, o líder populista, autocrático e racista da Hungria. Ainda elogiou ditadores como Pinochet do Chile e Stroessner do Paraguai, substituindo, como faz Trump, a história pelo mito. Para o autor, Trump e Bolsonaro têm o estilo e a substância banhados em violência política, chauvinismo nacional e glorificação pessoal, características fascistas essenciais, sendo a manipulação da história o que revela verdadeiramente como o bolsonarismo liga o populismo ao fascismo, usando a história como ferramenta de propaganda, sendo que sua defesa do golpe de 1964 lembra Hitler e

²¹ FINCHELSTEIN, Federico. Prefácio à edição brasileira. In: FINCHELSTEIN, Federico. Uma breve história das mentiras fascistas. São Paulo: Vestígio, 2020, p. 9-14.

Mussolini, que destruíram a democracia de dentro para fora e inventaram um passado mítico que identificavam imperadores e guerreiros heroicos como simples predecessores de seus regimes e, como talvez menor grandiosidade que os dois, Bolsonaro associa seu governo a ditadores latino-americanos do passado. Mas, para o autor, “ainda não está claro até onde pode ir Bolsonaro no trajeto do populismo para o fascismo. Populistas de direita, como Bolsonaro, não traduzem automaticamente suas retóricas radicais e sua celebração das memórias do fascismo e da ditadura em práticas fascistas ou ditatoriais” e, como Orban, Trump e Salvini, executam discriminação, violência e desigualdades crescentes, mas sem até agora fraturar inteiramente a democracia, sendo duas atitudes antidemocráticas mais simbólicas, com os ataques a seus inimigos políticos, por hora, não além das palavras, o que é uma diferença entre fascismo e populismo, e pergunta ao final se Trump e Bolsonaro são leões pacíficos que rugem mas não devoram. Segundo o autor, Trump, seus predecessores fascistas e Bolsonaro veem uma guerra civil como ideal político, a política como um campo de batalha pseudorreligiosa do tudo ou nada e entre a verdade sagrada e as mentiras do inimigo demoníaco, sendo a violência política preferível à derrota eleitoral do líder, como Mussolini acreditando na santidade do heroísmo e os seguidores de Bolsonaro o chamando de mito e o considerando um herói épico e um guerreiro cristão dos valores do patriotismo e da família, no qual se deve confiar sem fazer perguntas, e Bolsonaro se identifica com a verdade transcendental para cumprir a missão divina, se situando na fronteira entre ditadura fascista e a forma democrática do populismo, ficando mais perto de Hitler e Mussolini do que de populistas clássicos como Perón quando celebra a ditadura e camufla o passado nazista. Para ele o trumpismo é

um populismo moderno no poder e representa uma forma extrema do pós-fascismo, é uma democracia antiliberal, autoritária e frequentemente anticonstitucional, e pergunta se a ascensão de Bolsonaro, Trump e Orban vai levar a um fascismo do século XXI, pois para ele, quando escreveu o livro em 2020, isso ainda não estava claro e “felizmente” era improvável.²² Um ano depois, em 2021, Finchelstein entendeu que Trump e Bolsonaro são aspirantes ao fascismo e que no Brasil apenas será fascismo se Bolsonaro não respeitar o resultado das eleições, pois aqui há todas as características do fascismo, menos a ditadura.²³

Juliana Fiuza Cislighi e Felipe Demier entendem que o governo Bolsonaro é neofascista, combinando ultraneoliberalismo econômico com ultraconservadorismo com preconceitos ancestrais, teocentrismo, aversão à cultura e repulsa à ciência, e altas dosagens de machismo, homofobia e militarismo.²⁴

Marcelo Badaró Mattos entende que a eleição de um fascista, Bolsonaro, não significa a imediata instalação de um regime político fascista no Brasil, existindo um componente neofascista nada desprezível no governo Bolsonaro, mas não sendo um governo homogeneamente fascista, e muito menos um regime político fascista plenamente implantado, mas não sendo o neofascismo apenas uma ameaça retórica.²⁵

²² FINCHELSTEIN, Federico. Uma breve história das mentiras fascistas. São Paulo: Vestígio, 2020.

²³ FINCHELSTEIN, Federico. Federico Finchelstein explica o que é fascismo. Programa Conexão 247 no canal do Youtube TV 247. In: <https://youtu.be/t2nHGftphl>. Acesso em 19.04.2022.

²⁴ CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. Apresentação: o desigual e combinado Brasil sob o neofascismo de Bolsonaro, p. 11-15. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

²⁵ MATTOS, Marcelo Badaró. Mais que uma analogia: análises clássicas sobre o fascismo histórico e o Brasil de Bolsonaro, p. 17-45. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

O historiador português especialista em fascismo, Manuel Loff, entende que o governo Bolsonaro e o regime político brasileiro não assumiram uma característica abertamente fascista, mas estão em transição para o autoritarismo que pode ou não reunir todas as características clássicas do fascismo, levantando dúvida se os Estados em que vivemos são puramente democráticos e alertando que quando falamos em regimes fascistas ou democráticos falamos em processos de construção permanente da democracia e também do fascismo. Para ele o Brasil vive um dos casos mais avançados de transição autoritária, pois a agenda política do governo Bolsonaro inclui um programa aberto, explícito, de repressão e intimidação dos adversários, ameaça de ilegalização do maior partido de oposição, repressão sobre os movimentos sociais e ameaça de detenção de dirigentes políticos de oposição.²⁶

Tatiana Poggi entende que estamos diante do fascismo no Brasil, com uma perspectiva ainda mais cruel do que no passado, com um governo que não persegue apenas as minorias e a oposição, que não poupará nem os seus cidadãos de bens arianos, com todas as políticas neoliberais.²⁷

Para Valério Arcary, Bolsonaro é um neofascista, e não um fascista clássico, porque hoje não se responde a um perigo de revolução, mas sim contra os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), e a maioria dos

²⁶ LOFF, Manuel. O bolsonarismo é o neofascismo adaptado ao Brasil do século 21. Entrevista concedida a Ricardo Viel. A Pública, 29.07.2019. In: <https://apublica.org/2019/07/o-bolsonarismo-e-o-neofacismo-adaptado-ao-brasil-do-seculo-21>. Acessado em 26.04.2022.

²⁷ POGGI, Tatiana. Fascismo à brasileira, p. 69-99. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

seus eleitores, mesmo não sendo fascistas, não anula que Bolsonaro seja um fascista.²⁸

Entretanto, há quem entenda que o “bolsonarismo” não é um fascismo clássico/histórico, mas no máximo um “fascismo rastaquera”. Para Marco Antonio Villa, na definição clássica de fascismo, o líder é carismático e com oratória, e Bolsonaro não teria essas características. Outra característica seria o nacionalismo, e o presidente brasileiro tem um discurso extremo oposto ao ser subserviente com os EUA. No fascismo italiano há referência histórica, da Roma antiga, o que não há na atual chefia do Executivo federal. No fascismo há partido e manifestações de massa, e Bolsonaro não tem partido e não consegue criar um novo partido, e não consegue a manifestação de massa. No fascismo há uma teoria e relação com o grande capital, e não é o caso do governo atual. No fascismo há uma relação com parte dos intelectuais (integralismo no Brasil contava com intelectuais), sendo que Bolsonaro tem aversão a intelectualidade. Culto da violência e das armas, falta de

²⁸ ARCARY, Valério. Bolsonaro é ou não um neofascista?, p. 101-115. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. Ver ainda DERMIER, Felipe. Democracia e bonapartismo no Brasil pós-golpe, p. 117-133. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019; MOTA, Ana Elizabete. A cultura e as ideologias do consenso no ultraneoliberalismo brasileiro, p. 135-148. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019; GONÇALVES, Guilherme Leite. Crise, expropriações e autoritarismo, p. 149-160. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019; MARCOSIN, Cleier; CAETANO, Mira L. M. Emprego ou direitos: a “escolha de Sofia” dos trabalhadores na contemporaneidade brasileira, p. 161-178. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019; CISLAGHI, Juliana Fiuza. Crise do capital e ultraneoliberalismo: a capitalização da Previdência Social no Brasil, p. 179-204. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019; SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. O protofascismo bolsonarista e a universidade pública no Brasil, p. 205-221. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019; e BEHRING, Elaine Rossetti. Devastação e urgência, p. 223-237. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

solidariedade social, classes-médias frustradas, busca de inimigos internos, reacionarismo contra a contemporaneidade, usa o medo nas redes sociais com fake news, confronto contra as instituições democráticas e contra a Constituição, seriam características fascistas do “bolsonarismo”.²⁹

Madeleine Albright entende que “pequenas agressões, se não forem contestadas, tornam-se maiores, o questionável torna-se aceitável e as vozes contrárias são silenciadas”. Isso não deixa de ser uma característica do governo Bolsonaro, pois seus absurdos vão sendo cada vez mais normalizados no âmbito da sociedade, o que possibilita que um protofascismo se torne um fascismo nos termos muito semelhantes com o que ocorreu na Itália fascista de Mussolini e na Alemanha nazista de Hitler. Ela deixa claro que “aprendemos com a história que fascistas podem alcançar cargos de alto escalão por via eleitoral”, o que ocorreu no Brasil em 2018.³⁰

III.3. NACIONAL-POPULISMO, E NÃO FASCISMO, PARA ROGER EATWELL E MATTHEW GOODWIN

Os professores de política e escritores ingleses, Roger Eatwell e Matthew Goodwin, escreveram o livro “Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal”,³¹ no qual **negam que seja fascismo**³² o movimento atual que levou à eleição de Trump, ao Brexit e a própria eleição

²⁹ VILLA, Marco Antonio. Bolsonaro e o fascismo rastaquera. Youtube. 11.07.2020.

³⁰ ALBRIGHT, Madeleine. Fascismo: um alerta, 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2018, p. 233 e 238.

³¹ EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal. Rio de Janeiro: Record, 2020.

³² Não concordam com pensadores que entendem ser fascismo ou nazismo como Bernard-Henry Lévy, Yale Tim Snyder e Ruth Bem-Ghiat, assim como políticos e meios de comunicação. EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal. Rio de Janeiro: Record, 2020, p. 15.

de Bolsonaro, e o **denominam apenas de “nacional-populismo”**, sendo que “a equação que iguala o populismo ao fascismo tipicamente foca mais no estilo que no conteúdo” e “não vemos líderes como Trump, Bolsonaro, Le Pen ou Wilders como fascistas”.³³ Entretanto, infelizmente, ao tentarem definir fascismo, os autores não aprofundam no tema.

Aduzem que o **nacional-populismo não é sinônimo de extrema-direita**, pois esse seria um termo **mais amplo**, que englobaria movimentos que não buscam ditaduras (Vox na Espanha), terroristas extremistas como na Noruega, direita radical conservadora como Bolsonaro, Viktor Orbán (Hungria) ou na Polônia. Lembram que Bolsonaro declarou que não estupraria a deputada Maria do Rosário porque ela não merecia, disse que preferiria que o filho morresse em um acidente a saber que ele era gay, e que nomeou a pastora evangélica conservadora Damares Alves como Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.³⁴

Para eles seus apoiadores são mais diversos do que o estereótipo do “velho branco raivoso” (matutos, caipiras, maloqueiros e provincianos) e preconceituosos rústicos, pois há também ricos, jovens, LGBTs e não-racistas, sendo uma ampla aliança conservadora. Informam que no Brasil Bolsonaro também atraiu jovens, com muitos o vendo como maneira de superar um conjunto de crises; e eleitores com nível superior e os grupos de renda mais alta, parcialmente como reflexo de que Fernando Haddad é do Partido dos Trabalhadores (PT), um partido forte entre os eleitores mais pobres em anos recentes. Mas parece que os

³³ EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal. Rio de Janeiro: Record, 2020, p. 70 e 74. Entretanto, para Madeleine Albright “a maior parte dos movimentos políticos de importância significativa é populista em algum grau, mas isso não os torna fascistas nem mesmo intolerantes”. ALBRIGHT, Madeleine. Fascismo: um alerta, 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2018, p. 233.

³⁴ EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal. Rio de Janeiro: Record, 2020, p. 91-96.

autores não querem, na verdade, denominar como fascistas todos ou a maioria dos eleitores e apoiadores dos líderes desses movimentos, que seriam apenas conservadores, com razão, mas não convencem quando defendem que esses líderes não são ou não defendam ideais fascistas ou neofascistas.

Para Eatwell e Goodwin os nacional-populistas priorizam a cultura e os interesses da nação e prometem dar voz a pessoas que se sentem negligenciadas e mesmo desprezadas por elites distantes e amiúde corruptas, são fruto de uma revolta crescente contra a política e os valores liberais convencionais. Não seria um movimento antidemocrático, pois não quer destruir nossas instituições políticas centrais, e querem mais democracia como referendos e mais políticos empáticos dispostos a ouvir, suscitam questões democráticas legítimas e se opõem a certos aspectos da democracia liberal, salvo alguns com reações histéricas. Não adentraremos na questão se os movimentos mundiais são ou não fascistas, pois não é o objeto do presente estudo. Entretanto, quando os próprios autores alertam sobre as diferenças na realidade brasileira, parece ficar claro que aqui o movimento bolsonarista tem peculiaridades não democráticas e reacionárias muito próximas de um fascismo, protofascismo ou neofascismo.

Segundo os autores o nacional-populismo é uma ideologia enraizada em correntes duradouras e profundas, e “chegou para ficar”, mesmo surgindo uma geração de *millennials* tolerantes. Sim, concordamos, seja fascismo ou nacional-populismo, a política é um pêndulo (Arthur Schlesinger), com movimentos para a esquerda e para a direita política,³⁵ e por mais que depois que os autores escreveram o livro

³⁵ A história comprova essa teoria do pêndulo na política, com intervalos de tempo diferentes, mas desde as conquistas civilizatórias da Grécia e Roma antigas, os retrocessos na Idade Média, o renascimento e

Trump perdeu as eleições e há derrotas dos movimentos reacionários pelo mundo, sem dúvida essa ideologia poderá voltar forte depois de alguns anos ou décadas.

Eles discordam dos que entendem que esse movimento se iniciou com a recessão de 2008, pois teria surgido antes com a ascensão de Marine Le Pen na França, Matteo Salvini na Itália e Viktor Orbán na Hungria; e criticam o debate binário e simplista de que o problema é economia, e não cultura, ou que é cultura, e não economia. Para Eatwell e Goodwin os defensores do nacional-populismo questionam a erosão do estado-nação e a capacidade das sociedades ocidentais absorverem rapidamente as taxas de imigração e uma “supermudança étnica”, e questionam as sociedades altamente desiguais que deixam grupos inteiros de pessoas para trás, sem um Estado que deveria dar prioridade para o emprego e o bem-estar social. Que apenas alguns nacional-populistas são racistas e xenófobos, em especial com os muçulmanos, e muitos são conservadores, mas com **ansiedades/queixas legítimas**, como:

(a) a natureza elitista da democracia liberal, com a minimização da participação das massas;

(b) imigração e mudanças étnicas e o receio da destruição das comunidades. Lembram que em 2017, pesquisa global da Ipsos-MORI mostrou que a grande maioria sentia que havia imigrantes demais em sua nação e que a imigração estava fazendo com que o país adote costumes dos quais não gosta, mas a menor porcentagem foi no Brasil, com 23%, “embora as questões raciais estejam profundamente enraizadas na história nacional e no desenvolvimento econômico das terras indígenas, não sendo motivadas

o iluminismo, e a posterior decadência no liberalismo econômico e revolução industrial, a melhoria com as políticas de bem-estar social, com o fascismo/nazismo e posteriormente o neoliberalismo e o retorno ao fascismo na atualidade.

pela nova imigração (isso, no entanto, não impediu Bolsonaro de alegar, em 2015, que ‘a escória do mundo está vindo para o Brasil’). Ou seja, nos parece que por mais que Bolsonaro seja fascista, o povo brasileiro não tem, em sua maioria, essa característica fascista/nazista de xenofobia contra imigrantes;³⁶

(c) economia globalizada neoliberal, com privação relativa, desigualdade de renda e de riqueza e a falta de fé em um futuro melhor (“passado era melhor”), sendo que os apoiadores não fazem parte da subclasse branca desempregada, ou dos beneficiários dos programas de bem-estar social (se dependesse do apoio de desempregados bastaria criar empregos), sendo que a maioria não está no degrau mais baixo da escada. Os autores chegam a entender que “embora os nacional-populistas frequentemente pensem de maneiras diferentes sobre a economia, um número crescente deles na Europa defende certos aspectos de políticas tradicionalmente de esquerda, incluindo a expansão do Estado e a promoção do bem-estar social para aqueles nascidos no país, excluindo os imigrantes. Isso está tornando ainda mais difícil para os sociais-democratas de centro-esquerda reconquistarem seus eleitores”³⁷;

(d) eles cada vez mais fracos entre os partidos dominantes tradicionais e as pessoas.

Ao reafirmarem serem contrários chamar os movimentos fascistas de hoje de fascismo, mas sim de nacional-populismo, informam que no **Brasil** o PT, em especial, frequentemente retratou Bolsonaro como fascista, “embora, neste caso, os medos tenham sido intensificados pelo fato de ele possuir forte background militar e ter nomeado vários militares para seu governo”.³⁸ Ao reafirmarem que Trump, Le Pen e Salvini não sinalizam um retorno do fascismo, mas seguem a tradição

³⁶ EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal. Rio de Janeiro: Record, 2020, p. 161.

³⁷ Obra citada, p. 29

³⁸ Obra citada, p. 69

populista, pois operam no interior de sistemas democráticos maduros, mas eles mesmos excepcionalizam o Brasil e a Europa Oriental dessa maturidade democrática.³⁹ Exemplificam dizendo que nos EUA e Europa Ocidental os populistas não defendem o fim das eleições livres e justas, nem falam de concentrar o poder nas mãos de um ditador, mas sim muitos falam de mais poder para o povo. O que parece não ser uma argumentação suficiente, pois eles escreveram isso antes da tentativa de golpe que Trump tentou nos EUA ao não reconhecer a derrota na re-eleição, o que gerou mortes no Congresso Nacional estadunidense, além das tentativas de populistas de direita de concentrar poder na mão do Executivo, ou mesmo de quererem mais poder para o povo, pelo menos no discurso, mas na verdade apenas para o povo de uma nação que eles defendem, sem as minorias políticas, imigrantes, etc.

Por mais que os autores entendam que Bolsonaro seria nacional-populista, e não fascista, os próprios Eatwell e Goodwin, quando tratam do presidente brasileiro, diferenciam dos demais movimentos nacional-populistas ao afirmarem que no Brasil a base social de apoio seja “notadamente diferente”. Mas igualam Trump e Bolsonaro na questão da exploração da imagem de homens fortes autênticos nas mídias sociais, com ataques aos veículos de imprensa e divulgação de fake News. Citam, inclusive, que durante as eleições brasileiras de 2018 a vasta maioria de informações falsas no WhatsApp, que teria 100 milhões de usuários brasileiros, favorecia Bolsonaro.

Informam que “especialmente no Brasil, e em países com frágeis tradições democráticas, muitos comentadores viram a ascensão de políticos como Bolsonaro como sinal de que os apoiadores desejam uma

³⁹ EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal. Rio de Janeiro: Record, 2020, p. 88.

liderança autoritária ou mesmo um governo militar”, mas entendem ser comentários simplistas e pode tornar simplista que seus oponentes voltem ao jogo. Segundo eles, a crise financeira foi somente um dos fatores que levaram ao poder o *outsider* político Bolsonaro, que apenas pouco antes das eleições se filiou ao Partido Social Liberal (PSL, sendo que durante o mandato saiu do partido e recentemente entrou no Partido Liberal - PL), em um país onde segundo os autores há corrupção disseminada entre os principais partidos e a taxa de homicídios é muito mais elevada do que nos EUA:

Muitos de seus apoiadores também foram motivados pela economia liberal e por preocupações sociais de direita, como a hostilidade ao feminismo e aos direitos LGBT, que frequentemente foram associadas à defesa do tradicionalismo cristão. Mesmo sendo deputado federal desde o início da década de 1990, muitos viram Bolsonaro como nova esperança, um salvador nacional. Ele parecia divorciado da corrupção endêmica do país, demonstrada pouco antes pela Operação Lava Jato, que fizera acusações contra empresários e políticos de destaque, incluindo o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (embora, depois que se tornou presidente, numerosas acusações tenham sido feitas à família imediata de Bolsonaro, incluindo as de ligações com gangues paramilitares).⁴⁰

Assim, os autores alertam que a crise financeira de 2008 é importante, mas não é a causa primária, caso contrário a crise do petróleo levaria a reação similar. Mas parece que eles esquecem que a crise dos anos 70 ajudou a levar ao poder no Chile Augusto Pinochet, com uma ditadura sanguinária e aplicação dos ideais neoliberais pela primeira vez em um país. Os autores também defendem que inversamente, países

⁴⁰ “No Brasil, a raiva contra a corrupção foi extremamente importante para levar Bolsonaro ao poder”. EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal. Rio de Janeiro: Record, 2020, p. 130 e 33-37.

como Áustria, Holanda e Suíça, com economias fortes e baixo desemprego, também tiveram a emergência de movimentos nacional-populistas. Parecem demonstrar, com razão, que o motivo não é apenas econômico.

Entendem que não há um fator isolado e em cada país há tradições diferentes, sendo que para eles no Brasil houve um longo governo militar, há corrupção endêmica e violência.

Eatwell e Goodwin entendem que o nacional-populismo questiona a maneira como as elites estão cada vez mais isoladas das pessoas comuns e defende o Estado de Bem-Estar Social. Mas no Brasil, parece ser ao contrário, pois são as elites e seus defensores (a classe-média) que não aceita que os menos favorecidos entrem em aeroportos, shoppings centers e supermercados. Os movimentos fascistas brasileiros, que saíram às ruas contra a presidenta Dilma Rousseff (PT) em 2013, que defenderam o golpe contra Dilma em 2016, que defenderam a Operação Lava Jato para levar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à prisão, sem provas, e que levou à eleição de Jair Bolsonaro (ex-PSL, atual PL) ao poder em 2018, não foram criados contra as elites, pelo contrário, foram as elites que levaram milhões de pessoas contra políticas favoráveis aos menos favorecidos dos governos do Partido dos Trabalhadores que tentava aplicar a Constituição de 1988 no rumo de um Estado de Bem-Estar Social. De qualquer forma, os autores confessam que os nacional-populistas defendem o bem-estar apenas dos membros do país, e não dos imigrantes, o que é muito semelhante com a ideia de nação ariana alemã na qual o Estado não é para todos, mas apenas para os membros da nação.

III.4. CIDADES FASCISTAS

Em todo esse debate, pode-se também incluir as cidades, com uma pergunta importante: há cidades com políticas fascistas? As mesmas características que podem caracterizar um país como fascista podem demonstrar o quanto uma cidade também pode ser fascista, autoritária e antidemocrática, ou pelo menos com uma tendência que essa sociedade tenha uma tendência maior a apoiar políticas fascistas. Uma cidade pode ser considerada fascista ao contar com um fascista na Chefia do Poder Executivo (Prefeito), quando os demais Poderes ou órgãos constituídos forem compostos majoritariamente por fascistas (Poder Judiciário, Poder Legislativo-Câmara Municipal, Tribunal de Contas, Ministério Público e Polícia), ou quando movimentos sociais fascistas ou milícias dominarem a política local.

Foi verificado no presente estudo que para a implementação do fascismo na Itália, os fascistas foram assumindo na força os governos municipais, mas nada impede que os fascistas assumam o Poder por meio de instrumentos formalmente democráticos, como eleições, concursos públicos, comissões de participação popular, etc., normalmente com o apoio da burguesia. Burgueses esses que num primeiro momento, seja por ingenuidade, analfabetismo político ou mau-caratismo apoiam o fascismo, para que os fascistas garantam os privilégios de classe da burguesia, com medidas neoliberais de privatizações, redução de direitos trabalhistas e eliminação dos adversários políticos do capital, mas que depois, acabam se arrependendo quando o fascismo vai contra os próprios interesses dessa burguesia.

Se utilizarmos as características do fascismo, segundo Eco, podem existir cidades fascistas nas quais há culto da tradição (contrárias ao

avanço do saber); tradicionalismo (contra a modernidade, o iluminismo, o racionalismo); a consideração de que qualquer desacordo é traição; medo da diferença, da diversidade e dos “intrusos”; apelo a uma classe-média em crise assustada pela pressão de grupos sociais subalternos; pregação contra os de fora da cidade (xenofobia) ou conspiradores de dentro; sentimento de humilhação pela força do “inimigo” e guerra permanente contra esse inimigo; elitismo popular/de massa, com desprezo pelos fracos; desdém pelas mulheres (machismo) e condenação intolerante a hábitos sexuais não conformistas (da castidade à homossexualidade); populismo qualitativo, pois os indivíduos enquanto indivíduos não têm direitos, o líder se apresenta como o intérprete da vontade comum do povo, que não age por ter perdido seu poder de delegar. Utilizando-se de Mann, cidades cujas políticas de nacionalismo de limpeza e paramilitarismo miliciano, sem diversidade e com racismo, podem ser consideradas cidades fascistas. Aproveitando-se da análise de Stanley, cidades fascistas contarão com ultranacionalismo ético, religioso ou cultural, com estratégias da política de um passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irreabilidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público. Se pensarmos nos estudos de Fariñas Dulce e D`Ambroso, cidades fascistas teriam a soma do fascismo e do neoliberalismo, com manipulação midiática do povo, controle de pensamento pela religião, militarização, *lawfare* e pós-verdade.

Características do fascismo apontadas por Pachukanis como o elitismo, aristocratismo, chauvinismo, nacionalismo, antissemitismo, estão presentes nas cidades brasileiras, mais especificamente em cidades da região sul, dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com forte influência da colonização alemã e italiana, que

acabam aceitando com mais naturalidade as ideologias fascistas e nazistas do século XX. Atualmente há cerca de 530 células nazistas no Brasil, com a maioria delas na região sul do Brasil, sendo que em 2019 havia 334 células (aumento de 58%), em 2015 75 células, e no início dos anos 2000 apenas 10 células. Em números absolutos São Paulo tem o maior número de células (51), seguida de Blumenau/SC (31) e Curitiba/PR (19).⁴¹

Se uma das características do fascismo é a existência de **paramilitarismo miliciano**, cidades com alto índice de milícias são tendentes a apoiar políticas fascistas e, inclusive, eleger políticos fascistas. O município do Rio de Janeiro tem 1/4 dos seus bairros dominados por milícias, sendo 60% do seu território.⁴² Mas as milícias estão organizadas em pelos menos 14 cidades do Estado do Rio de Janeiro,⁴³ assim como em cidades de pelo menos 15 estados brasileiros.⁴⁴ Esse aumento das milícias nas cidades brasileiras se deve muito ao Bolsonarismo, pois no governo federal atual há indivíduos que historicamente elogiaram a atuação dos grupos de extermínio milicianos.⁴⁵

Parte importante da população das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro aderiram ao Integralismo de **Plínio Salgado**, o fascismo

⁴¹ Brasil vive escalada de grupos neonazistas e aumento de inquéritos de apologia do nazismo na PF - 14/08/2021 - Poder - Folha (uol.com.br). Acesso em 29.11.2021.

⁴² Milícias já dominam um quarto dos bairros do Rio de Janeiro, com quase 60% do território da cidade | Atualidade | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Acesso em 10.03.2022.

⁴³ Milícias chegam a 26 bairros do Rio e a outras 14 cidades do estado - Jornal O Globo. Acesso em 10.03.2022.

⁴⁴ Não é só no Rio. Milícias estão em 15 estados de norte a sul do Brasil (metropoles.com). Acesso em 10.03.2022. Ver também Milícias se alastram por pelo menos 11 estados (jusbrasil.com.br). Acesso em 10.03.2022.

⁴⁵ Com bolsonarismo, Brasil convive com o risco de expansão das milícias pelo país - JOTA. Acesso em 10.03.2022.

brasileiro do século XX.⁴⁶ **Curitiba** também foi uma importante apoiadora do fascismo brasileiro, era chamada de “jardim verde” (a cor do Integralismo), sendo que 40 mil paranaenses eram integralistas e nas eleições de 1935 a cidade de Teixeira Soares elegeu o primeiro prefeito integralista brasileiro e Rebouças o segundo.⁴⁷ Nas eleições presidenciais de 1955, enquanto o Brasil elegia Juscelino Kubitschek (PSD), no Paraná a maior votação foi no conservador Adhemar de Barros (PSP), mas em Curitiba quem teve a maior votação foi Plínio Salgado (39,76%), ex-chefe nacional da Ação Integralista Brasileira (AIB), que depois da segunda guerra mundial e a derrota do nazismo e fascismo, participa da eleição pelo Partido de Representação Popular (PRP), com bastante votação também nas cidades de Londrina e Maringá e no oeste e sudoeste do Paraná, que tinha 152 municípios, sendo que o fascista obteve primeiro lugar em 18 cidades (como Ponta Grossa – segundo colégio eleitoral da época, Rio Negro, Cambé e Lapa) e o segundo em 25 municípios (como Londrina – terceiro colégio eleitoral da época, Maringá, Araçongas, Rolândia, Jacarezinho e Cornélio Procopio).⁴⁸ O comício de encerramento da campanha de Plínio Salgado em Curitiba contou com 80 mil pessoas.⁴⁹ Enquanto no Brasil e no mundo o integralismo, o

⁴⁶ Sobre o tema ver DORIA, Pedro. *Fascismo à brasileira - como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o Bolsonarismo*. São Paulo: Planeta, 2020; e *O fascismo no Brasil* | Super (abril.com.br). Acesso em 10.03.2022.

⁴⁷ Eu também fui integralista - Centro de Preservação da Memória do Ministério Público do Estado do Paraná (mppr.mp.br). Acesso em 10.03.2022.

⁴⁸ Plínio Salgado teve 28.931 votos, Adhemar de Barros 18.858, Juarez Távora 11.877 e Juscelino Kubitschek 11.363 votos. SZVARÇA, Décio Roberto; CIDADE, Maria Lúcia. 1955: o voto “verde” em Curitiba. In: *História: questões e debates*. Curitiba, Ano 10, números 18 e 19, junho e dezembro de 1989, pp. 181-211. In: 1989_szvarca_voto_verde_curitiba.pdf (tse.jus.br). Acesso em 10.03.2022.

⁴⁹ GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2020, p. 93.

fascismo e o nazismo eram abominados, o representante fascista nas eleições se sagrou vencedor na capital paranaense.

Mais recentemente, em 2010 Curitiba ganhou um núcleo integralista; em 2013 um grupo neofascista tentou criar uma frente nacionalista de extrema-direita na cidade, que tinha referências ideológicas nítidas no fascismo italiano e no integralismo, mas o Ministério Público do Estado do Paraná proibiu o evento.⁵⁰ E em 2015, a capital do Paraná sediou a fundação de partido inspirado no fascismo e integralismo.⁵¹

Como conclusões parciais, fascismo é um movimento político, e quando assume o poder é um regime de governo, antidemocrático, ditatorial e totalitário, surgido na Itália pós-primeira guerra mundial, sob a liderança de Mussolini, alastrado para a Alemanha nazista de Hitler e vários países europeus e pelo mundo, inclusive com influência no Brasil no período entreguerras (Integralismo) e até os dias de hoje (Bolsonarismo, neofascismo, neonazismo). É uma ideologia não apenas conservadora e reacionária, mas contrária ao Iluminismo, ao Renascimento, à modernidade, ao cosmopolitismo, ao racionalismo, ao liberalismo político e a todas as conquistas advindas dos ideais civilizatórios gregos e romanos antigos, às conquistas revolucionárias burguesas, ao republicanismo, aos direitos fundamentais individuais e sociais e direitos humanos, aos ideais de igualdade e liberdade substanciais, à fraternidade, à democracia liberal e à democracia social (autoritarismo), e à ciência (pela tradição e pelo passado, contra

⁵⁰ GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV, 2020, p. 184 e 185.

⁵¹ Curitiba ganha núcleo integralista (gazetadopovo.com.br). Acesso em 10.03.2022. Curitiba sedia fundação de partido inspirado no fascismo e integralismo - Política em Debate - Bem Paraná (bemparana.com.br). Acesso em 10.03.2022.

mudanças, e pela ação pela ação, sem reflexão); sendo uma ideologia que nunca será evolucionária (reformista) e muito menos revolucionária, pois defende a manutenção do *status quo*.

O fascismo defende uma nação de privilegiados sem a interferência dos inimigos dessa nação, que são as minorias políticas, como as mulheres, negros, indígenas, gays, pobres, deficientes, imigrantes e refugiados, defensores de ideologias de esquerda e centro-esquerda ou pessoas com pensamentos religiosos diferentes dos seus. Defende a liderança de apenas um chefe, o “salvador da pátria”, acima das instituições, sem a divisão de poderes com os demais poderes ou órgãos de controle, estados/províncias/municípios, partidos políticos, oposição, imprensa ou sociedade civil organizada (ONGs, OSCs, conselhos populares, terceiro setor, etc.), um Estado integral sem diversidade (contra o diálogo ou discordâncias que nos fazem crescer). O fascismo ataca a coletivização dos meios de produção e defende um capitalismo radical nos moldes do neoliberalismo, com um Estado **mínimo** na prestação de serviços públicos, na taxação dos ricos, privatizações (nacionalismo entreguista e colonizado), na intervenção da economia e nos gastos sociais para fins de redução de desigualdades e garantia de liberdades reais, e um Estado **máximo** policial por meio do aparato policial, forças armadas e milícia paramilitar para limitação, extermínio ou prisão de seus inimigos, como sindicatos de trabalhadores, políticos contrários ao fascismo e as minorias políticas, e forte também para garantir o lucro do grande capital.

Para atingimento dos seus objetivos o fascismo defende que os privilegiados e seus defensores sejam armados, limitação do poder da Suprema Corte do país (se essa não decide conforme seus interesses), lançamento de notícias falsas (*fake news*), golpes militares, guerras

contra nações inimigas, ataques aos artistas e à ciência, desrespeito a resultados eleitorais contrários, punitivismo contra inimigos-diferentes e proteção aos amigos-iguais. O fascismo cresce mais facilmente entre as massas desiludidas, insatisfeitas, desesperançosas e analfabetas políticas em sociedades em crises econômicas com as conquistas civilizatórias em baixa, humilhados por quem tem mais poder financeiro, político, intelectual ou de sedução (inclusive com ansiedade sexual com receio de que os diferentes contaminem sua nação), inclusive em setores mais privilegiados, mas com receio de perderem poder para pobres, mulheres, negros e indígenas, gays, deficientes, adversários políticos e pessoas com religiões diferentes das suas (assustados pela pressão de grupos sociais subalternos). Assim como o neoliberalismo, em um primeiro momento, o fascismo acaba sendo defendido também por suas vítimas. Mas claro que há graus diferentes de fascismo, sendo que nem todos os regimes e movimentos fascistas contém todas essas características.

Os movimentos fascistas que podem transformar um país em um Estado sob regime de governo fascista, podem também caracterizar uma cidade como fascista, ou pelo menos com tendência fascista, caso seus dirigentes sejam fascistas (prefeitos, vereadores, juízes, policiais, promotores, etc., independentemente de como entraram no poder, por eleições, concurso público ou a força), ou tenham uma sociedade fascista, incluindo seus movimentos sociais, milícias paramilitares, imprensa e igrejas.

Por mais que o fascismo faça um culto ao passado e ao interior, grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, mesmo sendo mais desenvolvidas e cosmopolitas, não estiveram e não estão livres de movimentos fascistas, assim como cidades mais conservadoras e

reacionárias de todas as regiões do país, mas em especial na região sul, como Curitiba e Blumenau, entre outras, onde movimentos fascistas e nazistas foram fortes na história e ainda são nos dias de hoje.

III.5. BOLSONARO E O FASCISMO

Walter Barreto Jr. publicou um livro com as frases absurdas, lunáticas e fascistas de Bolsonaro e de seus familiares, ministros e apoiadores.⁵² Repetiremos algumas dessas frases publicadas na obra. Uma das características do fascismo é a **ditadura**, o **golpe** e o ataque à **Democracia**, e Bolsonaro falou o seguinte sobre esses temas:

“Não há a menor dúvida. Daria **golpe** no mesmo dia, no mesmo dia!” (1999).

“A atual Constituição garante a **intervenção** das Forças Armadas para a manutenção da lei e da ordem. Sou a favor, sim, de uma **ditadura**, de um regime de **exceção**, desde que este Congresso dê mais um passo rumo ao abismo, que no meu entender está muito próximo” (1999).

“O erro da ditadura foi **torturar e não matar**” (2008).

“É mentira que o regime militar foi uma **ditadura**” (2011, sendo que em 2016 ele confessou que foi ditadura).

“31 de março de 1964, devemos, sim, **comemorar** esta data, afinal de contas, foi um novo 7 de setembro, o Brasil merece os valores dos militares de 1964 a 1985” (2016).

“Não houve **golpe** militar em 1964” (2018).

“De acordo com a nossa Constituição, ninguém poderá ser considerado culpado sem uma sentença transitada e julgada. Isso não aconteceu no caso do Coronel Carlos Alberto Brilhante **Ustra**” (2018).

“Eu mostrei, e hoje em dia grande parte da população entende, que o período militar não foi **ditadura**, como a esquerda sempre pregou” (2018, um dia depois de vencer a eleição).

⁵² Segundo BARRETTO JR, Walter. Bolsonaro e seus seguidores: 1.560 frases. São Paulo: Geração: 2021.

“Marechal Castelo Branco, um homem que foi eleito presidente da República do Brasil e tomou posse, tudo à luz da **Constituição** vigente naquele momento” (2019).

“As **forças armadas** sempre estiveram ao lado da democracia e da liberdade” (2019).

“Não foi uma maravilha, nenhum regime é, e onde você viu uma **ditadura** entregar pra oposição de forma pacífica o governo? Não houve ditadura” (2019).

Bolsonaro também já externalizou frases **fascistas** e até nazistas, como se ele fosse o líder fascista brasileiro:

“Costumo dizer que não falo o que o **povo** quer. Sou o que o povo quer” (2016).

“Eu não sou de **extrema-direita**. Sou admirador do presidente Donald Trump. Ele quer a América grande, eu quero o Brasil grande” (2018).

“**Brasil acima de tudo! Deus acima de todos**” (2019, na posse). É o slogan da campanha e nome da coligação de Bolsonaro em 2018, inspirado no lema nazista de Adolf Hitler “Deutschland über alles” (Alemanha acima de tudo).

“Não há dúvida né que o **nazismo** é de **esquerda**? Como é o nome do partido? Partido Nacional Socialista da Alemanha, né?” (2019).

“Podemos perdoar, mas não podemos esquecer o **Holocausto**. Quem esquece seu passado está condenado a não ter futuro” (2019).

“**Eu sou, realmente, a constituição**” (2021).

“**Deus, pátria, família!**” (2021, é o slogan do Integralismo, o fascismo brasileiro dos anos 1930).

Jair Bolsonaro, como um fascista legítimo, também é contrário aos **direitos humanos**:

“Dia Internacional dos Direitos Humanos é dia internacional da **vagabundagem**, os direitos humanos no Brasil só defendem bandidos, estupradores, marginais, sequestradores e até corruptos” (2003).

“Há **excesso** de direitos no Brasil” (2017 e 2018).

“**Preso** não deve ter direito nenhum, não é mais cidadão. O sentido da cadeia não é ressocializar, mas tirar o marginal da sociedade” (2017).

Outra característica do fascismo é ser apoiado pela milícia armada e defender que o aparelho repressivo do Estado mate quem eles chamam de “vagabundos”:

“Há pouco ouvi um parlamentar criticar os **grupos de extermínio**, enquanto o Estado não tiver coragem de adotar a pena de morte, o crime de extermínio, no meu entender, será muito bem-vindo” (2003).

“Esses policiais têm que ser **condecorados**. Policial que não mata não é policial” (2017).

“Se **morrerem** 40 mil bandidos por ano, por ação da polícia, temos que passar para 80 mil. Não há outro caminho. Não dá para combater violência com políticas de paz e amor” (2017).

“O policial entra, resolve o problema e, se matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser **condecorado**, e não processado” (2018).

“O policial, hoje em dia, tem que esperar o bandido atirar para reagir. Por isso queremos mexer no Código Penal” (2018).

O **racismo** é outra característica do fascismo, principalmente do nazismo. Frases de Bolsonaro contra negros e indígenas:

“Ele deveria ir comer um **capim** ali fora para manter as suas origens” (2008, sobre um índio).

“Ô Preta Gil, eu não vou discutir **promiscuidade** com quem quer que seja. Eu não corro esse risco porque meus filhos foram muito bem educados e não viveram em ambientes como lamentavelmente é o teu” (2011, sobre seu filho poder namorar uma mulher negra).

“Quem usa **cota**, no meu entender, está assinando embaixo que é **incompetente**. Eu não entraria num avião pilotado por um cotista. Nem aceitaria ser operado por um médico cotista” (2011, sendo que existe cotas para negros)

“Alguém já viu algum **japonês** pedindo esmola por aí? Porque é uma raça que tem vergonha na cara” (2017).

“Não vai ter um centímetro demarcado para reserva **indígena** ou para **quilombolas**! Nós somos a maioria, nós acreditamos em deus, a cultura judaico-cristã está em nosso meio, nós aqui somos brasileiros” (2017).

“Fui num **quilombola**, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada!! Eu acho que nem para procriar servem mais” (2017).

“Aqui no Brasil não existe isso de **racismo**, tanto é que meu sogro é Paulo Negão e quando eu vi a filha dele não queria saber quem era o pai dela” (2018).

“O português nem pisava na **África**. Foram os próprios negros que entregavam os escravos” (2018).

“Isso não pode continuar existindo. Tudo é **coitadismo**. Coitado do **negro**, coitado da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso” (2018).

“Se eu fosse xenófobo, machista, misógino, **racista**, como é que justifica eu ter ganho as eleições no Brasil? Mentira, fake news” (2021).

“Estou vendo uma **barata**, estou vendo uma barata aqui” (2021, falando com uma pessoa com cabelo black power).

O fascismo e o nazismo tinham um discurso **anticomunista** e **antisocialista** igual ao de Bolsonaro e de seus defensores

“Me coloco diante de toda nação neste dia em que o povo começou a se libertar do **socialismo**, da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto. Não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Essa é a nossa bandeira, que jamais será **vermelha**, só será vermelha se for preciso nosso sangue para mantê-la verde e amarela. O Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas” (2019, no dia da posse).

O fascismo e o nazismo querem a morte, o **exterminio** e a **tortura** de seus **inimigos**, como na II Guerra grande Guerra quando assassinaram e perseguiram judeus, negros, testemunhas de jeová e comunistas:

“**Morreram** poucos. A PM tinha que ter matado mil” (1992 no Massacre do Carandiru).

“Ele merecia isso: pau-de-arara. Funciona. Eu sou favorável à **tortura**. Tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também” (1999).

“Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada, absolutamente nada! Só vai mudar, infelizmente, se um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez: **matando** uns 30 mil, começando pelo FHC, não deixar para fora não, matando! Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente” (1999).

“Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante **Ustra**, o pavor de Dilma Rousseff, o meu voto é sim” (2016, no impeachment/golpe contra a então presidenta). “Era amigo do Coronel Ulstra, ele recebeu a mais alta comenda do Exército, é um herói brasileiro” (2016, sendo que Ulstra foi um torturador na ditadura).

“O erro da ditadura foi **torturar** e não **matar**” (2016).

“Ninguém tem prova de nada. **Suicídio** acontece, pessoal pratica suicídio” (2018, sobre Vladimir Herzog).

“Vamos **fuzilar** a petralhada aqui no Acre” (2018).

“Esses marginais vermelhos serão **banidos** de nossa pátria” (2018).

Bolsonaro, como um legítimo fascista, também é **xenófobo**, com ódio a estrangeiros que não sejam arianos:

“A **escória** do mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver” (2015).

“Vocês estão escancarando as portas do Brasil para tudo quanto é gente, isso vai virar a casa da mão Joana, todo tipo de **escória** vai entrar aqui” (2016).

“O **chinês** não tem coração. Não manda seus homens para o Afeganistão nem para lutar no Iraque. Manda homens de negócios para comprar tudo. A China está garantindo sua segurança alimentar com nossas terras, e vamos nos tornar inquilinos dela” (2017).

“Isso não pode continuar existindo. Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do gay, coitado do **nordestino**, coitado do **pi-auiense**. Vamos acabar com isso” (2018).

“Eu fui **contra** a última lei de imigração nossa, que transformou o Brasil em um país sem fronteiras” (2018).

“A criação de **campo de refugiados**, talvez, para atender aos venezuelanos que fogem da ditadura de seu país. Porque do jeito que estão fugindo da fome e da ditadura, tem gente também que nós **não queremos** no Brasil” (2018).

“Se eu fosse **xenófobo**, machista, misógino, racista, como é que justifica eu ter ganho as eleições no Brasil? Mentira, fake news” (2021)

O fascismo de Bolsonaro é **homofóbico**, com falas contra lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros, e até defende violência contra os LGBTs:

“Não vou bater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou **bater**” (2002).

“O filho começa a ficar assim meio **gayzinho**, leva um **coro** ele muda o comportamento dele. Tá certo? Já ouvi de alguns aqui, olha, ainda bem que levei umas palmadas, meu pai me ensinou a ser homem” (2010).

“Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter **morrido** mesmo” (2011).

“O cara vem pedir dinheiro para mim para ajudar os **aidéticos**. A maioria é por compartilhamento de seringa ou **homossexualismo**. Não vou ajudar porra nenhuma! Vou ajudar o garoto que é decente!” (2011)

“90% desses meninos **adotados** vão ser **homossexuais** e vão ser **garotos de programa** com toda certeza desse casal” (2012).

“Não existe **homofobia** no Brasil” (2013).

“Os gays não são semideuses, a maioria é fruto do consumo de **drogas**” (2014).

“Nenhum pai tem **orgulho** de ter um filho gay” (2015).

“Com o passar do tempo, com as liberalidades, as drogas e as mulheres trabalhando, aumentou bastante o número de **homossexuais**” (2016).

“Na **bíblia** diz que a mulher tem que casar com um homem” (2016).

“Se um idiota num debate comigo, caso esteja lá, falar sobre misoginia, **homofobia**, racismo, **baitolismo**, eu não vou responder isso” (2017).

“Acabaram com nossa alegria de viver, não pode fazer uma brincadeira, uma **piada**, tudo não pode, é preconceito. Tá aí as feministas, tá aí o **LGBT**, as minorias. Uma **desgraça** no Brasil” (2017).

“Eu nunca fui **homofóbico**” (2018).

“Nada tenho contra um **gay**” (2018).

“Isso não pode continuar existindo. Tudo é **coitadismo**. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do **gay**, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso” (2018).

“Isso é uma negação a quem é **cristão**, é uma negação a quem realmente acreditar no ser humano. Ou se nasce homem ou se nasce mulher” (2018).

“Vamos valorizar a **família** e combater a **ideologia de gênero**, conservando nossos valores” (2019, na posse).

Fascistas são **machistas** e **misóginos**, como Bolsonaro deixa claro ser, com defesa, inclusive, do estupro de mulheres:

“Fica aí, Maria do Rosário, fica. Há pouco dias, tu me chamou de estuprador, no Salão Verde, e eu falei que não ia **estuprar** você porque você **não merece**. Fica aqui para ouvir” (2003, empurrando a deputada, a ameaçando de dar uma bofetada e a chamando de vagabunda). “Ela não merece ser estuprada porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar porque não merece” (2014, foi condenado a pagar indenização de R\$ 10 mil). “Não empregaria homens e mulheres com o mesmo **salário**, mas tem muita mulher que é competente” (2016).

“Foram quatro homens, a quinta eu dei uma **fraquejada** e veio uma mulher” (2017).

“Acabaram com nossa alegria de viver, não pode fazer uma brincadeira, uma piada, tudo não pode, é preconceito. Tá aí as **feministas**, tá aí o LGBT, as minorias. Uma **desgraça** no Brasil” (2017).

“Essa declaração de que mulheres devem ganhar menos do que homens no mercado de trabalho não é da minha boca. Botaram na minha conta” (2018).

“Me achem um áudio, uma imagem minha dizendo que mulher tem que ganhar menos do que homem. Não existe” (2018).

“As mulheres de **direita** são mais **bonitas** que as de **esquerda**. Elas não mostram os **peitos** nas ruas e nem **defecam** nas ruas. As mulheres de direita têm mais **higiene**” (2018).

“Isso não pode continuar existindo. Tudo é **coitadismo**. Coitado do negro, coitado da **mulher**, coitado do gay, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso” (2018).

“Vamos valorizar a família e combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores” (2019, na posse).

“Se eu fosse xenófobo, **machista**, **misógino**, racista, como é que justifica eu ter ganho as eleições no Brasil? Mentira, fake news” (2021)

Bolsonaro não é apenas um fascista, mas um fascista-neoliberal, contrário ao Estado de Bem-Estar Social, chegando a ser **aporofóbico** (com ódio a pobres):

“Eu **sonego** tudo que for possível” (1999).

“Quem usa **cota**, no meu entender, está assinando embaixo que é incompetente. Eu não entraria num avião pilotado por um cotista. Nem aceitaria ser operado por um médico cotista” (2011, sendo que existe cotas para **pobres**).

“Porque os mais **pobres** têm **bolsas** (benefícios) que estimulam a terem mais filhos. Então, gente sem cultura acaba tendo mais filhos para ganhar 70 reais por mês” (2014).

O fascismo defende o **punitivismo** e a **pena de morte** e, claro, Bolsonaro segue essa linha:

“E eu também defendo a **pena de morte**. Se levar o cara para a cadeira elétrica ele nunca mais vai matar, e nem vai assaltar” (2014).

“O ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente tem que ser rasgado e jogado na latrina. É um estímulo à **vagabundagem** e à malandragem infantil” (2018).

O fascismo defende o **armamentismo**, o povo armado, e essa é uma das principais bandeiras de Bolsonaro e de seu governo:

“Se eu quiser entrar **armado** aqui, eu entro” (2016, para seguranças numa universidade).

“Você não combate violência com amor, combate com porrada, pô. Se bandido tem pistola, a gente tem que ter **fuzil**” (2017).

“Parabéns a todas as mulheres do Brasil pelo dia da mulher, porque eu defendendo a posse de **armas** de fogo para todos né? Inclusive vocês, obviamente, as mulheres. Nós temos de acabar com o mi-mi-mi. Acabar com essa história de feminicídio, que, daí, com arma na cintura, vai ter é homicídio, tá ok? Valeu, felicidades!” (2017).

“Chega de **frescura**, quando eu era criança brincava de arma o tempo todo. Nas favelas, tem gente de fuzil por todo lado” (2018).

“A arma de fogo, mais do que garantir a vida de uma pessoa, garante a **liberdade**” (2018).

“O **cidadão de bem** merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa” (2019, na posse).

O fascismo alemão, o nazismo, exterminava **deficientes**. E, claro, Bolsonaro e seus seguidores fazem piadas do seu oponente político que não tem um dedo, perdido quando trabalhava:

“Tínhamos outro energúmeno que não sabia contar até dez porque não tinha um **dedo**. Uma vergonha pro nosso Brasil” (2017).

O fascismo mistura religião e político, Estado e Igreja, contra o **Estado Laico**. Bolsonaro já falou o seguinte:

“Somos um país **cristão**. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão” (2017).

O fascismo e o nazismo defendem que as maiorias esmaguem as minorias. Sobre o tema Bolsonaro falou o seguinte:

“As minorias têm que se **curvar** às maiorias. As minorias se adéquam ou simplesmente **desaparecem**” (2017).

“Respeitaremos as minorias, mas quem **mandará** será a maioria” (2017).

“Acabaram com nossa alegria de viver, não pode fazer uma brincadeira, uma piada, tudo não pode, é preconceito. Tá aí as feministas, tá aí o LGBT, as **minorias**. Uma **desgraça** no Brasil” (2017).

O livro mostra todos os absurdos que o governo Bolsonaro fez na pandemia contra a ciência, a vacina e as máscaras, gerando milhares de mortes. O livro mostra as frases sobre o tema. Vou repetir apenas uma frase de Bolsonaro contra os especialistas:

“Sou ignorante em economia, mas foram os especialistas que levaram o país para o buraco” (2017).

Frases de Bolsonaro contra a **educação, cultura** ou pela queima de **livros** como faziam os nazistas:

“O Ministro da Educação tem que ser alguém que chegue com um lança-chamas e toque **fogo** no Paulo Freire” (2018).

“Tá, e daí? Já tá feito, já pegou **fogo**, quer que eu faça o quê? O meu nome é Messias, mas eu não tenho como fazer milagre” (2018).

Se não bastasse ser fascista e neoliberal, Bolsonaro e seu governo está envolvido com **corrupção**, seja na sonegação de impostos, compra de vacinas, a “rachadinha”, envolvimento com milicianos corruptos, entre outras situações que ele tenta acobertar e proibir a transparência e a divulgação. Como não é o tema desse trabalho, cito apenas algumas frases sobre o tema:

“Eu sonego tudo que for possível” (1999).

“Como eu estava solteiro na época, esse dinheiro do auxílio-moradia eu usava pra comer gente” (2017).

“Ninguém recebe ou dá dinheiro sujo com cheque nominal, meus Deus do céu” (2018, defendendo depósitos do miliciano e corrupto Fabrício Queiroz na conta da Primeira Dama Michelle Bolsonaro).

Bolsonaro e seu governo, como um bom fascista, se pauta em **mentiras** e **fake news**, contadas dezenas de vezes por dia. Uma pequena demonstração dos absurdos ditos:

“Gostem ou não gostem, eu sou candidato em 2018. Minha arma são as palavras, minha bomba atômica é a **verdade**” (2016)

“Para o PT, brevemente a **pedofilia** deixará de ser crime” (2017).

“Não empregaria homens e mulheres com o mesmo salário, mas tem muita mulher que é competente” (2016). “Essa declaração de que mulheres devem ganhar menos do que homens no mercado de trabalho **não é da minha boca**. Botaram na minha conta” (2018).

“Vou entregar provas na semana que vem que o **Aécio Neves** ganhou as eleições” (2021).

Como um fascista legítimo, Bolsonaro ainda defende a **castração química** de seres humanos; é um crítico da sociedade civil organizada (**ONGs**), querendo ele ser o líder com contato direto com o povo, e contra instituições internacionais como a **ONU**:

“Eu defendo a castração química para estupradores” (2018).

“Se eu chegar lá, não vai ter dinheiro para ONG. Esses inúteis vão ter que trabalhar” (2017).

“A ONU não serve para nada. É local de reunião de comunistas e gente que não tem compromisso com a América do sul” (2018).

Os fascistas não querem estar adstritos às ordens do Poder Judiciário. Bolsonaro disse o seguinte sobre o **STF** e seus Ministros:

“Temos discutido aumentar para 21 o número de Ministros do STF. É uma maneira de botar dez isentos lá dentro” (2018, prática antidemocrática de aparelhar a Suprema Corte ocorrido em ditaduras).

“A hora do Ministro Alexandre de Moraes vai chegar. Porque está jogando fora das quatro linhas da Constituição há muito tempo. Não pretendo sair das quatro linhas para questionar essas autoridades, mas acredito que o momento está chegando. Não dá para continuarmos com ministro arbitrário, ditatorial” (2021).

“Filho da puta” (2021, para o Ministro Luís Roberto Barroso).

“Não ofendi nenhum ministro do Supremo (2021).

Com a ideia de que o líder fascista conversa diretamente com o povo, sem precisar de intermediários, Bolsonaro é um crítico da **imprensa**:

“A população aprendeu a usar mídias sociais e não confia mais nem acredita na grande imprensa” (2019).

Se está comprovado que Bolsonaro é fascista, há autores que entendem que o governo Bolsonaro apenas será um regime fascista se der um golpe nas eleições de 2022. Bolsonaro falou o seguinte contra o **TSE** e as **urnas eletrônicas, desafiando o resultado das eleições**:

“**Tribunal Superior Eleitoral** entregou códigos de segurança das urnas eletrônicas para a Venezuela e negou acesso para auditores brasileiros” (2018).

“Eu **não aceito** resultado das eleições diferente da minha eleição” (2018).

“O voto eletrônico é um sistema eleitoral que **não existe** em nenhum lugar do mundo” (2018).

“Se a gente não tiver voto **impresso** em 2022, pode esquecer a eleição” (2020).

“Queremos eleições, votar, mas não aceitaremos uma **farsa** como querem nos impor” (2021).

“Sem eleições limpas e democráticas, **não haverá eleição**” (2021).

“Não é apenas porque o povo está dizendo que as urnas eletrônicas não são confiáveis. Uma pesquisa aqui da Jovem Pan, 97%, a resposta é que são favoráveis ao voto **impresso**” (2021).

“Não pensem o ladrão de nove dedos e seus amigos é que vão contar os votos dentro de uma sala secreta” (2021).

Frases de **racistas** e **misóginas** do vice-presidente General Hamilton Mourão:

“Temos uma certa herança da indolência, que vem da cultura indígena. Eu sou indígena, minha gente, meu pai era amazonense. E a malandragem, nada contra viu, mas a malandragem que é oriunda do africano. Esse é o nosso caldinho cultural” (2018)

“Meu neto é um cara bonito, viu ali? Branqueamento da raça” (2018).

“A partir do momento em que a família é dissociada, surgem os problemas sociais. Atacam eminentemente nas áreas carentes, onde não há pai e avô, é mãe e avó. E, por isso, torna-se realmente uma fábrica de elementos desajustados que tendem a ingressar nessas narco-quadrilhas” (2018).

O livro externaliza centenas de frases de parentes, ministros e apoiadores de Bolsonaro com falas fascistas, negacionistas e lunáticas. Seu filho Eduardo também tem falas **misóginas** e antidemocráticas:

“As mulheres de direita são mais bonitas que as de esquerda. Elas não mostram os peitos nas ruas e nem defecam nas ruas. As mulheres de direita têm mais higiene” (2018, do Deputado Eduardo Bolsonaro).

“Cara, se quiser fechar o STF, sabe o que você faz? Você não manda nem um jipe. Manda um soldado e um cabo. Não é querer desmerecer o soldado e o cabo não” (2018, do Deputado Eduardo Bolsonaro).

Damares Alves, Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do governo Bolsonaro, entre outras falas lunáticas e fascistas, já disse o seguinte:

“Não é a política que vai mudar esta nação, é a igreja” (2018).

“Atenção, atenção! É uma nova era no Brasil. Menino veste azul e menina veste rosa” (2019).

No restante do livro as frases são, em sua maioria, sobre a pandemia da COVID e os absurdos falados por Bolsonaro e seus familiares, ministros e apoiadores lunáticos e fascistas, o que levou ao atraso na vacina e milhões de pessoas que tomaram menos cuidados, tomando remédios cientificamente ineficazes, levando a morte de milhões de brasileiros a mais do que se o governo federal fosse eficaz contra o vírus.

Como se vê nas frases e nesses anos de governo, dezenas de falas contra os direitos humanos, de guerra contra o fantasma do comunismo e do socialismo, a defesa da militarização do ensino, contra imigrantes, a favor dos homicídios realizados pelos policiais militares, contra o Estado laico e por um país cristão, defesa dos interesses dos patrões e contra os direitos trabalhistas., ataques contra intelectuais, universidades e artistas, defesa das pessoas armadas, proteção de familiares e amigos milicianos contra denúncias de corrupção, defesa de que seu partido político tenha recebido propina, defesa da sonegação de impostos, negação de que seja nepotista, corrupto ou tenha recebido caixa-dois, etc.

Bolsonaro diz que repudia o nazismo, mas em 1995 defendeu estudantes do Colégio Militar de Porto Alegre que escolheram Hitler como personagem histórico admirado (pois Hitler soube impor ordem e disciplina); em 2015 foi fotografado ao lado de um sócio de Hitler, sujeito que depois se filiou ao PSC, na época o partido de Bolsonaro; em 2021 recebeu deputada da extrema-direita alemã, neta de ex-ministro de Hitler, e posou para foto com ela e admiradores; já disse que se alistaria no exército nazista na Alemanha, por ser obrigatório; já disse que o nazismo era de esquerda, e não de direita; e é apoiado em manifestações por grupos nazistas e neonazistas, inclusive situações como apoio de um membro do Ministério Público que já publicou fotos de propaganda nazista e não refutação por parte de Bolsonaro de apoiador que defendeu a educação nazista. Em 2020, ao divulgar o Prêmio Nacional de Artes, o na época Secretário de Cultura, Roberto Alvim, membro do governo Bolsonaro, usou trechos do discurso de Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda de Hitler (arte brasileira ser tornaria “heroica, nacional e imperativa”), adotou cenário semelhante ao gabinete de Goebbels. Após pressão Bolsonaro o demitiu. Membros do governo e apoiadores já se compraram com os judeus perseguidos pelos nazistas, após investigações da Polícia Federal determinadas pelo STF, o que gerou reação da comunidade judia no sentido de se vitimizarem e ofenderem a memória das verdadeiras vítimas do nazismo, sendo que o governo adota estética e linguagem nazista. Eduardo Bolsonaro, filho de Jair, já chegou a dizer que o comunismo e o socialismo mataram mais do que o nazismo, reclamando que apenas o nazismo seja criminalizado.

CONCLUSÕES

Diante de todo o exposto na presente pesquisa, podemos entender que fascismo é um movimento político de massas não apenas conservador, mas também **reacionário**, **irracional** e **contrário** a todas as conquistas advindas dos ideais civilizatórios gregos e romanos antigos e das conquistas revolucionárias burguesas, do Iluminismo, do Renascimento, da modernidade, do liberalismo político, do constitucionalismo, da Democracia liberal e da social, da República, do Estado de Bem-Estar Social, do Estado de Direito, aos direitos fundamentais individuais e sociais e direitos humanos, aos ideais de igualdade e liberdade substanciais e à fraternidade. Surgiu na Itália pós-primeira guerra mundial, sob a liderança de Mussolini, alastrado para a Alemanha nazista de Hitler e vários países europeus e pelo mundo, inclusive com influência no Brasil no período entreguerras até a atualidade. Essa ideologia **defende** o autoritarismo ditatorial e totalitário, a manutenção do *status quo* (sendo uma ideologia que nunca será evolucionária-reformista e muito menos revolucionária), o extermínio de seus opositores e dos diferentes (pois é contra a diversidade), a violência, o povo armado, as milícias, o militarismo, o tradicionalismo (com a visão de um passado mítico patriarcal com conquistas lideradas por generais patriotas e guerreiros leais e escolha seletiva do passado e abrandamento de eventos históricos negativos), o culto da ação sem reflexão ou crítica, uma nação de privilegiados, com as majorias esmagando as minorias inimigas da nação (desdém pelas minorias

políticas como os pobres, mulheres, negros, indígenas, público LGBT, deficientes, imigrantes e refugiados, defensores de ideologias de esquerda e centro-esquerda ou pessoas com pensamentos religiosos diferentes dos seus), o fim de instituições intermediárias sem a divisão de poderes entre os três Poderes harmônicos e independentes ou com os demais órgãos de controle (tribunais de contas e ministério público), ou com os estados/províncias/municípios, partidos políticos, oposição, sociedade civil organizada (ONGs, OSCs, conselhos populares, terceiro setor, etc.), a burocracia profissionalizada, a imprensa livre e os sindicatos de trabalhadores (ou que essas instituições sejam subservientes aos interesses do fascismo), o apoio acrítico ao líder/chefe que representa os anseios do povo sem esses intermediários, o “salvador da pátria” acima das instituições, um Estado integral sem diversidade (contra o diálogo ou discordâncias que nos fazem crescer); a criminalização da política e dos políticos, que o bom é a “pureza” do rural (contra o cosmopolitismo urbano), o fundamentalismo religioso e a teocracia (contra o Estado laico), entre outros equívocos não civilizatórios. Mas note-se que há graus diferentes de fascismo, sendo que nem todos os regimes e movimentos fascistas contém todas essas características.

Regimes de Governo fascistas podem assumir o poder por meio de golpes ou de eleições, e caminhar para um **Estado** fascista com maior ou menor velocidade, dependendo do desenvolvimento institucional de cada sociedade. É comum que num primeiro momento a **burguesia** defenda o fascismo, para posteriormente se arrepender com os estragos gerados por governos fascistas, assim como ocorre também com as massas. O fascismo é um **movimento de massas** (e não de classes, portanto, sem consciência de classe, sem busca por um interesse comum), massas analfabetas políticas, desiludidas, desesperançosas com a

humanidade, com medo, “contra tudo o que está aí”, supostamente “neutras” ideologicamente, reprimidas socialmente, sexualmente, politicamente e economicamente (são contrárias às explorações do capitalismo liberal, do qual são vítimas, e no início defendem essa ideologia ainda mais perversa contra os trabalhadores, o interesse público e os direitos fundamentais) há décadas ou séculos, vindas de famílias autoritárias e sedentas por uma autoridade, humilhados por quem tem mais poder financeiro, político, intelectual ou de sedução (com ansiedade sexual com receio de que os diferentes contaminem sua nação), inclusive em setores mais privilegiados, mas com receio de perderem poder para pobres, mulheres, negros e indígenas, gays, deficientes, adversários políticos e pessoas com religiões diferentes das suas (assustados pela pressão de grupos sociais subalternos), com a fé numa religião, numa Igreja ou qualquer forma de misticismo, ou na figura de um salvador da pátria; massas apáticas e muitas vezes hostis à vida pública, geradas pela sociedade competitiva de consumo, sensíveis às cores da bandeira mas insensíveis nas questões sociais, o que leva essas massas, muitas vezes de forma inconsciente, a serem ou defenderem posições cruéis, sádicas, sanguinárias e invejosas, contra qualquer ideia de fraternidade com o próximo e com o diferente, contra qualquer ideia de abrir mão de algo fora de seu umbigo, da sua família próxima ou de seu grupo de iguais (mesma cor, religião, etc.), contra a arte, a cultura e a ciência, contra uma educação emancipadora, encarando a vida de maneira mística, irracional e mecanicista.

Muito mais do que uma força radical de extrema-direita contra um radicalismo revolucionário de esquerda, na prática o fascismo surge com mais força em sociedades sem uma esquerda revolucionária forte e com uma centro-esquerda reformista enfraquecida por crises

econômicas ou políticas e sociedades com conquistas civilizatórias em baixa. As **estratégias** fascistas para difundir seu ideário e chegar ao poder são a utilização das liberdades democráticas com o intuito de exterminá-las; apelo às frustrações de uma sociedade despolitizada e com medo; propaganda que oculta seus objetivos problemáticos; falsas acusações de corrupção enquanto se envolvem em práticas corruptas, com a aplicação da lei e da ordem contra seus adversários mas abrandamento com seus iguais (moralismo hipócrita em grau máximo); a comunicação por meio de textos pobres sem a necessidade da imprensa; o discurso da defesa da liberdade, mas com liberdade apenas para os fascistas e não para seus opositores e minorias; o anti-intelectualismo com ataques às universidades, aos artistas e à ciência, ou tentativa do uso de pseudointelectuais para difundir o ideário fascista nesses meios; colocar em dúvida a realidade com mentiras, *fake news* e substituindo a realidade por medo e raiva, o que leva até as vítimas do fascismo e do neoliberalismo a apoiarem esses ideais, pelo menos em um primeiro momento; a defesa da hierarquia e domínio das maiorias privilegiadas sobre as minorias, como se isso fosse uma lei natural ou divina; vitimização contra salvaguardas mínimas, o que chamam de discriminação; política de ansiedade sexual em defesa da masculinidade tradicional e contra qualquer tipo de ameaça, seja a ameaça do negro, do homossexual, do mais inteligente e culto, do judeu mais rico, etc.; o armamento de seus defensores; a limitação do poder da Suprema Corte do país (se essa não decide conforme seus interesses); golpes militares; guerras contra nações inimigas, ataques aos artistas e à ciência, desrespeito a resultados eleitorais contrários, punitivismo contra inimigos-diferentes e proteção aos amigos-iguais.

Os fascistas no poder atacam a coletivização dos meios de produção e defendem um capitalismo radical nos moldes do **neoliberalismo**, independentemente do discurso que os levaram a esse poder, com a defesa do Estado **mínimo** na prestação de serviços públicos, nos gastos sociais (apenas com assistencialismo, sem redução de desigualdades e sem garantia de liberdades reais), na interferência do Estado sobre a economia e na relação de exploração entre patrão e empregado, com privatizações (nacionalismo entreguista e colonizado), redução dos direitos trabalhistas e dos servidores públicos da base, desmonopolizações, desregulamentações, redução de impostos para ricos e grandes fortunas, fim de serviços públicos gratuitos como educação e saúde, etc.; e Estado **máximo, forte e policial** (por meio do aparato policial, forças armadas e milícia paramilitar para limitação, extermínio ou prisão de seus inimigos), na manutenção do *status quo*, da ordem, da propriedade privada, dos privilégios de uma elite financeira ou burocrática, no extermínio de seus opositores, como sindicatos de trabalhadores, movimentos sociais e políticos de esquerda, centro-esquerda e até de centro-direita democráticos e as minorias políticas; na garantia de lucro e do equilíbrio do sistema financeiro e do grande capital; e na defesa da meritocracia mesmo em sociedades desiguais, do individualismo concorrencial do “cada um por si”, e no discurso de quem trabalha não pode sustentar “vagabundos”, com um igualamento entre o fascismo e o neoliberalismo.

Podem existir indivíduos fascistas, grupos ou partidos fascistas, governos fascistas, cidades fascistas e Estados fascistas. Após toda a análise sobre o fascismo e sobre o Presidente Jair Messias **Bolsonaro**, eleito pelo Partido Social Liberal (PSL) e atualmente no Partido Liberal (PL), podemos considerá-lo um fascista, por ele externalizar posições

golpistas, antidemocráticas, racistas, machistas, misóginas, homofóbicas, xenófobas (contra imigrantes, refugiados, nordestinos e povos não-arianos), ultranacionalistas (mas ao mesmo tempo subservientes aos interesses de nações imperialistas), aporofóbicas (horror aos pobres); contra os direitos humanos, o Estado laico, as minorias políticas, a cultura, a ciência, as universidades, os intelectuais; e a favor do neoliberalismo, do extermínio de seus adversários, da morte de quem é mais fraco na pandemia do COVID, da tortura, da militarização do ensino, dos grupos de extermínio, do punitivismo, da pena de morte, do armamentismo, com um discurso lunático de guerra contra o “fantasma do comunismo” e do “perigo do socialismo”, com o discurso anticorrupção mas com o acobertamento de supostos casos de corrupção no seu gabinete, na sua família e no seu governo, defesa de milícias armadas e de milicianos, com a cotidiana propagação de mentiras e *fake news*, com intimidade, encontros e apoios de nazistas e neonazistas, com ameaças contra o Supremo Tribunal Federal e a imprensa e, por fim, com discursos golpistas contra a Justiça Eleitoral, as urnas eletrônicas e com a ameaça de não reconhecer o resultado das eleições de 2022. Podemos definir o governo Bolsonaro como protofascista, entretanto, caso Bolsonaro, sendo ou não reeleito em 2022, realize um golpe para se manter no poder, não reconhecendo o resultado das eleições ou, se for reeleito, pretender contar com mais poder ou um mandato mais extenso, então poderá ser considerado o seu governo como fascista e no rumo da implantação de um Estado brasileiro fascista.

Concluimos no sentido de que o Brasil, que já contou com um movimento fascista forte nos anos 1930, com o Integralismo, e com um movimento neoliberal forte desde os anos 1990 no Século XX, conta hoje com o chamado Bolsonarismo, que nada mais é do que um movimento

fascista-ultraneoliberal em pleno Século XXI, quando imaginávamos que as conquistas do Estado Social e Democrático de Direito previsto na Constituição de 1988 já estavam consolidadas ou pelo menos no caminho de uma implementação ideal. Para finalizar, me utilizando de Mário Quintana, me parece que todos esses que aí estão, atravancando nosso caminho, os fascistas passarão, eu passarinho!¹

¹ “Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...

Eu passarinho!” QUINTANA, Mário. Poeminho do Contra, Caderno H, Mario Quintana: Poesia Completa, Editora Nova Aguilar, p. 257.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Tales. Michel Temer e o fascismo comum. São Paulo: Hedra, 2018.
- AGAMBEN, Giorgio. Estado de exceção. São Paulo: Boitempo, 2004.
- AGOSTINHO, Santo. A cidade de Deus. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.
- ALBRIGHT, Madeleine. Fascismo: um alerta, 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2018.
- ALMEIDA, Fernando Dias Menezes de. As vulnerabilidades da Democracia brasileira. Painel 3 do XXVIII Encontro Nacional de Direito Constitucional, na faculdade de Direito de Ribeirão Preto (FDRP USP), em 19.09.2019. In: <https://youtu.be/jrFwC2qnCSU>. Acesso em 02.12.2020.
- ALMEIDA, Fernando Dias Menezes de. O corpo de doutrina jurídico da Revolução de 1932 e sua influência sobre o regime constitucional brasileiro de 1934. In: MOTA, Carlos Guilherme; SALINAS, Natasha S. C. (Coord.). Os juristas na formação do Estado-Nação brasileiro (de 1930 aos dias atuais). São Paulo: Saraiva, 2010, p. 159-194
- ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir (Org.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- ARCARY, Valério. Bolsonaro é ou não um neofascista?, p. 101-115. In: CISLAGHI, Juliana Fiuzza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.
- ARENDT, Hannah. A condição humana, 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- ARENDT, Hannah. O que é política? Rio de Janeiro: Bertrand, 2018.
- ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARISTÓTELES. A Política. Bauru: Edipro, 1995.

AUGUSTO, Acácio; MARESTONI, Matheus. Bater onde dói... e com força. Prefácio à edição brasileira. In: BRAY, Mark. Antifa: o manual antifascista. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

AVELÃS NUNES, António José. Neoliberalismo e direitos humanos. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.

BANDEIRA DE MELLO, Celso Antônio. A democracia e suas dificuldades contemporâneas. *Revista de Direito Administrativo*, n. 212, p. 57-70.

BARRETTO JR, Walter. Bolsonaro e seus seguidores: 1.560 frases. São Paulo: Geração: 2021.

BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BEHRING, Elaine Rossetti. Devastação e urgência, p. 223-237. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

BELLA CIAO. Canção popular italiana de autor desconhecido.

BERLIN, Isaiah. Uma mensagem para o século XXI.

BERTONHA, João Fábio. Fascismo e antifascismo italianos: ensaios. Caxias do Sul: Educus, 2017.

BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política, 12ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

BOBBIO, Norberto. O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BODIN, Jean. Os seis livros da República. São Paulo: Ícone, 2011.

BONAVIDES, Paulo. Ciência Política, 23ª ed. São Paulo: Malheiros, 2016.

Brasil vive escalada de grupos neonazistas e aumento de inquéritos de apologia do nazismo na PF - 14/08/2021 - Poder - Folha (uol.com.br). Acesso em 29.11.2021.

BRAY, Mark. Antifa: o manual antifascista. São Paulo: Autonomia Literária, 2019, p. 249-266.

BUENO, Roberto. Introdução ao pensamento e à obra de Carl Schmitt. Youtube do Sistema de Justiça e Estado de Exceção, Grupo de pesquisa Sistema de Justiça e Estado de Exceção da PUC/SP, do professor responsável Pedro Serrano. 10.08.2020.

BURKE, Edmund. Reflexões sobre a revolução em França. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

CALDAS, Camilo Onoda. Teoria Geral do Estado. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.

CALIL, Gilberto. Gramsci e o fascismo, p. 47-67. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

CARDOSO, Pedro. Pedro Cardoso Eu Mesmo: em busca de um diálogo contra o fascismo brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CASARA, Rubens R. R. Apresentação. In: TIBURI, Marcia. Como conversar com um fascista, 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016, p. 11-15.

CISLAGHI, Juliana Fiuza. Crise do capital e ultraneoliberalismo: a capitalização da Previdência Social no Brasil, p. 179-204. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. Apresentação: o desigual e combinado Brasil sob o neofascismo de Bolsonaro, p. 11-15. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

COBOS, Emilio Pradilla. Los territorios del neoliberalismo en América Latina: compilación de ensayos. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2009; SADER, Emir, GENTILI, Pablo. Pós-neoliberalismo II: que Estado para que democracia?, 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

Com bolsonarismo, Brasil convive com o risco de expansão das milícias pelo país - JOTA. Acesso em 10.03.2022.

- COSTA, Marcelo Timotheo da. Deus é de direita? Alceu Amoroso Lima encontra a Escola de Teologia do Saulchoir. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 233-258.
- Curitiba ganha núcleo integralista (gazetadopovo.com.br). Acesso em 10.03.2022.
- Curitiba sedia fundação de partido inspirado no fascismo e integralismo - Política em Debate - Bem Paraná (bemparana.com.br). Acesso em 10.03.2022.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. Elementos de Teoria Geral do Estado, 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1998.
- DE FELICE, Renzo. Explicar o fascismo. Edições 70, 1976.
- DERMIER, Felipe. Democracia e bonapartismo no Brasil pós-golpe, p. 117-133. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.
- DORIA, Pedro. Fascismo à brasileira - como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o Bolsonarismo. São Paulo: Planeta, 2020.
- DULCE, María José Fariñas; D'AMBROSO, Marcelo José Ferlin. Neofascismo e o capitalismo do 1%. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.
- DUMÉNIL, Gérard, LÉVY, Dominique. A crise do neoliberalismo. São Paulo: Boitempo, 2014.
- DWORKIN, Ronald. A virtude soberana: a teoria e a prática da igualdade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- ECO, Humberto. O fascismo eterno. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- Eu também fui integralista - Centro de Preservação da Memória do Ministério Público do Estado do Paraná (mppr.mp.br). Acesso em 10.03.2022.
- FALASCA-ZAMPONI, Simonetta. Fascismo e estética. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 45-66.

FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo – novas e antigas ideias. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 11-28.

FARÍAS, Víctor. Heidegger e sua herança: o neonazismo, o neofascismo e o fundamentalismo islâmico. São Paulo: É Realizações, 2017.

FERRAZ JÚNIOR, Tércio Sampaio. Constituição Brasileira: modelo de Estado, Estado Democrático de Direito, objetivos e limites jurídicos. In: Constituição Brasileira, p. 63-83.

FERREIRA, Bernardo. Sob o véu de fórmulas inalteradas: o conceito de Estado Total em Carl Schmitt. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 101-123.

FIGUEIREDO, Marcelo. Teoria Geral do Estado, 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

FINCHELSTEIN, Federico. Federico Finchelstein explica o que é fascismo. Programa Conexão 247 no canal do Youtube TV 247. In: <https://youtu.be/t2nHGftphI>. Acesso em 19.04.2022.

FINCHELSTEIN, Federico. Prefácio à edição brasileira. In: FINCHELSTEIN, Federico. Uma breve história das mentiras fascistas. São Paulo: Vestígio, 2020.

FINCHELSTEIN, Federico. Uma breve história das mentiras fascistas. São Paulo: Vestígio, 2020.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder, 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GANSEL, Dennis. A onda. Filme, Alemanha, 2008.

GANSEL, Dennis. Nós somos a onda. Séria da Netflix, Alemanha, 2020.

GENTILE, Emilio. Quem é fascista? Guerra & Paz, 2019.

GENTILE, Giovanni. Origini e dottrina del fascismo. Quaderni dell' Istituto nazionale fascista di cultura. Libreria del Littorio, 1990.

- GONÇALVES, Guilherme Leite. Crise, expropriações e autoritarismo, p. 149-160. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV, 2020.
- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- HAMILTON, Alexander. O federalista. Brasília: Universidade de Brasília, 1984.
- HARVEY, David. O enigma do capital: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011.
- HAYEK, Friedrich August von. Direito, legislação e liberdade: uma nova formulação dos princípios liberais de justiça e economia política. São Paulo: Visão, 1985.
- HEGEL. Princípios da Filosofia do Direito, 2ª ed. Martins Fontes, 1976.
- HIGGINS, Mary. Prefácio à edição em língua inglesa. In: REICH, Wilhelm. Psicologia de massas do fascismo, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. XI-XIII.
- HITLER, Adolf. Minha luta. São Paulo: Centauro, 2001.
- HOBBES, Thomas. Leviatã. São Paulo: Abril, 1974.
- HORTA, Fernando. Decifrando o fascismo. Youtube do Ópera Mundi. Aula de 30.06.2020.
- JUDT, Tony. O mal ronda a terra: um tratado sobre as insatisfações do presente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- KANT, Emmanuel. Doutrina do Direito. São Paulo: Ícone.
- KROPOTKIN, Piotr. A anarquia: sua filosofia, seu ideal. São Paulo: Imaginário, 2001.
- LEMKE, Thomas (2001). 'The birth of bio-politics': Michel Foucault's lecture at the Collège de France on neo-liberal governmentality'. *Economy and Society*. Volume 30. Number 2. 190-207.
- LENIN, Vladimir Ilitch. O Estado e a Revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. A ideia de democracia na atualidade. Palestra na UFBA em 14.06.2019. Youtube do Jornal Grande Bahia. Acessado em 23.09.2020.

LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. Apresentação. In: LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo (Coord.). A influência de Dalmo Dallari nas decisões dos tribunais. São Paulo: Saraiva, 2011, p. 9-14.

LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. Globalização, regionalização e soberania. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2004.

LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. Pressupostos materiais e formais da intervenção federal no Brasil, 2ª ED. Belo Horizonte, 2018.

LOCKE, John. Segundo tratado sobre o governo. São Paulo: Abril, 1973.

LOFF, Manuel. O bolsonarismo é o neofascismo adaptado ao Brasil do século 21. Entrevista concedida a Ricardo Viel. A Pública, 29.07.2019. In: <https://apublica.org/2019/07/o-bolsonarismo-e-o-neofacismo-adaptado-ao-brasil-do-seculo-21>. Acessado em 26.04.2022.

LUTERO, Martinho. Sobre a autoridade secular. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MAGALHÃES, Juliana Paula. Análise estrutural do fascismo: breves apontamentos. In: https://blogdaboitempo.com.br/2020/11/03/analise-estrutural-do-fascismo-breves-apontamentos/#_ednref12. Acesso em 18.05.2022.

MAGALHÃES, Juliana Paula. Orelha. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, orelha.

MAGALHÃES, Mário. Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MANN, Michael. A ascensão e a queda do fascismo. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 29-43.

MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. São Paulo: Abril, 1973.

- MARCOSIN, Cleier; CAETANO, Mira L. M. Emprego ou direitos: a “escolha de Sofia” dos trabalhadores na contemporaneidade brasileira, p. 161-178. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.
- MARTINS, Ricardo Marcondes. Estudos de Direito Administrativo Neoconstitucional. São Paulo: Malheiros, 2015.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MASCARO, Alysson Leandro. Prefácio. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 9-24.
- MASCARO, Alysson; MAGALHÃES, Juliana Paula. Fascismo, de Pachukanis. Youtube da TV Boitempo. 05.11.2011. In: <https://www.youtube.com/watch?v=-aKEXFQiWoc>, acessado em 04.01.2021
- MATTOS, Marcelo Badaró. Mais que uma analogia: análises clássicas sobre o fascismo histórico e o Brasil de Bolsonaro, p. 17-45. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.
- Milícias chegam a 26 bairros do Rio e a outras 14 cidades do estado - Jornal O Globo. Acesso em 10.03.2022.
- Milícias já dominam um quarto dos bairros do Rio de Janeiro, com quase 60% do território da cidade | Atualidade | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Acesso em 10.03.2022.
- MILL, John Stuart. O governo representativo. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.
- MONTESQUIEU. Do espírito das leis. São Paulo: Abril, 1973.
- MORAES, Luís Edmundo de Souza. O NSDAP no Brasil: problemas de pesquisa. In: PARADA, Maurício (Org.). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 201-231.
- MORAES, Maria Lygia Quartim de. Prefácio. In: ZETKIN, Clara. Como nasce e morre o fascismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- MOSSE, George. A Crise da Ideologia Alemã: origens intelectuais do Terceiro Reich.

MOTA, Ana Elizabete. A cultura e as ideologias do consenso no ultraneoliberalismo brasileiro, p. 135-148. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

MURGIA, Michela. Instruções para se tornar um fascista. Belo Horizonte: Ayiné, 2019.

MUSSOLINI, Benito. Fascismo: a doutrina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Não é só no Rio. Milícias estão em 15 estados de norte a sul do Brasil (metropoles.com). Acesso em 10.03.2022. Ver também Milícias se alastram por pelo menos 11 estados (jusbrasil.com.br). Acesso em 10.03.2022.

NEGRI, Antonio. Primeiras observações sobre o desastre brasileiro: o caminho democrático para o fascismo. Revista Cult em 29.11.2018. In: <https://revistacult.uol.com.br/home/>. Acesso em 08.02.2019.

NESTER, Alexandre Wagner. Regulação e planejamento: a criação do Pro-Reg. In: MOREIRA, Egon Bockmann; MATTOS, Paulo Todescan Lessa. Direito Concorrencial e Regulação Econômica. Belo Horizonte: Fórum, 2010, pp. 467-480.

O fascismo no Brasil | Super (abril.com.br). Acesso em 10.03.2022.

O neoliberalismo na América Latina. Carta dos Superiores Provinciais da Companhia de Jesus da América Latina - documento de trabalho. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

ORWELL, George. O que é fascismo? E outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PACHUKANIS, Evguiéni B. A crise do capitalismo e as teorias fascistas do Estado. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020.

PACHUKANIS, Evguiéni B. Como os sociais-fascistas falsificaram os soviets na Alemanha. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020.

PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020.

PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020.

- PACHUKANIS, Evguiéni B. Para uma caracterização da ditadura fascista. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. *Fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- PARADA, Maurício. Das cinzas ao paraíso: o fascismo austríaco e a trajetória de Otto Maria Carpeaux. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 259-269.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.
- POGGI, Tatiana. Fascismo à brasileira, p. 69-99. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. *O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.
- POPPER, Karl. *A sociedade aberta e os seus inimigos*. Lisboa: Almedina, 2019.
- PRONER, Carol. Prólogo. DULCE, María José Fariñas; D'AMBROSO, Marcelo José Ferlin. *Neofascismo e o capitalismo do 1%*. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.
- PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; RICOBOM, Gisele; DORNELLES, João R. (Org.). *Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula*. Bauru: Canal 6 Editora, 2017.
- PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; TENENBAUM, Marcio; RAMOS FILHO, Wilson (orgs.). *A resistência ao golpe de 2016*. Bauru: Canal 6, 2016. ROVAL, Renato. *Golpe 16*. São Paulo: Publisher Brasil, 2016.
- QUINTANA, Mário. Poeminho do Contra, Caderno H, Mario Quintana: *Poesia Completa*, Editora Nova Aguilar, p. 257.
- RANGE, Peter Ross. *1924º ano que criou Hitler*. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.
- RANIERI, Nina. *Teoria do Estado: do Estado de Direito ao Estado Democrático de Direito*, 2ª ed. Barueri: Manole, 2019.
- READ, Jason (2009). "A Genealogy of Homo-Economicus: Neoliberalism and the Production of Subjectivity". *Foucault Studies*, No 6, pp. 25-36.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social*. São Paulo: Abril, 1973.

SCARRONE, Marcello. Entre a guerra e a paz. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 171-200.

SCHMITT, Carl. *La Dictadura. Desde los comienzos del pensamiento moderno de la soberania hasta la lucha de classes proletária*. Alianza Editorial Textos, Madrid, 2009.

SCURATI, Antonio. *O filho do século*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e a sociedade civil: cultura e educação para a Democracia*, 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. O protofascismo bolsonarista e a universidade pública no Brasil, p. 205-221. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe. *O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Cultura operária e resistência antifascista no ocaso da República de Weimar (1919-1933)*. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 125-169.

SILVA, José Afonso da. *Curso de Direito Constitucional Positivo*, 25ª ed. São Paulo: Malheiros, 2005.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. *A universalidade parcial dos direitos humanos*. Trabalho apresentado originalmente para seminário em Quito, Equador, organizado pelo Instituto Latino-americano de Serviços Legais Alternativos, 1994. Publicado em espanhol na Série Documentos de ILSA, Bogotá. Corrigido para o Seminário Internacional “Ciência, cientistas e tolerância”.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. *O renascer dos povos indígenas para o direito*. Curitiba: Juruá, 1998.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

STRASSER, Todd. *A onda*. São Paulo: Record, 2020.

STRECK, Lenio Luiz; MORAIS, José Luis Bolzan de. *Ciência Política e Teoria Geral do Estado*, 8ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2014.

- STRECK, Lenio Luiz; MORAIS, José Luis Bolzan de. *Ciência Política e Teoria Geral do Estado*, 3ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2003.
- SUANZES-CARPEGNA, Joaquín Varela; SARASOLA, Ignacio Fernández. Leis fundamentais e democracia orgânica (aproximação ao ordenamento jurídico-político franquista). In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, pp. 67-100.
- SZVARÇA, Décio Roberto; CIDADE, Maria Lúcia. 1955: o voto “verde” em Curitiba. In: *História: questões e debates*. Curitiba, Ano 10, números 18 e 19, junho e dezembro de 1989, pp. 181-211. In: 1989_szvarca_voto_verde_curitiba.pdf (tse.jus.br). Acesso em 10.03.2022.
- TABER, Mike; RIDDELL, John. Introdução. In: ZETKIN, Clara. *Como nasce e morre o fascismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- TIBURI, Marcia. *Como conversar com um fascista*, 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- TIBURI, Marcia. *Como derrotar o turbotecnocratonazifascismo ou seja lá o nome que se queira dar ao mal que devemos superar*. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. São Paulo: Abril, 1973.
- TOGLIATTI, Palmiro. *Lições sobre o fascismo*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- TOMELIN, Georgio. *O Estado Jurislador*. Belo Horizonte: Fórum, 2018.
- TRÓTSKI, Leon. *Fascismo: o que é e como combatê-lo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- TROTSKY, Leon. *Os pactos de Stálin com Hitler*. Sobrado Verde, 2013.
- VALIM, Rafael. *Estado de Exceção: a forma jurídica do neoliberalismo*. São Paulo: Contracorrente, 2017.
- VALIM, Rafael. *Estado de Exceção: a forma jurídica do neoliberalismo*. São Paulo: Contracorrente, 2017.
- VILLA, Marco Antonio. *Bolsonaro e o fascismo rastaquera*. Youtube. 11.07.2020.

VIOLIN, Tarso Cabral. *As agências reguladoras no direito brasileiro: aspectos gerais, suas licitações e respectivas contratações, e o regime jurídico dos servidores*. Monografia (Especialização em Direito Administrativo) – IBEJ, 2001.

VIOLIN, Tarso Cabral. *Democratização dos Meios de Comunicação: Estado, Direito e Políticas Públicas*. Porto Alegre: Fi, 2020.

VIOLIN, Tarso Cabral. *Lawfare e Fascismo*. In: RAMINA, Larissa. (Org.). *Lawfare: guerra jurídica e retrocesso democrático*. Curitiba: Íthala, 2022, p. 233-261.

VIOLIN, Tarso Cabral. *Neoliberalismo e a Constituição Social*. In: Daniel Wunder Hachem; Emerson Gabardo; Eneida Desiree Salgado. (Org.). *Direito Administrativo e Suas Transformações Atuais*. 1ed. Curitiba: Íthala, 2016, v. 1, p. 227-.

VIOLIN, Tarso Cabral. *Terceiro Setor e as Parcerias com a Administração Pública: uma análise crítica*, 3ª ed. Belo Horizonte: Fórum, 2015.

VIOLIN, Tarso Cabral; MACHADO, Isabele Amorim. *O fim da democracia e a escalada para o fascismo*. In: Eduardo Bordas; Edgar Guimarães; Justo Reyna; Emerson Gabardo. (Org.). *A existência digna e a Administração Pública do Século XXI*. 1ed. Curitiba: Íthala, 2019, v. 1, p. 179-191.

WEBER, Max. *A política como vocação*. In: WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

WEBER, Max. *Duas Vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*, 4ª ed. Brasília: UnB, 2000.

ZETKIN, Clara. *Como nasce e morre o fascismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019. ¹

¹ Sobre o tema da presente pesquisa ainda é possível consultar a seguinte literatura: ADORNO, Sérgio. *Os Aprendizados do Poder*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988. ADORNO, Theodor W. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. ADORNO, Theodor W. *Liderança democrática e manipulação de massas*. ADORNO, Theodor W. *Ensaio sobre la propaganda fascista*. ARRAIS, R. de Monte (1943). "Da origem e estrutura dos poderes na Constituição de 1937". *Cultura Política*, v. 3, n. 35, p. 79-98. BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito da História*. BENJAMIN, Walter. *Teorias do fascismo alemão*. BERCOVICI, Gilberto (Org.). *Cem Anos da Constituição de Weimar (1919-2019)*. São Paulo: Quartier Latim, 2019. BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*, 9ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. BOBBIO, Norberto. *Do Fascismo à Democracia: os Regimes, as Ideologias, os Personagens e as Culturas Políticas*. Organização de Michelangelo Bovero. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. BOBBIO, Norberto. *Estado, governo, sociedade: por uma teoria geral da política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. DELEUZE; GUATTARI. O

Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. FOUCAULT. Las redes del poder. FELICE, Renzo de. Explicar o Fascismo. FERRAJOLI, Luigi. Democracia y garantismo. GOLDENSOHN, Leon. As entrevistas de Nuremberg Capa comum. GOLDBACH, Daniel Jonah. Os Carrascos Voluntários de Hitler. Companhia das Letras, 1997. GRAMSCI, Antonio. Artigo no jornal L'Ordine Nuovo. GRIFFIN, Roger. The Nature of Fascism. Oxford: Routledge, 1993. HARRIS, Whitney R. Tyranny on Trial: The Evidence at Nuremberg. 1970. HOBBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. HUXLEY, Aldous. Admirável mundo novo, 22ª ed. São Paulo: Globo, 2014. KERSHAW, Ian. Hitler – um perfil do poder. KONDER, Leandro. Introdução ao fascismo. Rio de Janeiro: Graal, 1977. LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. A ideia de democracia no mundo contemporâneo. In: COELHO, Marcus Vinícius Furtado (Coord.). A Constituição entre o direito e a política: o futuro das instituições: estudos em homenagem a José Afonso da Silva. 1. ed. Rio de Janeiro: GZ, 2018, p. 101-112. LEWANDOWSKI. Proteção dos Direitos Humanos na Ordem Interna e Internacional. LIPSET, Seymour. *Political Man: The Social Bases of Politics*. LUKÁCS, G. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. In: O jovem Marx e outros escritos de filosofia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007a, p. 225-245. LUKÁCS, G. As tarefas da filosofia marxista na nova democracia. In: O jovem Marx e outros escritos de filosofia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007b, p. 55-87. LUKÁCS, G. Concepção aristocrática e concepção democrática do mundo. In: O jovem Marx e outros escritos de filosofia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007c, p. 25-53. LUKÁCS, G. Conversando com Lukács. São Paulo: Instituto Lukács, 2014. LUKÁCS, G. Existencialismo ou marxismo. São Paulo: Senzala, 1967. LUKÁCS, G. Marx e o problema da decadência ideológica. In: Marxismo e teoria da literatura. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 51-103. LUKÁCS, G. Para uma ontologia do ser social II. São Paulo: Boitempo, 2013. MANDEL, Ernest. Sobre o fascismo. MANN, Michael. Fascistas. MARCUSE, Herbert. O Estado e o Indivíduo no Nacional-Socialismo. MARIÁTEGUI, José Carlos. As origens do fascismo. MASCARO, Alysso Leandro. Estado e forma política. São Paulo: Boitempo, 2013. MASCARO, Alysso Leandro. O marxismo e Weimar. In: BERCOVICI, Gilberto (Org.). *Cem Anos da Constituição de Weimar (1919-2019)*. São Paulo: Quartier Latim, 2019, p. 71. NOLTE, Ernst; FURET, François. Fascismo e comunismo. NOVACK, George. Democracy and Revolution. PASOLINI, Pier Paolo. Escritos corsários. PAXTON, Robert. O. Anatomia do fascismo. POGGI, Tatiana. Faces do extremo. POLANYI, Karl. Sobre o fascismo. Terra Sem Amos. POULANTZAS, Nicos. Ditadura e fascismo. REALE, Miguel (1934). O Estado moderno: liberalismo, fascismo, integralismo. Rio de Janeiro: José Olympio. 1937. REALE, Miguel. Teoria do direito e do Estado. 3ª ed. São Paulo, Martins, 1970. REES, Laurence. Auschwitz. REICH, Wilhelm. Escute, Zé-Ninguém! Martins Fontes, 2007. ROSENBERG, Alfred Ernst. O Mito do Século XX. SASSON, Donald. Mussolini e a ascensão do fascismo. SCHOLZ, Roswhita. Prefácio. Tradução de Fábio T. Pitta e Mariana Kuntz. In: KURZ, Robert. *A democracia devora seus filhos*. Tradução de Daniel Cunha. Rio de Janeiro: Consequência, 2020. SEMERARO, Giovanni. Gramsci e a sociedade civil: cultura e educação para a Democracia, 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999. SHIRER, William L. Ascensão e Queda do Terceiro Reich. SOARES, Luiz Eduardo. Dentro da noite feroz: o fascismo no Brasil. SWEEZY, Paul. Teoria do desenvolvimento capitalista. TALMON, J. L. The origins of totalitarian democracy. London, Secher and Wal-bury, 1952. TRINDADE, Héglio. Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 1930.



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org

contato@editorafi.org